



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Programa de Pós-Graduação em  
Políticas Públicas e Formação Humana

Andrea Paola Moure

**Os Ingovernáveis: uma análise de modos de viver e cuidar no  
encontro com crianças e adolescentes em situação de rua**

Rio de Janeiro  
2023

Andrea Paola Moure

**Os Ingovernáveis: uma análise de modos de viver e cuidar no  
encontro com crianças e adolescentes em situação de rua**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues

Rio de Janeiro  
2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M931 Moure, Andrea Paola  
Os Ingovernáveis: uma análise de modos de viver e cuidar no encontro com  
crianças e adolescentes em situação de rua/ Andrea Paola Moure. – 2023.  
127 f.

Orientadora: Heliana de Barros Conde Rodrigues  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Centro de Educação e Humanidades.

1. Jovens em situação de rua - Teses. 2. Infância - Teses. 3. Psicologia –  
Teses. I. Rodrigues, Heliana de Barros Conde. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades. III. Título.

ml CDU 362.74

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Data

Andrea Paola Moure

**Os Ingovernáveis: uma análise de modos de viver e cuidar no encontro com crianças e adolescentes em situação de rua**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 02 de junho de 2023.  
Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Esther Maria de Magalhães Arantes  
Faculdade de Educação – UERJ

---

Prof. Dr. Eder Amaral e Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

---

Dra. Aline Ribeiro Nascimento  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Dra. Paula Kwamme Latge  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro  
2023

## AGRADECIMENTOS

A Heliana, mi querida orientadora, profesora y referencia de estos últimos 10 años de formación. Gracias, por el apoyo, por la lectura cuidadosa, por los comentarios y las recomendaciones que reimpulsionaron la escrita en los diferentes momentos. Por el cariño y el acogimiento durante todo el doctorado.

A los profesores que integran la Banca, por el intercambio y el diálogo que posibilitó este proceso.

A los compañeros del grupo de investigación, no fue fácil construir un espacio de discusión y pensamiento, en años tan devastadores, donde una pandemia atravesó nuestros encuentros.

A las queridas colegas de ERIJAD (especialmente, a Laura, a Julio, a Erica, a Paula, a Ana Carmen e a Juliana), porque de un invento, como se decía de ERIJAD, surgió un espacio de trabajo y lucha potente, de reconocimiento y de acompañamiento en relación a otras vidas.

A las niñas, niños y adolescentes que acompañé durante esa experiencia, los ingobernables, por las provocaciones, por permitir el encuentro y la posibilidad de conocerlos.

A las amigas que fueron la red que me banco en estos años, por cuidar de mis hijas, mientras escribía, estudiaba y daba el contorno posible a este texto. Especialmente, a Debora, Rosa, Marina, Kenia e Laura.

A mi mamá, por acompañar y apoyar esta caminata, mismo a kilómetros de distancia.

A Julia y Helena, pequeñas ingobernables, por la fuerza que trajeron para este proceso. Es con ustedes que afirmo la vida y en esta pequeña aventura que fue escribir una tesis de doctorado, ustedes estuvieron conmigo.

## RESUMO

MOURE, Andrea Paola. **Os Ingovernáveis**: uma análise de modos de viver e cuidar no encontro com crianças e adolescentes em situação de rua. 2023. 127 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

Esta tese é produto de meu percurso no Doutorado no Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ e apresenta as diferentes modulações dos trajetos desenvolvidos durante quase 6 anos. Descreve um processo que começou com a apresentação de um cenário de prática profissional, relatando cenas de uma experiência que resultaram problemáticas, a partir da metodologia do diário de campo. A pesquisa desenha um modo possível de analisar a prática da psicologia no encontro com crianças e adolescentes em situação de rua. A partir das ferramentas da Análise Institucional se propõe pensar a psicologia e a infância como analisadores. Desde essa perspectiva, colocam-se em análise as implicações da pesquisadora que permeiam a pesquisa toda. O primeiro trajeto da pesquisa me levou à construção da primeira pergunta orientadora: que práticas de governo existiam durante essa experiência e quais foram os movimentos de desobediência e as recusas possíveis frente a isso? A pesquisa bibliográfica me aproximou ao corpo de conhecimentos que oferece a Análise Institucional e a conceituação apresentada por Michel Foucault sobre as práticas de governo. O segundo trajeto levanta uma problematização sobre os modos de infantilização na atualidade: como se infantilizam as crianças, a própria psicologia e, também, uma cidade. Os intercessores para abordar esses problemas foram René Schérer e Guy Hocquenghem, com o livro *“Coire, album systématique de l’enfance”* (1976), traduzido pelo professor Eder Amaral, e parte da obra literária do escritor Fernand Deligny. Por fim, o terceiro trajeto propõe refletir sobre a psicologia e a pesquisa, a produção de determinada prática psicológica e científica, incluindo a questão do território na análise. Nesse trajeto as entrevistas e produções teóricas da filósofa belga Vinciane Despret foram fundamentais nas formulações realizadas. O percurso percorrido durante esse processo foi abrindo e continua provocando novos temas a estudar. O modo de produzir conhecimento e, conseqüentemente, o modo de afirmar uma prática e uma pesquisa talvez seja uma das problematizações mais importantes que essa experiência me trouxe e que ainda continua me impulsionando a iniciar novos trajetos.

Palavras-chave: Infância. Psicologia. Território.

## RESUMEN

MOURE, Andrea Paola. **Los Ingovernables: un análisis de los modos de vivir y cuidar en el encuentro con niñas, niños y adolescentes en situación de calle.** 2023. 127 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

Esta tesis es producto de mi recorrido en el Doctorado del Programa de Políticas Públicas y Formação Humana de la UERJ y presenta las diferentes modulaciones de los trayectos desarrollados durante casi 6 años. Describe un proceso que empezó con la presentación de un escenario de práctica profesional, relatando escenas de una experiencia que resultaron problemáticas, a partir del uso del diario de campo. La investigación diseña un modo posible de analizar la práctica de la psicología en el encuentro con la niñez y la adolescencia en situación de calle. A partir de las herramientas del Análisis Institucional se propone pensar la psicología y la infancia como analizadores. Desde esta perspectiva, se colocan en análisis las implicaciones de la investigadora, que permean toda la investigación. El primer trayecto de la investigación me llevó a la construcción de la primera pregunta orientadora: qué prácticas de gobierno existían durante esa experiencia y cuáles fueron los movimientos de desobediencia y las recusos posibles frente a eso? La investigación bibliográfica, me aproximó al cuerpo de conocimientos que ofrece el Análisis Institucional y las conceptualizaciones presentadas por Michel Foucault sobre las prácticas de gobierno. El segundo trayecto levanta una problematización sobre los modos de infantilización en la actualidad: como se infantiliza a la niñez, a la psicología y, también, a una ciudad. Los intercesores para abordar esos problemas fueron René Schérer y Guy Hocquenghem, con el libro *“Coire, album systématique de l’enfance”* (1976), traducido por el profesor Eder Amaral, y parte de la obra literaria del escritor Fernand Deligny. Por último, el tercer trayecto propone reflexionar sobre la psicología y la investigación, la producción de determinada práctica psicológica y científica, incluyendo la dimensión del territorio en el análisis. En ese trayecto las entrevistas y producciones teóricas de la filósofa belga Vinciane Despret fueron fundamentales en las formulaciones realizadas. El camino recorrido durante este proceso, fue abriendo y continua provocando nuevos temas a estudiar. El modo de producir conocimiento y, consecuentemente, el modo de afirmar una práctica y una investigación, tal vez sea una de las problematizaciones más importantes que esta experiencia me trajo y que todavía continua impulsandome a iniciar nuevos trayectos.

Palabras clave: Infancia. Psicología. Territorio.

## SUMÁRIO

<b>ADVERTÊNCIA AO LEITOR .....</b>	<b>9</b>
<b>1 TRAJETO 1.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 A rua, lugar de criança .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Os inventos de Niterói: ERIJAD e CRCA.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 A infância dividida .....</b>	<b>23</b>
1.3.1 Sobre o estarrecedor.....	23
1.3.2 A chegada das crianças e adolescentes em situação de rua ao CAPSi.....	25
1.3.3 As crianças do “bem” e aquelas do “mal”: uma história mal contada .....	26
<b>1.4 Cenas mínimas .....</b>	<b>31</b>
1.4.1 Cena 1: “Moro em São Gonçalo, mas gosto de Niterói” .....	33
1.4.2 Cena 2: “Ineficiência Programada” .....	38
1.4.3 Cena 3: “Vocês vão embora e eles ficam?” .....	41
1.4.4 Cena 4: “Pelo bem de nossos filhos” .....	43
1.4.5 Cena 5: “Falei para eles que vão ser presos!” .....	45
<b>1.5 Sobre a recusa.....</b>	<b>48</b>
1.5.1 O que é governar? .....	48
1.5.2 Como não ser governado... desse jeito! .....	52
1.5.3 Recusar, rejeitar, desobedecer... ..	53
<b>1.6 Cenas acadêmicas. Reflexões de uma pesquisa. ....</b>	<b>56</b>
<b>2 TRAJETO 2.....</b>	<b>60</b>
<b>2.1 Desinfantilizar .....</b>	<b>60</b>
2.1.1 Desinfantilizar as crianças.....	68
2.1.2 Desinfantilizar a psicologia, desinfantilizar uma prática.....	76
2.1.3 Desinfantilizar a cidade .....	81
2.1.3.1 Cena: trajetos .....	82
<b>2.2 Notas metodológicas de uma pesquisa menor .....</b>	<b>90</b>
<b>3 TRAJETO 3.....</b>	<b>98</b>
<b>3.1 Notas para uma prática/pesquisa em psicologia .....</b>	<b>98</b>
3.1.1 A questão do dispositivo .....	98
3.1.2 A psicologia como dispositivo .....	103

3.1.3 Habitar outras práticas .....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>

## ADVERTÊNCIA AO LEITOR

É preciso lhe dizer, caro(a) leitor(a), que nas próximas páginas se encontrará com um texto que foi atravessado por algumas circunstâncias e conjunturas, marcantes na sua produção. Sinto-me na obrigação de dizer alguma coisa a respeito.

Esse texto foi produzido, por momentos, por uma doutoranda atravessada pela maternidade e, em outros momentos, por uma mãe tentando escrever uma tese de doutorado. Uma pandemia<sup>1</sup>, que ainda não terminou, se instalou no mundo quando a maternidade parecia dar um respiro para que se começasse a escrever.

Não é um mero acaso que a infância, o cuidado e a crítica à prática de uma psicologia tutelar e explicativa povoem essas páginas. A experiência da maternidade solo, escrevendo uma tese de doutorado, fez repensar a prática da psicologia em geral, mas, especialmente, a experiência que tive como psicóloga de ERIJAD<sup>2</sup> com crianças e adolescentes em situação de rua no município de Niterói.

Acompanhar, pontualmente, a vida de crianças que estão em situação de rua foi um desafio e fazer isso a partir do lugar que a psicologia e a vinculação com a rede de Saúde Mental de Niterói me “permitiam” naquele momento radicalizou ainda mais tal desafio.

A tese é a tentativa de ir ao encontro de autores que se interessaram de algum modo pela infância e/ou pela psicologia enquanto dispositivos. É uma provocação a

---

<sup>1</sup>Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Rapidamente se propagou em escala mundial. O primeiro caso confirmado de pessoa com o novo coronavírus no Brasil ocorreu em 26 de fevereiro de 2020. Desde então, já foram registrados mais de 28 milhões de casos no país. A covid-19 provocou a morte de 6.671.624 pessoas em todo o mundo, desde o início da pandemia até o dia 03 de janeiro de 2023, conforme os dados da OMS. O continente americano foi aquele que registrou o maior número de óbitos, chegando a 2.890.955 na referida data. Na sequência está a Europa, com 2.158.171 mortes. No Brasil se registraram 693.853 mortes, segundo a OMS, ou 693.981, de acordo com as informações atualizadas do Ministério da Saúde em 02/01/2023. A letalidade da covid-19 no Brasil é de 1,9%. Ligados a isso estavam as restrições à capacidade das pessoas de trabalhar, busca de apoio dos entes queridos e envolvimento em suas comunidades. Solidão, medo de se infectar, sofrimento e morte de entes queridos, luto e preocupações financeiras também foram citados como estressores que levam à ansiedade e à depressão. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/02/23/dois-anos-do-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil#:~:text=O%20primeiro%20caso%20confirmado%20de,milh%C3%B5es%20de%20casos%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso: 7 jun. 2023.

<sup>2</sup> Equipe de Referência Infanto-Juvenil para Álcool e Drogas.

pensar uma psicologia desejante e seduzida pelas crianças, como contraponto a uma prática psicológica infantilizada, explicativa, tutelar, homogeneizante e mortífera.

O percurso que apresento é composto por três trajetos. O primeiro é desenhado pelas cenas registradas no diário de campo durante a experiência como psicóloga na ERIJAD. As principais foram denominadas: “Moro em São Gonçalo, mas gosto de Niterói”, “Ineficiência Programada”, “Vocês vão embora e eles ficam?”, “Pelo bem de nossos filhos” e “Falei para eles que vão ser presos!” Essas cenas me levaram à primeira pergunta que orienta este escrito: que práticas de governo existiam durante essa experiência e quais foram os movimentos de desobediência e as recusas possíveis frente a isso? Nesse primeiro trajeto, foi fundamental o corpo de conhecimentos que oferece a Análise Institucional e a conceituação apresentada por Michel Foucault sobre as práticas de governo.

O segundo trajeto levanta uma problematização sobre os modos de infantilização na atualidade: como se infantilizam a criança, a própria psicologia e, também, uma cidade? Os intercessores para abordar esses problemas foram René Schérer e Guy Hocquenghem, com o livro *“Coire, album systématique de l’enfance”* (1976), traduzido pelo professor Eder Amaral, e Fernand Deligny, que, a partir de aforismos, diários de campo, cartas e relatos literários me aproximou a uma outra prática. Por fim, o terceiro trajeto foi escrito na companhia das produções teóricas da filósofa belga Vinciane Despret. Ela questiona a prática da psicologia e os modos de olhar que esse dispositivo produz, mas o faz a partir da afirmação de outros modos de ver e de existir. Essas leituras têm criado a possibilidade de imaginar uma psicologia outra, ou outros modos de habitar a psicologia.

Os diferentes trajetos permitiram criar determinados contornos e delimitar os problemas que foram se apresentando a cada momento. Esses trajetos compõem um mapa ou território. O texto, por momentos, é um vaivém entre diferentes assuntos: infância, governo, recusa, dispositivo, prática. Vinciane Despret, no livro *“Habitar como un pájaro”* (2022), faz referência a um pássaro, um *“escribano palustre”*, estudado por Henry Eliot Howard em 1920. Esse pássaro produz o que ela chama de *“devir territorial”*. E isso é curioso, porque esse devir só é possível a partir de certa redundância de trajetos que desenharam um território e, progressivamente, um limite. Os trajetos aqui apresentados possuem também certas redundâncias: perguntas que se reformulam e afirmações que são questionadas, tudo e sempre na tentativa de criar

novos territórios e novos possíveis dentro da uma prática. O desafio, ainda hoje, continua sendo esse...

## 1 TRAJETO 1

Foi no ano de 2014 que ingressei na Rede de Saúde Mental de Niterói, como psicóloga, e encontrei a história que conto agora. Durante quatro anos, vivenciei algumas experiências que me trouxeram até aqui. Nesse período, foi preciso parar para conversar com outros - neste caso, com os colegas e professores do Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ - sobre esse trabalho que reconto, e acerca dos modos possíveis de habitá-lo. Quero compartilhar com vocês a experiência de trabalhar e ao mesmo tempo conversar, pensar, duvidar, andar de carro, brincar, dançar, dar bronca, rir, angustiar-se, debater e brigar junto com crianças e adolescentes em situação de rua no município de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro.

Nas próximas páginas, vou revisitar algumas histórias que ouvi e vivi junto com essas crianças e adolescentes. Trata-se de histórias de recusa, mas tentarei apreciar um duplo movimento: se, por um lado, aparecem “lugares”, também chamados por alguns colegas de “não lugares” (GONÇALVES, 2018), determinados para essas crianças na família, na comunidade, nos abrigos, nos serviços de saúde mental, elas podem, decerto, se recusar a ocupá-los. Assim, emergem os “fugitivos” de lares, ex-reféns de situações de violência; os “traidores” de uma comunidade x por algum conflito com o tráfico; os “desertores” de abrigos, motivados pelas exigências institucionais; e os “esquivos ou errantes”, que não chegam aos serviços de saúde mental ou que não se “tratam” porque não respeitam o “enquadre”. Como disse acima, nos espaços percorridos, se falava muito de um “não lugar” para essas crianças, da falta de um espaço de acolhimento sem tantas exigências. Por minha parte, a partir da leitura da obra de Michel Foucault, gostaria de pensar essa dinâmica em termos de *governo*, entendendo-o como aquela ação que tenta conduzir condutas. Seguindo Thomas Lemke (2017), penso que o problema do governo nos ajudará a pensar as conexões entre o que Foucault chamou de tecnologias de si (preocupações com a ética e a “genealogia do sujeito”) e as tecnologias de dominação (a questão da formação do Estado).

Lemke afirma a respeito:

Enquanto hoje a palavra governo possui somente um significado político, Foucault é capaz de mostrar que até boa parte do século XVIII, o problema do governo era colocado em um contexto mais amplo. Governo era um termo discutido não apenas em tratados políticos, mas também em textos filosóficos, religiosos, médicos e pedagógicos. Além de gestão pelo Estado ou pela administração, “governo” também significava problemas de autocontrole,

orientação para a família e para as crianças, gestão doméstica, direção da alma, e assim por diante. Por esse motivo, Foucault define governo como conduta, ou, mais precisamente, como “a conduta da conduta” e, logo, como um termo que vai do “governo de si” ao “governo dos outros”. (LEMKE, 2017, p.195)

É a partir do conceito de *governamentalidade*, proposto por Michel Foucault, que proponho pensar os movimentos que essas crianças e adolescentes me mostraram, em relação a um outro movimento que as instituições e os discursos que com eles se cruzavam também realizavam. Foucault diz, nessa linha:

Por esta palavra, “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análise e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento essencial os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008, p. 143)

Então, os furtivos, os traidores, os desertores, os esquivos ou os errantes, chamarei de “ingovernáveis”, isto é, aqueles que recusam certos modos de governo familiar, comunal e/ou institucional. Eles ocupam a rua, afirmando um lugar possível; mas a rua também coloca diferentes embates, para eles e para nós. O desafio, para nós, trabalhadores da saúde mental, será pensar o cuidado tendo presentes essas coordenadas.

### **1.1 A rua, lugar de criança**

Durante minha trajetória como trabalhadora da saúde mental no município de Niterói, tenho me encontrado com crianças e adolescentes que fazem das ruas seu espaço de circulação e moradia. Infinitas vezes ouvi de trabalhadores, gestores, políticos e cidadãos a seguinte frase: “A rua não é lugar de criança”. Apesar disso, quando começamos a pesquisar, encontramos várias experiências que falam justamente sobre essa circulação, ou seja, sobre a vida das crianças nas ruas. Essas experiências não se limitam a Niterói: são encontradas em diferentes estados e mesmo países. Gostaria, então, de trazer aqui algumas pesquisas e relatos que ressoam com o tema que me proponho a discutir.

O livro *Chicos em banda: Los caminos de la subjetividad en el declive de las instituciones* (2013), escrito por Silvia Duschatzky e Cristina Corea, é o resultado de uma pesquisa realizada nos anos de 2000 e 2001 no marco de um convênio entre a União de Educadores da Província de Córdoba e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Esse encontro surgiu a partir da necessidade de pensar a escola

numa conjuntura<sup>3</sup> particular que atravessava a Argentina. O livro fala de experiências subjetivas no contexto do que as autoras chamam de “o declive das instituições”, pondo o foco, justamente, naquelas instituições percorridas por crianças e adolescentes na periferia da cidade de Córdoba. A pesquisa parte da seguinte pergunta: como habitam os adolescentes as situações de exclusão social? No entanto, Duschatzky e Corea consideram que o termo “exclusão” não contempla as situações que desejam descrever, e falam, então, de *expulsão social*. Segundo as autoras, “exclusão” designaria um estado em que o sujeito se encontra, ao passo que elas afirmam outra coisa:

*La idea de expulsión social, en cambio, refiere la relación entre ese estado de exclusión y lo que lo hizo posible. Mientras el excluido es meramente un producto, un dato, un resultado de una imposibilidad de integración, el expulsado es el resultado de una operación social, una producción, tiene un carácter móvil.*<sup>4</sup> (DUSCHATZKY & COREA, 2013, p. 18)

A rua aparece caracterizada, na investigação em pauta, como um lugar ineludível na circulação dos adolescentes entrevistados. As pesquisadoras concluem: *“Se puede elegir el modo de vivirla, de ocuparla, pero sus efectos se dejan sentir en la subjetividad especialmente si tenemos en cuenta el significado conferido a la calle en la experiencia cotidiana de los barrios populares.”*<sup>5</sup> (DUSCHATZKY & COREA, 2013, p. 29).

Essa circulação das crianças pelas ruas da cidade também é relatada por Jacques Meunier, poeta francês, viajante, jornalista e etnólogo especializado em América Latina. No livro “Os moleques de Bogotá” (1978)<sup>6</sup>, ele retrata a vida dos “gaminos” na capital colombiana. A expressão “os Gaminos” deriva do francês “*les Gamins*”. “Gaminos de Bogotá” seriam aquelas crianças que mendigam, fumam,

---

<sup>3</sup>Na Argentina, durante os anos 2000/2001, se desencadearam manifestações e reações populares diante da crise econômica e da condução política da mesma. Durante os dias 19 e 20 dezembro de 2001 ocorreu um levante popular que provocou a renúncia do presidente Fernando De la Rúa. Foram anos nos quais os modelos de participação e manifestação coletiva foram repensados e recriados. Exemplo disso foram as assembleias locais e o modelo de fábrica recuperada sob gestão operária, entre outros.

<sup>4</sup>A ideia de expulsão social refere-se à relação entre o estado de exclusão e o que o fez possível. Enquanto o excluído é meramente um resultado da impossibilidade de integração, o expulsado é o efeito de uma operação social, de uma produção, e tem um caráter móvel.

<sup>5</sup>Pode-se escolher o modo de viver nela, de ocupá-la, mas seus efeitos se deixam sentir na subjetividade, especialmente se temos em conta o significado conferido à rua na experiência cotidiana dos bairros populares.

<sup>6</sup>Título original: *Les gamins de Bogota* (1977).

bebem, roubam e desconfiam do mundo adulto. Elas autogerem sua infância, impulsionadas pela revolta. Domesticar os gaminos? Segundo Meunier, não será fácil. Ele assinala como algo importante a opinião do povo, que é quem se encontra cotidianamente com os gaminos, e afirma que:

[...] entre os bogotanos, prevalecem três atitudes: para uns, os Gaminos significam a miséria; para outros, a injustiça; a terceira categoria os ignora. Entretanto, nem uns nem outros – pensem como pensarem, votem onde votarem – cogitam de descobrir o ponto de vista dos Gaminos. (MEUNIER, 1978, p. 15).

Os gaminos encontram seus modos de subsistir em grupos de dois ou três, onde se sentem mais fortes, se apoderam de um território e inventam um estilo de vida. Eles assumem a responsabilidade por sua própria infância criando uma contra sociedade. Os encontros que Meunier descreve, os relatos que traz nas páginas desse livro sobre a vida dos gaminos em Bogotá me lembram as muitas experiências e histórias da circulação das crianças e adolescentes no município de Niterói.

Essas histórias dos gaminos nos aproximam de um outro escritor francês, Fernand Deligny, que trabalhou durante muitos anos com crianças autistas e com aquelas consideradas “inadaptadas”. A experiência de ler Deligny, para quem trabalhou com crianças “classificadas” desse modo, é um “sacudón”. Não se trata apenas de repensar as categorias que utilizamos e os modos de trabalho que conhecemos; trata-se de um convite (ou de um “não convite”) a analisar os modos de viver e cuidar.

Por um lado, gostaria de recuperar os trabalhos que Deligny realizou como professor de crianças “especiais” em diferentes escolas e asilos; mas também considero importante citar alguns filmes dos quais ele participou, e que, justamente, trabalham com essas categorias que mencionei no início, explodindo-as, criando um novo cenário para o pensar. Vou me acompanhar, para realizar esse mapa, de duas publicações da Revista *Mnemosine* sobre a Jornada *Fernand Deligny: “A arte da tentativa”*, realizada no ano 2015 na Universidade Federal Fluminense. Uma foi intitulada “O mapa terrestre antes do mapa celeste - o espaço como comum em Deligny”, cuja expositora foi Noelle Resende, doutora em Direito (PUC-RIO). A segunda, intitulada “Infância infinitiva: correspondências entre Deligny e Truffaut”, foi realizada por Eder Amaral, doutor em Psicologia Social (UERJ).

Seguindo os aportes de Noelle Resende, em 1937, Deligny começou dando

aulas em Paris para crianças com algum tipo de problema de aprendizagem. Nessas experiências, passa a destituir o lugar clássico do professor para provocar outro tipo de dinâmica com os alunos. Para Deligny, o educador é um *criador de circunstâncias*. É preciso criar um cenário propício para que outras coisas aconteçam. Em 1939, ele vai trabalhar como professor no Instituto Médico Psiquiátrico do asilo de Armentières e, um ano mais tarde, é transferido para o pavilhão dos “perversos constitucionais”, “irrecuperáveis”, “débeis profundos”. Essas experiências acontecem no meio da guerra, dos bombardeios e de uma série de questões que marcam profundamente o trabalho. Durante esse tempo no asilo, até 1943, Deligny criou algumas possibilidades para as pessoas ali internadas: começaram a ter a possibilidade de saídas, não se utilizava o castigo e os vigias e trabalhadores do lugar viraram educadores. Em 1945, será inaugurado o Centro de Observação e Triagem de Lille, para crianças consideradas infratores da lei - Deligny vai coordenar o Centro até 1946, quando este é fechado. Depois dessa experiência, ele passa a ser Delegado de Trabalho e Cultura, um espaço de militância que permite criar o projeto La Grande Cordée, onde se recebiam crianças e adolescentes que não se adaptavam a nenhum tipo de instituição. Deligny passa a fazer um trabalho a partir do que as crianças traziam como desejo, tenta conectar cada criança com essa possibilidade - por exemplo, aprender um ofício, realizar alguma atividade específica etc.

No início da década de 1960, Deligny é convidado a ir a La Borde, onde passará dois anos. Depois dessa experiência, começa sua última “tentativa”, em Cevenas: microunidades que Deligny irá chamar de “áreas de convivência”. Cada unidade conta com um ou dois adultos responsáveis pelo cuidado com as crianças. Esses adultos vão ser chamados de presenças próximas: a preocupação do cuidado relacionava-se ao espaço, a criar um espaço propício, a criar circunstâncias. O objetivo não era a cura, mas construir uma vida comum - essa era a aposta da experiência de Cevenas. Como disse no início do relato da experiência construída por Deligny, gostaria de trazer alguns olhares que esse autor propiciou através do cinema, o que a exposição realizada por Eder Amaral na Jornada nos proporciona. Amaral nos aproxima da relação que Deligny estabeleceu com o diretor de cinema François Truffaut. Deligny e Truffaut trocam correspondência durante 17 anos e, nessas cartas, aparece o interesse mútuo pelo cinema e a linguagem que ele possibilita, a invenção que permite. Tanto no filme “Os incompreendidos” quanto em “O garoto selvagem”, realizados por Truffaut, foram marcantes as observações de Deligny. Truffaut consegue mostrar uma

infância que escapa aos modelos familiares e institucionais, trazendo alguma novidade nesse âmbito. Depois do lançamento do filme “Os incompreendidos”, numa das cartas a Truffaut, Deligny fala da vontade de realizar um filme que possa contar as experiências dos garotos com os quais vem trabalhando. Amaral traz um fragmento dessa carta em sua fala: “Eu quero fazer um filme que não tenha nenhum objetivo de explicar essas crianças, nem dizer o que elas são... Não é fazer um documentário sobre elas, mas é colocar principalmente a câmera a serviço desse mundo em que elas vivem.” (AMARAL, 2017, p.259). Em 1958, Truffaut manda o roteiro do filme “Os incompreendidos” para Deligny e pede uma opinião. No roteiro original, existia uma psicóloga, que aparecia frequentemente. E a ideia inicial era a de que uma entrevista entre a psicóloga e o menino aparecesse, na forma de flashes, em alguns momentos do filme. Deligny sugere tirar a psicóloga. Segundo Amaral, a opinião de Deligny foi: “Ela está atrapalhando todo o seu filme, ela está criando uma explicação para o que você justamente me pediu, uma opinião a respeito de como não fazer (...) Quem tem que falar é o menino e essa psicóloga fala demais...”. Ele dá uma sugestão. E a sugestão é totalmente acolhida por Truffaut e ele tira essa psicóloga. Uma das cenas finais do filme é uma espécie de depoimento, em que você supõe que ele tem um interlocutor que não aparece, a quem ele está tentando dizer como é que ele passa de uma coisa à outra, como é que ele passou de menino de família para um menino “delinquente”. Afirma Amaral que a fala dele, sozinha, sem nenhuma interlocução, coloca o menino diretamente em interlocução conosco. Como se cada um pudesse ser, por exemplo, um psicólogo, um juiz, mas também a possibilidade de ser apenas alguém que o escuta. Os filmes realizados por Deligny foram “O mínimo gesto” (1971), “*Ce gamin, là*” (1975) e “*Projet N*” (1979). A experiência de Deligny, tanto no cotidiano com as crianças quanto nas narrativas cinematográficas, tem caráter não explicativo: não pretende criar um modelo para entender e agir em relação à infância, mas sim criar um modo de se aproximar para que o novo aconteça, criar um comum possível nesse encontro.

De volta ao Brasil, outra experiência de trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua foi relatada por Antonio Lancetti no artigo “A Casa de Inverno: Notas para desinstitucionalização da Assistência Social” (1994). Trata-se da abertura de uma casa para abrigar homens, mulheres e crianças em situação de rua em Santos, no estado de São Paulo. A experiência se iniciou no inverno de 1993 e se pretendia finita, com duração prevista de julho até setembro. A pergunta que atravessou a

iniciativa foi: como não transformar os usuários em assistidos? A intervenção era vista como *na* e *sobre* a cidade. Na tentativa de fugir das práticas assistencialistas e moralizantes, foi criado um dispositivo envolvendo os usuários tanto nas atividades cotidianas quanto nas decisões do dia a dia, através de assembleias. A possibilidade de abrigo era optativa, solicitada pelos usuários que procuravam um lugar onde dormir, tomar banho e comer. A experiência de Santos nos mostra um trabalho que se deixa atravessar pelos cheiros, os gritos e os modos com que as crianças e os adolescentes circulam, tentando intervir na singularidade dessa situação.

Já o livro “Viração” (2000), escrito por Maria Filomena Gregori, relata uma pesquisa desenvolvida também no estado de São Paulo entre março de 1991 e março de 1995. A primeira fase, de 1991 a 1993, esteve concentrada na observação dos agrupamentos dos “meninos de rua”; a segunda, de 1994 a 1995, foi dedicada a acompanhar o trabalho das instituições com essa população. Gregori apresenta uma etnografia sobre diferentes agrupamentos de meninos e meninas que circulavam pelas ruas da cidade de São Paulo, mostrando as ações institucionais a eles destinadas. Ela utiliza o termo “viração” para tentar explicar certo tipo de circulação e certos modos de sobrevivência na rua e nas instituições. A partir dos relatos de cenas cotidianas e de entrevistas com os protagonistas, mostra a trama institucional na qual essas vidas se tecem. E conclui:

Não é exagerado afirmar que essa trama institucional - mais do que uma malha ou uma rede - passa a alimentar os aspectos singulares das experiências dos meninos de rua: a viração e a circulação. De modo paradoxal, em vez de romper esse circuito e ajudá-los a construir um projeto de futuro, o mau relacionamento entre os agentes de intervenção resulta em uma situação em que o menino é transformado em objeto de disputa, alvo de conflitos. Circulando entre os vários organismos, se virando, ele sobrevive e se protege. Mas está longe de conseguir projetar um caminho de saída da minoridade. Seu destino permanece preso na circularidade das ações. Parece condenado a ser, para sempre, um menino de rua. (GREGORI, 2000, p.22)

Essas pesquisas e relatos visibilizam a existência de crianças e adolescentes nas ruas, nos espaços e nos serviços públicos. Trazem à tona a discussão e a disputa que existe sobre a infância, o cuidado e as práticas que se constroem em torno dela. Observamos isso tanto nos discursos criminalizantes quanto naqueles baseados num ideal assistencialista. Surgem então as seguintes perguntas: Que é a infância? De que se trata, quando a infância faz da rua seu lugar de moradia? Quem responderá a essas perguntas: a família, a escola, a psicologia, o Estado?

No caso das experiências que gostaria de compartilhar, foi necessário afirmar a rua como um lugar *de e para* crianças - foi na rua que elas se fizeram possíveis. Foi preciso desconhecer ou ignorar alguns axiomas que funcionam regulando nossa prática e descobrir, nessa experiência, do que se trataria, afinal, em nosso trabalho. A seguir, veremos como isso aconteceu na experiência pontual de uma equipe intersetorial: Equipe de Referência Infanto-Juvenil para ações de atenção ao uso de Álcool e outras Drogas (ERIJAD).

## **1.2 Os inventos de Niterói: ERIJAD e CRCA**

Mas não foi só com a molecada... Esbarrei com muitos outros interlocutores nesse caminho que durou de 2014 até 2018. Também quero falar sobre esses outros encontros. Gostaria de apresentar a vocês dois “inventos de Niterói”, como ouvi serem chamados, já que se trata de dois serviços através dos quais tive a oportunidade de conhecer e circular com crianças e adolescentes, a saber: Equipe de Referência Infanto-Juvenil para ações de atenção ao uso de álcool e outras drogas (ERIJAD) e Centro de Referência para Crianças e Adolescentes (CRCA).

As crianças e os adolescentes com os quais me encontrei em março de 2014 já circulavam pelas ruas de Niterói e muitas delas eram conhecidos pela Rede Pública; ou seja, por esse conjunto de serviços de assistência social e saúde que faz parte do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e do Sistema Único de Saúde (SUS). A equipe na qual ingressei nessa data, ERIJAD, surgiu a partir de uma portaria intersetorial assinada pelos secretários de saúde e assistência social do município, no ano de 2008, dispondo sobre “a constituição de uma Equipe de Referência Infanto-Juvenil para ações de atenção ao uso de álcool e outras drogas – ERIJAD e dando outras providências” (Niterói, 2008). Entre as tarefas da ERIJAD, segundo a portaria que lhe deu origem, se encontram: realizar levantamento sobre os trabalhos existentes no município relacionados às crianças e adolescentes envolvidos com álcool e outras drogas; dar apoio e acompanhar os casos de crianças e adolescentes usuários de álcool e outras drogas através da articulação intersetorial com os dispositivos garantindo a atenção integral; e realizar levantamento do perfil dessa clientela e de suas demandas para um diagnóstico situacional.

Sobre a história da ERIJAD, os colegas da equipe comentaram que, no início, o grupo funcionava no Centro de Atenção Psicossocial para usuários de álcool e outras drogas (CAPSad), absorvendo a demanda dos casos de crianças e adolescentes usuários de álcool e outras drogas. Com o tempo, porém, a equipe

percebeu que era difícil que essa clientela chegasse ao CAPSad: chegavam a outros serviços, mas, quando eram encaminhados para o CAPSad, não iam. Sendo assim, a equipe começou a se dividir por frentes de trabalho e os técnicos se deslocavam diretamente até os serviços correspondentes.

No artigo “Os de Fora”, os próprios integrantes da ERIJAD assinalam como uma marca da equipe *uma indeterminação topológica, uma errância institucional*. As autoras afirmam:

É importante ressaltar o caráter híbrido da ERIJAD, que aponta uma marca de nascença, da realidade multideterminada da demanda a que se destina nosso trabalho. Ou seja, as crianças e adolescentes envolvidos com questões relacionadas ao álcool e outras drogas não apenas portam questões de saúde mental, como também vulnerabilidades sociais importantes. (LOUREDO, LATGE & NETO, 2021, p.5)

Em Niterói, existem três Conselhos Tutelares (CT). Cada um deles é composto por cinco membros, eleitos pela comunidade para acompanhar as crianças e os adolescentes e decidir em conjunto qual a medida de proteção apropriada para cada caso<sup>7</sup>. Os CTs foram os principais dispositivos com os quais a ERIJAD começou a trabalhar, além dos serviços de acolhimento institucional, do Centro de Referência de

---

<sup>7</sup> O artigo 136 do Estatuto da Criança e o Adolescente (ECA) dispõe as seguintes atribuições ao Conselho Tutelar:

- I - atender as crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos arts. 98 e 105, aplicando as medidas previstas no art. 101, I a VII;
- II - atender e aconselhar os pais ou responsável, aplicando as medidas previstas no art. 129, I a VII;
- III - promover a execução de suas decisões, podendo para tanto:
  - a) requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança;
  - b) representar junto à autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações.
- IV - encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou adolescente;
- V - encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;
- VI - providenciar a medida estabelecida pela autoridade judiciária, dentre as previstas no art. 101, de I a VI, para o adolescente autor de ato infracional;
- VII - expedir notificações;
- VIII - requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário;
- IX - assessorar o Poder Executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente;
- X - representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos previstos no art. 220, § 3º, inciso II, da Constituição Federal;
- XI - representar ao Ministério Público para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar, após esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência
- XII - promover e incentivar, na comunidade e nos grupos profissionais, ações de divulgação e treinamento para o reconhecimento de sintomas de maus-tratos em crianças e adolescentes. (Incluído pela Lei nº 13.046, de 2014).

Crianças e Adolescentes (CRCA), escolas e o Consultório na Rua (CnaR)<sup>8</sup>. A ERIJAD construía suas trajetórias a partir das crianças e adolescentes atendidos, ou seja, transitando pelos dispositivos onde eles tinham passagem, o que possibilitou o entendimento de que a rede se constrói a cada caso. Assim, por exemplo, se um adolescente era acompanhado pelo Conselho Tutelar 1, mas também frequentava a Escola X, a ERIJAD entrava em contato com os dois lugares, tentando articular esses serviços e produzir acesso a outros espaços que fossem eventualmente necessários; por exemplo, agendar um atendimento no Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi).

Quando cheguei à equipe, os coordenadores daquele momento propuseram que minha atuação se desse junto ao CRCA. Na época, tratava-se de um serviço novo da Assistência Social de Niterói, inaugurado em janeiro de 2014. Sobre aquele serviço, pouco se sabia. Na verdade, nem nome tinha então: era chamado “crepopinho” pelas crianças, em analogia ao Centro POP – equipamento do Sistema Único da Assistência Social para a população em situação de rua maior de 18 anos. Em princípio, o CRCA era um serviço cujo público-alvo eram as crianças e adolescentes em situação de rua. Além de ficar nas proximidades da Prefeitura Municipal de Niterói, encontrava-se na mesma rua do Conselho Tutelar 1 e de outros serviços da Assistência Social (equipamento de acolhimento institucional para crianças e adolescentes do sexo feminino, de acolhimento institucional para a população em situação de rua adulta e famílias, Centro Pop, Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e sede da Secretaria Municipal de Assistência Social). Era a chamada “rua da Assistência”, que apresentava grande circulação de população adulta em situação de rua e, entre eles, também crianças e adolescentes.

De março de 2014 até junho de 2015, frequentei o CRCA. No início, não tinha uma programação definida: minha “tarefa” era conhecer o serviço e construir um trabalho com a equipe e as crianças que ali transitavam. Essa inserção foi bastante curiosa. No começo, parecia estar à toa naquele lugar. O CRCA era integrado por uma equipe técnica de psicólogas e assistentes sociais, mas a maioria dos funcionários era de educadores, muitos deles provenientes da equipe de abordagem de rua da Secretaria de Assistência Social. Esses educadores já conheciam as crianças, da rua, e tinham sido selecionados para estar ali justamente por causa de certa afinidade com

---

<sup>8</sup> Os consultórios na rua são equipes itinerantes para garantir a atenção integral à saúde da população em situação de rua e pertencem à Atenção Básica (Brasil, 2012).

elas.

O Centro, em termos de arquitetura, incluía uma quadra grande, um banheiro com ducha, uma sala para a equipe e duas salinhas pequenas. Uma era utilizada como sala ou consultório para realizar as admissões e entrevistas; na outra havia colchonetes e um televisor. As crianças chegavam bem cedo: algumas ficavam dormindo na porta do Centro e, quando ele abria, entravam, tomavam café da manhã e iam dormir na salinha com colchonetes e televisor; ao meio-dia acordavam, tomavam banho, almoçavam e, nesse momento, conversavam com os funcionários do Centro ou entre elas – algumas ficavam assistindo vídeos que elas mesmas traziam. Minha presença, um tanto ociosa naquele momento, me permitiu observar essa dinâmica e conhecer o movimento do lugar. As pessoas que trabalhavam lá conversavam comigo, contavam as histórias dos meninos que por lá passavam, as coisas que se pensava sobre eles. Muitas vezes pediam que eu tentasse marcar uma consulta na saúde mental. Aos poucos foi se construindo uma parceria com os funcionários desse serviço e, por isso, comecei a participar com eles de algumas reuniões e entrevistas. Também me convidaram para participar de uma oficina com a equipe de Consultório na Rua. Para as crianças, eu era simplesmente mais alguém do CRCA.

O CRCA era uma novidade para a cidade de Niterói: crianças e adolescentes em situação de rua estavam tendo um lugar para ficar durante o dia e isso permitia conhecê-los e saber, entre outras coisas, quais eram os “perrengues” por que passavam na rua, onde estavam os sumidos, quem estava numa situação tão complicada de uso de drogas que nem conseguia sair do lugar de uso para chegar ao Centro e tomar um banho. O CRCA era um ponto de encontro: as crianças conseguiam acessar alguns cuidados básicos, como banho, comida e lugar para descansar, ao mesmo tempo que os serviços da Saúde Mental e da Assistência Social tinham como acessá-las para ofertar cuidado. Durante esse ano inicial, meu trabalho não foi só dentro do Centro, construindo vínculo com a equipe, mas também fora do Centro, falando com os diferentes serviços que integram a Rede de Saúde Mental sobre a importância do CRCA, tanto para as crianças quanto para a própria Rede. Minha percepção era de que lá estava acontecendo um trabalho importante e que era preciso divulgá-lo. Os educadores do CRCA tinham construído um vínculo e uma proximidade com as crianças que até aquele momento era inédito para os trabalhadores da Rede de Cuidado do município.

Em agosto de 2014, a Rede de Saúde Mental de Niterói, em decorrência de modo como foi instituída – profissionais contratados como autônomos (RPA), sem programa de trabalho no orçamento público, baixo financiamento –, entra numa crise profunda. Os trabalhadores começam a se organizar e a reclamar do modo de contratação precário em que estavam inseridos. Foram meses muito tensos, com constantes trocas de profissionais. Em março de 2015, os dois coordenadores da ERIJAD pediram demissão. A situação estava chegando ao limite para todos. A saída da coordenação gerou uma crise muito grande em nossa equipe. Nós nos perguntávamos se era possível continuar nesse contexto. O trabalho parou, a rede também parou. No mesmo momento, a Secretária de Assistência Social começa a questionar a legitimidade da existência do CRCA: realiza reuniões para discutir esse assunto e acaba fechando o serviço, sob a justificativa de que não estava tipificado, ou seja, não estava dentro da regulamentação da cidade.

Em julho de 2015, entrei em licença maternidade. Na verdade, por ser contratada como RPA não tinha direito a licença, mas me vi obrigada a sair do trabalho. Em janeiro de 2016, me ofereceram novamente um trabalho para atuar na equipe como coordenadora. Nesse momento, junto com as pessoas que faziam parte da ERIJAD, combinamos que eu aceitaria e que construiríamos uma gestão compartilhada. Foi o que aconteceu nos dois anos seguintes.

### **1.3 A infância dividida**

#### **1.3.1 Sobre o estarrecedor**

Niterói sabe inventar, mas nem todos os seus inventos trouxeram bons encontros, e a imprensa da cidade tem sido uma máquina de produzir/criar histórias sobre a vida das crianças. Histórias aterradoras, que igualmente anunciam um Estado-atorrador, estarrecedor. “Moradores de rua, menores, usuários de drogas, cracudos” - esses são alguns dos modos escolhidos, durante o período de janeiro de 2017 até setembro de 2017, pelos jornais O Globo e O Fluminense, para falar sobre as crianças e adolescentes em situação de rua que circulam na cidade de Niterói. O modo como são nomeados pela mídia repercute e tem efeitos na vida deles, nas decisões dos gestores em saúde, no trabalho dos serviços públicos direcionados para essa população e na cidade de Niterói como um todo. Foi durante o ano de 2018, a partir da experiência de trabalho na ERIJAD, que me interessei por rastrear 8 artigos

de jornal<sup>9</sup> sobre o tema. Gostaria de refletir, a partir deles, sobre o trato que a imprensa dá a esses jovens e acerca do como ela opera produzindo uma *infância dividida*.

Durante esse período, na experiência da ERIJAD de acompanhar as trajetórias de crianças e adolescentes, aparecem dois lugares de circulação: a rua e o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi). Isso não implica que a rua e o CAPSi se ofereçam como lugares acolhedores a todo momento. Na leitura dos artigos de jornal, podemos observar como a rua, o CAPSi e, no limite, a cidade de Niterói oferecem e delimitam esses espaços de cuidado, tentando conduzir o modo de circulação das crianças e adolescentes e, se possível, extinguir a sua presença na cidade.

As histórias e subjetividades desses meninos e meninas nos colocam nesses lugares. É ali onde elas aparecem. Entendemos a noção de subjetividade, segundo Ferreira Neto, como a emergência histórica de processos “não determinados pelo social, mas em conexão com os processos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, mediáticos, ecológicos, urbanos, que participam de sua constituição e funcionamento” (FERREIRA NETO, 2011, p. 46). A questão dos tensionamentos produzidos pela circulação de crianças e adolescentes em situação de rua aparece nos espaços públicos (praças, viadutos, casarões invadidos), assim como no interior

---

<sup>9</sup> ALMEIDA, R. Drive-thru do tráfico: Rua em Icaraí vira ponto de consumo e venda de drogas. O mercado paralelo também comercializa bicicletas e celulares roubados na região. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 17 de abril de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/um-adolescente-apreendido-por-dia-em-niteroi-por-crime-violento-21857829#ixzz4vpHjuARM>. Acesso em: 26 nov. 2017.

BULHÕES, M. Icaraí: Câmeras flagram ação de moradores de rua no bairro. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/en/pol%C3%ADcia/icara%C3%AD-c%C3%A2meras-flagram-a%C3%A7%C3%A3o-de-moradores-de-rua-no-bairro>. Acesso em: 26 nov. 2017.

COLLIER, R. Menores pronto para o ataque. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 30 de março de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/en/pol%C3%ADcia/menores-prontos-para-o-ataque>. Acesso em: 26 nov. 2017.

COLLIER, R. Imóvel em Icaraí preocupa a vizinhança. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 14 de março de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/im%C3%B3vel-em-icara%C3%AD-preocupa-vizinh%C3%A7a>. Acesso em: 26 nov. 2017.

COUTINHO, A. L. Apitaco contra o crime em Icaraí. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 15 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/apita%C3%A7o-contra-o-crime-em-icara%C3%AD>. Acesso em: 26 nov. 2017.

O FLUMINENSE. Ocupa Praça reúne crianças em Niterói. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/ocupa-pra%C3%A7a-re%C3%BAne-crian%C3%A7as-em-niter%C3%B3i>. Acesso em: 26 nov. 2017.

O FLUMINENSE. Imóvel usado como cracolândia é lacrado em Icaraí. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 22 de março de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/en/cidades/im%C3%B3vel-usado-como-cracol%C3%A2ndia-%C3%A9-lacrado-em-icara%C3%AD>. Acesso em: 26 nov. 2017.

SODRE, ALMEIDA, SALLES. Um adolescente é apreendido por dia em Niterói por crime violento. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/um-adolescente-apreendido-por-dia-em-niteroi-por-crime-violento-21857829>. Acesso em: 26 nov. 2017.

dos serviços que lhes são ofertados. Nesse caso, particularmente no CAPSi, sua presença interroga, deixa em evidência os lugares autorizados para a circulação e aqueles que não o são.

### 1.3.2 A chegada das crianças e adolescentes em situação de rua ao CAPSi

No começo do presente texto, apresentei o CRCA e a ERIJAD, dois serviços importantes do município de Niterói que atravessam, mediam e regulam nosso encontro com as crianças. Mas existe um outro serviço fundamental nessa história: o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi). O CAPSi, historicamente, atendia crianças e adolescentes diagnosticados com autismo e psicose, de modo que houve resistência com a chegada de crianças usuárias de drogas que circulam na rua.

Meu primeiro contato com as crianças e adolescentes em situação de rua aconteceu no CRCA. Nesse momento, a circulação delas ocorria basicamente nas ruas e em algumas instituições da Assistência Social. Era difícil que acessassem os serviços de saúde mental. Sua presença no CAPSi foi resultado de algumas disputas e tensões criadas com esse serviço, que, historicamente, se recusou a receber essa clientela. Acho importante situar algumas coordenadas para que o leitor entenda a chegada dessas crianças e adolescentes ao CAPSi. Nas páginas anteriores, mencionamos que, no período 2015-2016, a rede de saúde mental passou por um processo seletivo, mudando todos os profissionais e gerando um impasse no atendimento de muitos usuários. No mesmo período, fecha-se o CRCA, que ofertava atendimento para crianças e adolescentes em situação de rua. No início de 2017, o panorama era o seguinte: os serviços de saúde mental, assistência social e atenção básica (consultório na rua) não sabiam onde estavam as crianças e os adolescentes; ou melhor, havia-se produzido um esvaziamento nos espaços de cuidado que existiam até aquele momento para crianças e adolescentes em situação de rua.

O desaparecimento dos jovens que eram acompanhados pela ERIJAD alertava sobre a possibilidade de existência de práticas higienistas que tentavam extinguir a presença dessas crianças e adolescentes da cidade. O incremento de ações repressivas e o fechamento de serviços públicos determinou, ironicamente, um deslocamento dos meninos e meninas em situação de rua do centro para o bairro nobre. Curiosamente, o CAPSi também mudou de local, passando a funcionar numa casa próxima ao território de referência dos adolescentes. Então, a proximidade geográfica, junto com algumas estratégias elaboradas pelas equipes (ERIJAD e CAPSi), facilitou a chegada deles ao serviço. Uma chegada que veio carregada de

tensões e disputas, sobre as quais falarei nos próximos parágrafos.

### 1.3.3 As crianças do “bem” e aquelas do “mal”: uma história mal contada

Historicamente, não se conhecem experiências de outros CAPSi que acolham e ofereçam tratamento a crianças e adolescentes usuários de drogas no Estado do Rio de Janeiro. O estigma e a resistência para atender essa população se agrava em decorrência de ela não ter moradia fixa.

Com a chegada das crianças e adolescentes em situação de rua ao CAPSi, estabelece-se uma clara divisão entre as crianças e os adolescentes autistas ou psicóticos e as crianças e os adolescentes em situação de rua. A produção dessa divisão é o que decidi chamar de *infância dividida*. A partir do conceito de “práticas divisórias” de Michel Foucault (1995), podemos explicar o que entendemos por “infância dividida”. Segundo o autor: “O sujeito é dividido em seu interior e em relação aos outros. Este processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’” (Foucault, 1995, p. 231). Na minha experiência de trabalho, tenho me deparado com discursos que produzem e reproduzem tal polaridade. Os meninos e as meninas em situação de rua que chegam ao CAPSi são descritos como “rebeldes”, “sem limites”, “agressivos”. As crianças psicóticas e autistas são vistas de outro modo: não aparecem no discurso a rebeldia, a falta de limites e/ou a agressividade como características. Essas falas são produzidas por funcionários, familiares, a própria vizinhança, bem como nos artigos de O Globo e O Fluminense, questionando a presença dos meninos e meninas em situação de rua na cidade e no próprio CAPSi.

Se abordarmos a questão de sua presença nos serviços de saúde mental, poderemos dizer que acessar os serviços de saúde implica a existência de corpos dispostos a serem “tratados” e “curados”. Mas crianças e adolescentes em situação de rua têm se recusado a seguir esse caminho. Chegam aos serviços voluntariamente, só que essa chegada não implica em uma “clássica demanda de tratamento”. Vemos isso no artigo do jornal *O Globo* intitulado “Um adolescente é apreendido por dia em Niterói por crime violento”. Ele inclui o relato de um familiar de um dos usuários habituais do CAPSi:

Estes jovens estão sendo atendidos pelo CAPSi, eles estão indo para lá diariamente, comem, tomam banho e ficam lá até às 17 horas, quando os portões fecham e não abrem mais. Aí, eles saem antes de fechar e vão para a (Rua) Mariz e Barros, onde passam a noite e a madrugada se prostituindo e fazendo roubos – diz familiar de um usuário do CAPSi – Os pacientes

mentais que precisam de atendimento estão ficando desamparados, porque muitos pais estão assustados, com medo e desistindo de ir. Nossos filhos não têm outro lugar para se tratar. (SODRE, ALMEIDA & SALLES, 2017)

Se, por um lado, meninos e meninas diagnosticados como autistas e psicóticos são reconhecidos como aqueles a “serem tratados”, porque vítimas de algum sofrimento mental, as crianças e adolescentes em situação de rua não são reconhecidos em sua singularidade. Como sua chegada se dá em grupo e são “tratados” enquanto bando, pouco se conhece da história e das dores de cada um, dos motivos pelos quais chegam lá. À diferença dos psicóticos e autistas, não são levados por ninguém: eles chegam sozinhos. Sua conduta é questionada: “eles vêm só para comer, tomar banho e dormir”, “aqui não é um serviço da assistência social” – dizem os técnicos e familiares. As crianças e adolescentes em situação de rua chegam ao CAPSi ocupando o espaço com suas mantas e os poucos pertences que levam consigo; seus cheiros, seus modos e jeitos geram uma irrupção que não passa despercebida nem aos técnicos nem aos familiares que acompanham e levam ao serviço de saúde mental crianças e adolescentes diagnosticados com psicose e autismo.

*A infância dividida* não é, decerto, invento do CAPSi nem dos familiares que se queixam e não desejam que seus filhos ou netos se misturem com crianças e adolescentes em situação de rua. Vemos que essa produção também aparece através de outros atores sociais. A leitura dos artigos de jornal proposta é reflexo disso: crianças e adolescentes são apresentados como “moradores de rua, menores, usuários de drogas, cracudos”, potenciais criminosos, um perigo para Niterói – uma cidade que parece se preocupar apenas com os imóveis, os espaços verdes, os vizinhos “de bem” e as crianças...autistas e psicóticas.

No artigo de jornal intitulado “Imóvel em Icaraí preocupa a vizinhança” (COLLIER, 2017), vemos mais uma vez emergir essa preocupação. O artigo faz referência a um imóvel localizado na zona sul de Niterói que foi ocupado pelas crianças e adolescentes em situação de rua algum tempo depois de fechados os serviços que lhes eram ofertados no Centro da cidade. O imóvel é reconhecido, e chamado por elas, como o “Casarão”. No texto, a casa aparece como uma “cracolândia” que tem sofrido diferentes operações com o objetivo de desocupá-la. Essas operações são realizadas por agentes da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, da Secretaria de Ordem Pública e da Secretaria de Conservação

e Serviços Públicos. A denúncia que as motiva sequer foi realizada pelo dono do imóvel. De fato, o jornal informa que ainda estavam tentando localizá-lo. Foi um vereador que solicitou a ação, adiantando ao jornal que “o local vai continuar sendo alvo de operações até que o imóvel pare de ser ilegalmente ocupado” (COLLIER, 2017).

Nesse sentido, vê-se que a preocupação é mais com o imóvel do que com as crianças e os adolescentes em situação de rua ou com a violência da desocupação. As ações que o Estado realiza, como bem assinala o vereador, são voltadas a cuidar do edifício. Sobre o cuidado das crianças, pouco se fala. Seus corpos são expulsos daqueles espaços reservados para outros. Poucos dias depois, o mesmo jornal nos informa que as janelas do imóvel que preocupava os vizinhos e a Prefeitura de Niterói foram vedadas, impedindo o ingresso de pessoas: “as ações têm como objetivo impedir que o imóvel seja usado como abrigo para usuários de drogas e pessoas em situação de vulnerabilidade” – informação reproduzida no artigo intitulado “Imóvel usado como cracolândia é lacrado em Icaraí” (O FLUMINENSE, 2017). Vemos, assim, como a mídia cumpre um papel fundamental na tentativa de desenhar os lugares e os não lugares de pertencimento das crianças. Seguindo essa linha de pensamento, Foucault afirma:

A “conduta” é, ao mesmo tempo, o ato de “conduzir” os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O exercício do poder consiste em “conduzir condutas” e em ordenar a possibilidade. O poder, no fundo, é menos da ordem de afrontamento entre dois adversários ou do vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do “governo”. (...) Governar, neste sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros. (FOUCAULT, 1995, p. 244)

No artigo publicado em janeiro de 2017, relata-se a importância das câmeras para monitorar a cidade. As imagens mostram diferentes situações que o jornal apresenta como equivalentes: “tentar assaltar”, “morar na rua”, “consumir drogas” (BULHÕES, 2017). A mídia vai construindo um “outro” que é um possível perigoso para a cidade e seus vizinhos. A cidade responde ao tentar se “proteger”. Também isso é relatado pelo jornal, no artigo publicado em abril de 2017, intitulado “Apitação contra o crime em Icaraí”. Os próprios vizinhos realizam ações frente às crianças e adolescentes usuários de drogas, acusando-os de assaltar e de jogar pedras. Os “moradores de Icaraí têm realizados apitações nas janelas de seus apartamentos para

tentar inibir os crimes, sempre que presenciam alguma movimentação estranha” (COUTINHO, 2017). Entendemos essa dinâmica novamente a partir das conceituações de Foucault:

Uma relação de poder [...] se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que o outro (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como um sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis.” (FOUCAULT, 1995, p. 243)

Quando nos debruçamos sobre as publicações midiáticas, a *infância dividida* fica evidente, como no relato extraído do Jornal *O Globo*:

A falta de estrutura para acolhimento de jovens em situação de vulnerabilidade social passou a impactar as funções do Centro de Atendimento Psicossocial Infantil (CAPSi) Monteiro Lobato, que funciona na Avenida Ari Parreiras, no Vital Brazil. O espaço era destinado ao tratamento de crianças e adolescentes com problemas mentais, mas passou a receber também jovens dependentes de drogas. Segundo Dulce da Costa, que leva um filho de 15 anos com problemas mentais para tratamento na unidade, a mudança preocupa porque são perfis de pacientes completamente diferentes. (SODRE, ALMEIDA & SALLES, 2017)

Segundo Foucault (1995), entendemos que é preciso pensar nos movimentos de resistência presentes nessa dinâmica de poder: crianças e adolescentes em situação de rua circulam pela cidade e sobre essa circulação e seus modos, gostaríamos de nos concentrar. Enquanto a mídia ressalta exclusivamente um certo modo de esses meninos e meninas habitarem a cidade, existem também outros modos, que ficam silenciados. Essas crianças e adolescentes fazem parte de um grupo, existem práticas de cuidado entre eles, há uma preocupação com o que acontece na vida do outro. Desde dezembro de 2016, tenho participado de uma atividade chamada “Ocupa Praça” – segundo eles “uma festa”. Essa atividade acontece uma vez por mês e foi proposta pelos serviços da saúde mental que cuidam da infância (CAPSi e ERIJAD) e pelo setor de Saúde Coletiva da UFF.

No artigo “Pobreza e exclusão social na violação de direitos das crianças e adolescentes em situação de rua”, os autores descrevem e caracterizam o projeto do seguinte modo como:

A ação Ocupa Praça visa ampliar os trabalhos no território, fortalecendo vínculos e articulando ações de diferentes serviços e políticas, tais como:

centro de atenção psicossocial infantojuvenil (CAPSi), consultório na rua, unidade de acolhimento infantojuvenil, centro de convivência e cultura da saúde mental, programa de erradicação do trabalho infantil, serviços de proteção social especial de alta complexidade, políticas de saúde, assistência social e de promoção dos direitos das crianças e adolescentes, além do Fórum e do Conselho Municipal de Promoção dos Direitos de Crianças e Adolescentes e do ISC/UFF. (NETO, BERGER, SOUZA, LATGE, MACHADO & ALVAREZ, 2019, p.3)

O projeto pretendia oferecer um espaço para as crianças e adolescentes em situação de rua, envolvendo toda a rede de cuidado, promovendo atividades de cunho recreativo e educativo. O “Ocupa Praça” se transformou numa intervenção na cidade: a praça permite o encontro dos serviços de cuidado com as crianças e os adolescentes, mas também dos vizinhos, que usam a praça, com eles. A praça aparece como um desafio, um novo espaço a ocupar, por eles e por nós.

Essa ocupação da praça também aparece no jornal, nos permitindo contar outra história, facultando furar a história única que vem sendo construída pela mídia para essas crianças. No artigo intitulado “Ocupa Praça reúne crianças em Niterói” (O FLUMINENSE, 2017), aparece o Ocupa Praça como um projeto do qual participa a ERIJAD junto com o CAPSi, o Centro de Convivência e a UFF (Saúde Coletiva). É descrito como um projeto que se iniciou como uma confraternização de final de ano, e acabou virando um Projeto de Extensão Universitária, assim como um espaço de produção de acesso aos serviços de cuidado para crianças e adolescentes em situação de rua em Niterói.

Nesse espaço existiam diferentes atividades: oficina de dança, roda de coco, capoeira, oficina de bambolê etc. Também compartilhávamos um lanche, comemorávamos aniversários e tínhamos uma roda de samba oferecida pelo Centro de Convivência que musicalizava a tarde. Uma das participantes disse: “queremos que seja um espaço de ocupação da cidade” (Ibid.). Uma das professoras que participava do projeto também relata para o jornal: “elas estão aqui onde sempre deveriam estar, na praça, ocupando, brincando, comendo. Eles ensinam mais para a gente do que a gente para eles. Nós precisamos criar esse convívio com essas crianças, e não ao contrário” (Ibid.). A aparição desse artigo no jornal foi possível a partir da parceria com a Universidade da cidade e as estratégias construídas em conjunto. Mais exatamente, foi preciso ocupar o jornal para contar outra história.

Então, por que motivo trazer à tona esses artigos? Porque eles falam das tensões que atravessavam os serviços de saúde e de assistência social, do jogo de

forças que se abriu na cidade, da disputa pela infância em situação de rua. Através dos artigos de jornal aqui compartilhados, podemos dizer que a mídia coloca um jogo em cena, e é ali que emerge a *infância dividida*. A publicação de cada artigo impactava as equipes, tanto da ERIJAD quanto do CAPSi, pois éramos convocados a pensar nossa prática e o que entendíamos como cuidado; éramos convocados a pensar estratégias de “defesa” e de “resistência” frente às tentativas de extermínio dessa infância em situação de rua e dos serviços que a acompanham.

#### 1.4 Cenas mínimas

Gostaria agora de compartilhar algumas cenas que trazem pequenos fragmentos, músicas, imagens, que me provocaram nesses quase quatro anos de trabalho. Para isso, utilizarei algumas ferramentas; entre elas, o diário de campo (Hess, Weigand, 2006), pois foi a partir da escrita viva que tal ferramenta me proporcionou que foram surgindo esses recortes do dia a dia. Vou tomá-las como *analísadores* (Lapassade, 1979) que permitem pensar a questão do território, ou melhor, a relação entre território, processos de subjetivação e cuidado.

Na companhia de autores pertencentes ao campo da Análise Institucional, entre eles Lourau e Lapassade, assim como de autores contemporâneos que continuam na mesma linha de trabalho, como Rodrigues (2010) e Coimbra e Nascimento (2008), pretendo pensar as *implicações e transversalidades* que operam na pesquisa e no trabalho que venho desenvolvendo. As cenas aqui relatadas, com certeza, virão carregadas das implicações do relator - no caso a relatora, eu mesma, e é exatamente com isso me proponho a trabalhar.

As cenas narradas serão reconhecidas como *analísadores*. De acordo com o filósofo e sociólogo francês Georges Lapassade (1971), o analisador busca decompor a realidade em análise e faz parte da tarefa dos analistas institucionais localizar ou criar estes dispositivos. Nas cenas narradas, aparecerão algumas instituições que se tornam fundamentais na análise que essa pesquisa propõe: a psicologia e a infância. Vale lembrar que instituição, aqui, não é entendida como um prédio ou um regulamento organizacional, não é necessariamente observável. A partir do referencial da Análise Institucional, entendo-a como “uma dinâmica contraditória construindo-se na (e em) história, ou tempo.” (LOURAU, 1993, p. 11). Tal concepção se relaciona com a dialética que os institucionalistas estabelecem entre o instituído, o instituinte e a institucionalização. O instituído é definido como a tendência à imobilidade, o *status quo*. O instituinte é aquilo que entra em contradição com o instituído. Se o instituído é

comparado com a morte, o imóvel, o instituinte vai ser comparado com a vida. “A institucionalização é o devir, a história, o produto contraditório do instituinte e do instituído, em luta permanente, em constante contradição com as forças de autodissolução.” (LOURAU, 1993, p. 12).

Em aliança com Foucault, vou me servir da genealogia para pensar tanto as práticas discursivas como as não discursivas, bem como a relação entre ambas (CASTRO, 2004) e a indissociabilidade entre o cuidado de si e o cuidado do outro (FOUCAULT, 2009). Não se trata de qualquer prática a ser vista como abstrata e universal, mas de uma experiência singular da qual fui parte. Assim, essa pesquisa não visa a história das *paixões alheias* (Ibid.), mas sim a um *ocupar-se de si mesmo*, a fim de pensar as práticas de cuidado com crianças e adolescentes em situação de rua neste contexto e neste tempo.

Quando falamos de crianças e adolescentes “em situação de rua”, supomos que essas crianças estão fora das instituições - fora da escola, da família, dos eventuais lugares de moradia que o Estado oferece (abrigos, albergues etc.). Mas, na verdade, a maioria deles tem um longo percurso de institucionalização, se comparado à sua curta vida; melhor dizendo: situações de violência vividas dentro da família e na comunidade, passagens por escolas diferentes, acolhimentos em abrigos e internações (comunidade terapêutica, serviços de cumprimento de medidas socioeducativas etc.).

Nessa linha, intitulo a primeira cena “*Moro em São Gonçalo, mas gosto de Niterói*”. A partir dela, pretendo colocar a questão do território, especialmente a relação entre território e processos de subjetivação. Já a segunda cena foi intitulada “*Ineficiência programada*”. Reflito, a partir dela, sobre algumas questões em torno do cuidado na esfera dos serviços públicos, assim como sobre as interferências e referências da justiça na Rede de Saúde Mental. A terceira cena ganhou o título “*Vocês vão embora e eles ficam?*” Ela convoca a pensar sobre nossa prática e a relação com o cuidado. O que entendemos por práticas de cuidado com crianças e adolescentes em situação de rua? O que cabe a nós? Como construímos essas práticas nos serviços de saúde? A quarta cena, “*Pelo bem de nossos filhos*”, traz o tensionamento que a presença de crianças e adolescentes em situação de rua provoca nos dispositivos da Rede Pública no encontro com outros usuários e familiares. A quinta e última cena foi intitulada “*Falei para eles que vão ser presos!*”. Essa cena nos convoca a pensar nossa prática desde uma perspectiva ética,

focalizando a relação do sujeito com a verdade e o cuidado de si.

#### 1.4.1 Cena 1: “Moro em São Gonçalo, mas gosto de Niterói”

Em março de 2014, comecei a frequentar o CRCA como psicóloga da ERIJAD. Queria conhecer um pouco do lugar, das pessoas que ali trabalhavam e as crianças e adolescentes que lá estavam chegando. Os técnicos do lugar se prontificaram a me apresentar as crianças e suas histórias. Eles também falavam sobre esse serviço que estava se construindo e comentavam: “Ainda não tem nome, na verdade não existe outro serviço como esse, é um serviço que não se encontra na regulamentação”.

No CRCA, as crianças ficavam por lá durante o dia, almoçavam, tomavam banho, davam um cochilo e, em algumas oportunidades, participavam de alguma oficina. Às 17 horas, o espaço fechava e as crianças retornavam à rua. Desde o início isso gerava um incômodo na equipe: tentavam articular possíveis encaminhamentos para as crianças que solicitavam acolhimento institucional, através do Conselho Tutelar. As crianças, muitas vezes, ficavam durante a noite acolhidos nas casas de passagem, mas, de manhã, voltavam para a rua. No município, existiam duas casas de passagem, uma para adolescentes homens, de 12 a 18 anos, e outra para meninas e meninos até 12 anos e adolescentes mulheres até 18 anos. Segundo a Associação de Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente (NECA), a casa de passagem constitui:

um serviço que funciona como uma “porta de entrada”, onde se instala uma equipe multidisciplinar especializada em diagnóstico, que analisa a situação antes de efetivar o acolhimento, podendo evitá-lo e promover outros encaminhamentos. É um serviço que funciona 24 horas, em regime de plantão. (GULASSA, 2010, p. 25)

Uma das atividades das quais participava, então, como técnica da ERIJAD era a reunião de rede, na qual estavam presentes representantes de diferentes serviços, tanto da saúde mental quanto da assistência social. A pauta a discutir podia ser a situação de uma criança ou adolescente acompanhado por vários serviços ou o funcionamento de algum serviço. Essas reuniões podiam ser marcadas por qualquer serviço específico. No entanto, durante o período em que delas participei, foram marcadas e pautadas, em sua maioria, pela gestão da assistência social.

Nessas reuniões de rede, os técnicos das casas de passagem começaram a questionar o encaminhamento para pernoite, dizendo que “essas crianças” eram diferentes de outras que moravam na instituição e que esse tipo de acolhimento

afetava a dinâmica das casas. Começaram a separar as crianças vítimas de violência das crianças que circulavam pela rua, como se as últimas não fossem também vítimas de múltiplas violências. Depois de um tempo, as duas casas de passagem de Niterói começaram a responder como dispositivos de acolhimento institucional, transformando-se, assim, em *abrigos institucionais*. Segundo o guia de “Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes”, o abrigo institucional se caracteriza como:

um serviço que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo (ECA, Art. 101), em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja viabilizado o retorno ao convívio com a família de origem ou, na sua impossibilidade, encaminhamento para família substituta. (BRASIL, 2009, p. 66)

Este mesmo documento também se preocupa com o que deve ser evitado:

Devem ser evitadas especializações e atendimentos exclusivos – tais como adotar faixas etárias muito estreitas, direcionar o atendimento apenas a determinado sexo, atender exclusivamente ou não atender crianças e adolescentes com deficiência ou que vivam com HIV/AIDS. (...) Desta forma, a organização da rede local de serviços de acolhimento deverá garantir que toda criança ou adolescente que necessite de acolhimento receberá atendimento e que haverá diversificação dos serviços ofertados, bem como articulação entre as políticas públicas, de modo a proporcionar respostas efetivas às diferentes demandas dos usuários (BRASIL, 2009, p. 68)

Apesar das especificidades do documento normativo, a mudança da modalidade “casa de passagem” para “abrigo institucional” tem tido como efeito a exclusão do acolhimento das crianças e adolescentes em situação de rua. Começa a circular pela rede a versão de que é preciso um lugar especializado para o acolhimento dessa população, justamente porque os abrigos decidem não acolher mais na modalidade de pernoite. Assim, quando uma criança e/ou adolescente em situação de rua solicitava acolhimento institucional, ele era negado sob a justificativa de que essa criança “evadia”, que ela tivera vários acolhimentos anteriores e que sempre acontecia isso. As falas tinham a seguinte forma: “Já não é mais casa de passagem, agora é abrigo”.

Outra justificativa muito comum que os abrigos davam para não acolher essa clientela era o fato de os meninos e meninas serem de outro município. Essa questão em particular chamou minha atenção: quando comecei a conhecê-los(as) no CRCA,

uma das coisas que percebi é que chegavam em “bonde” de diferentes lugares - alguns eram de Belford Roxo, outros de Duque de Caxias, outros tantos de São Gonçalo. Um dia perguntei para uma técnica do CRCA como era isso, isto é, por que eles vinham de outros municípios para Niterói. Ela me disse: “Você não conhece o funk? É assim mesmo.” E ela cantou: “Moro em São Gonçalo, mas gosto de Niterói”.

Esse deslocamento das crianças era muito questionado pelos serviços da assistência social, da saúde e da saúde mental. Os abrigos diziam que não podiam acolher crianças de outros municípios. Os outros serviços da Rede Pública também começaram a se recusar a atender as crianças em situação de rua de outros municípios e, com a ajuda dos Conselhos Tutelares, realizavam a prática de “recambiamento”: ela consistia em levar as crianças até o Conselho Tutelar do município de origem. Em curto tempo, no entanto, essas crianças retornavam a Niterói. A mídia também começava a exercer certa pressão. No artigo do jornal *O Globo* publicado em março de 2014, intitulado “Moradores se queixam do aumento da população de rua em Niterói” (Coelho, 2014), fala-se abertamente do incômodo que sua presença gerava na vizinhança, mencionando que os meninos e meninas vinham em família de outros municípios.

Anos mais tarde, numa reunião com minha orientadora de doutorado, a palavra recambiamento foi estranhada por ela: que palavra é essa? É em espanhol? Eu já tinha naturalizado seu uso e achei que era uma palavra para designar esse movimento que realizavam os conselheiros com as crianças, mas não... Quando fui pesquisar um pouco mais sobre ela, achei a seguinte definição:

II – recambiamento: a movimentação de pessoa presa, do estabelecimento prisional em que se encontra para outro estabelecimento prisional, situado em outra unidade da federação. VIII – a realização da movimentação de pessoas presas de forma a respeitar sua integridade física e moral. (Art. 2º da Resolução n. 404, de 2 de agosto de 2021 – CNJ)<sup>10</sup>

O termo recambiamento referia-se, portanto, ao deslocamento de presos com a intenção de preservar sua integridade. Nesse caso não se tratava de presos, nem de crianças que tivessem descumprido a lei; tratava-se de crianças e adolescentes

<sup>10</sup> Disponível em:

<https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/4061#:~:text=II%20%E2%80%93%20recambiamento%3A%20a%20movimenta%C3%A7%C3%A3o%20de,em%20outra%20unidade%20da%20federa%C3%A7%C3%A3o.&text=VIII%20%E2%80%93%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20movimenta%C3%A7%C3%A3o,sua%20integridade%20f%C3%ADsica%20e%20moral. Acesso em: 30 ago.2022.>

em situação de rua. O deslocamento não pretendia, nem garantia, preservar a integridade delas, mas, pelo contrário, era uma prática violenta que reconduzia as crianças a lugares de onde tinham saído, fugindo de situações de violência.

Mas os conselheiros tutelares, como grande parte da rede da assistência social e saúde justificavam esse movimento baseados no *princípio de territorialidade*, que serve tanto para a organização do Sistema Único de Saúde (SUS) quanto do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O território se tornou princípio ordenador das políticas de saúde e assistência social, colocando a exigência do CEP (Código de Endereçamento Postal) para acesso aos serviços. Nesse sentido, afirmam Gondim e Monkem:

No setor saúde os territórios estruturam-se por meio de horizontalidades que se constituem em uma rede de serviços que deve ser ofertada pelo Estado a todo e qualquer cidadão como direito de cidadania. Sua organização e operacionalização no espaço geográfico nacional pautam-se pelo pacto federativo e por instrumentos normativos, que asseguram os princípios e as diretrizes do Sistema de Saúde, definidos pela Constituição Federal de 1988. (GONDIM & MONKEN, 2009)

Embora esse critério exista, não é estritamente seguido em outras práticas. Por exemplo: se, por um lado, os Conselhos Tutelares, através da prática de recambiamento, valorizavam e priorizavam o território de origem (embora negando o deslocamento que as crianças e adolescentes realizavam), por outro lado, o território de origem era absolutamente ignorado quando muitas crianças e adolescentes usuários de álcool e outras drogas eram encaminhados a comunidades terapêuticas em municípios diferentes e distantes do território de origem, impedindo o vínculo com família, amigos e cotidiano. Ferreira Neto (2011) chama a atenção sobre essa “dupla face” do território:

De um lado as condições e modos de vida das populações, de outro, a gestão pública que administra e recorta os espaços territoriais de modo artificial, criando “regiões-território” ou territórios-administrativos a serviço das necessidades da própria administração. Portanto, no campo das políticas públicas a noção de território não é unidirecional. Ao contrário, seu uso atende a direções por vezes convergentes, por vezes divergentes. (Ibid., p. 46)

Em setembro de 2014, uma nova pauta é colocada nas reuniões de rede: a gestão do setor da Assistência Social começa a questionar duramente o lugar de atuação do CRCA. As críticas ao CRCA eram muitas, dizendo especialmente: “Os

meninos ficam usando solvente na porta, dormem todo o dia, eles depois das 17h voltam para a rua”. Ou seja, o CRCA visibilizava uma população para a qual, até então, aparentemente ninguém olhava. Com isso, as crianças e adolescentes em situação de rua eram colocados como um problema a resolver e o CRCA, ao que parece, não estaria “fazendo a sua parte”. Não se questionava, por exemplo, o lugar e a função dos abrigos, o trabalho que a rede de saúde e assistência social estava realizando, mas, sim, pretendia-se que o CRCA “desse conta” de todas essas situações. Chegou-se a sugerir que o CRCA se transformasse em um lugar de pernoite, ou seja, que as crianças e os adolescentes ficassem lá por 24 horas. Em julho de 2015, o CRCA será fechado, sob a justificativa de que não estava na regulamentação da cidade, isto é, que simplesmente não poderia existir. As crianças, então, ficaram com menos um lugar. Só a rua restava.

É necessário, contudo, entender a rua enquanto território. No artigo “As diferentes abordagens do conceito de território” (2004), Bordo et al discutem diversos enfoques, extraídos do campo da geografia, que não se limitam à noção de espaço ou de lugar. Os autores ressaltam a necessidade de pensar a relação entre território e poder, entendendo o carácter relacional do último. Nesse sentido, é necessário pensar em termos de “governamentalidade”. Segundo Foucault, tal categoria traduz um campo estratégico de relações de poder, “móveis, transformáveis e reversíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 247). A rua, entendida como território, está composta/permeada por essas múltiplas relações; entre elas, encontram-se aquelas propostas pelo poder público, estatal, midiático, entre outros.

Segundo Ferreira Neto (2011, p. 47), “temos uma conjunção necessária entre território, processos sociais e de subjetivação”, de modo que a circulação dessas crianças vai demarcar um território compartilhado: quem as acompanha nesse percurso consegue identificá-lo a partir dos laços criados, o tempo de permanência e os recursos utilizados. Essa circulação coloca em evidência as dificuldades e violências no território de origem, a falta de recursos e a necessidade de procurar outros espaços para viver. O funk de Mc Sargento já dizia isso, talvez antes dos acadêmicos:

Eu quero dormir  
Pra não mais lembrar  
Da dura realidade  
Que temos que enfrentar  
Mas se moramos em favelas, em morros

Não tem nada a ver  
 Lá é nossa casa  
 É nosso lazer  
 Chegou fim de semana  
 O clima é total  
 Batemos pagode  
 Jogamos futebol  
 Quando a noite cai  
 É muito maneiro  
 Lá se vai o bonde da Fazenda dos Mineiros (gostei)  
 Moro em São Gonçalo  
 Gosto de Niterói  
 Curtimos bailes do Rio  
 Fazenda somos nós  
 (RAP DE SÃO GONÇALO)

#### 1.4.2 Cena 2: “Ineficiência Programada”

No início do ano de 2016, como tem acontecido em outras oportunidades, chega com urgência à nossa equipe um pedido de “abordar e tratar” cinco adolescentes que se encontravam em situação de rua. Esses adolescentes eram conhecidos em nossa rede e foram acompanhados por diferentes serviços: CAPSi, CnaR, CRCA, CREAS, CT e Unidade de Acolhimento Infantil (UAi). O pedido chega através da justiça, com a seguinte ameaça: se, no período de um mês, a rede de saúde não der resposta, se decidirá pela internação compulsória dos adolescentes em questão.

Esse pedido da justiça é efeito de uma denúncia dos Conselhos Tutelares. A presunção de ineficiência da rede de saúde mental pública foi colocada para a justiça. Esses casos são conhecidos por vários serviços, mas, de fato, a rede atua com muita lentidão, demora a conhecer as crianças e os adolescentes, as famílias e as questões que eles demandam. A rotatividade dos profissionais, a resistência dos serviços para trabalhar com população em situação de rua, as carências estruturais e de recursos humanos da rede têm trazido como efeito a desatenção a essas crianças e adolescentes. Assim, a rede lhes nega atendimento e viola seu direito de acessar os serviços de saúde. Scheinvar afirma a respeito:

As práticas cotidianas no Brasil revelam que há uma produção consolidada relativa à ineficiência e à incompetência do Estado – concepção produzida pelo próprio Estado. A que interesses atende? Que mecanismos garantem a “incompetência” ou, dito de outro modo, que práticas produzem sua eficiência na violação dos direitos? (SCHEINVAR, 2009, p. 41)

O pedido da justiça nos colocou frente a muitas questões: que pedido é esse? Que resposta teremos que dar? Em face desse pedido, temos que cuidar do que e de quem? É possível fazer um trabalho com essas coordenadas? Se for, qual trabalho?

Decidimos não recusar o pedido da justiça, já que, a partir da coordenação da rede, existia uma pressão para responder. A ERIJAD encontrava-se sem muita saída: ou respondíamos ou saíamos da rede. Como outros serviços, ela se encontrava numa situação de extrema fragilidade: a sensação que se respirava era a de que qualquer coisa poderia levar à nossa extinção - não deixávamos de ser um “invento” de Niterói. Então decidimos responder, mas não de forma burocrática, não com mais um ofício. Não nos limitaríamos a cumprir o pedido, isto é, não faríamos somente uma atuação a mais dentro do teatro jurídico.

O pedido da justiça teve um primeiro efeito ativador nos serviços: fez reagir uma rede que parecia adormecida. Os serviços que acompanhavam os casos se articularam para chegar aos adolescentes que, há vários meses, encontravam-se dispersos ou com difícil acesso. Tentamos embaralhar novamente as coordenadas e construir outras junto aos serviços envolvidos. Procuramos pensar novas estratégias que permitissem construir outro tipo de cuidado para uma clientela que entendíamos que devíamos cuidar. Decidimos, então, começar abordagens na rua junto com o CnaR, o CAPSi e a UAi (Unidade de Acolhimento Infantil): a ideia era circular pela cidade procurando os meninos e fazer um convite para chegarem ao CAPSi. A oferta seria a seguinte: poderiam chegar lá para comer, tomar um banho, conversar – nós estaríamos lá. Eles poderiam chegar em qualquer dia, a qualquer hora, dentro do horário de funcionamento do estabelecimento – tudo pactuado com o CAPSi.

Depois de duas tentativas frustradas, encontramos Pedro e Juan, dois dos cinco adolescentes em relação aos quais a justiça nos convocara. Pedro e Juan conheciam a técnica do CnaR e a da ERIJAD. Frente ao nosso convite, pediram para chamar outros adolescentes: “Se eles vão, nós vamos”. Fizemos o convite de modos diferentes: falamos que era possível ir de carro, a pé... Eles continuaram dizendo que nesse dia não iriam, mas que conheciam o lugar. Combinamos que voltaríamos na próxima semana. Aí, Pedro disse: “E amanhã? E depois de amanhã?” A pergunta de Pedro levantou um alerta para nós. Em várias oportunidades, a rede os tem convocado para um trabalho, mas um tempo depois se afasta. Tem acontecido isso, por exemplo, com o oferecimento do espaço do CRCA, que depois de um ano e meio fechou. Também com a proposta de uma Unidade de Acolhimento Infantil (UAi), inaugurada no ano 2014, mas que só começou a funcionar em 2018. A UAi é um serviço da saúde mental para crianças e adolescentes usuários de álcool e outras drogas. Não é um estabelecimento de internação, mas um dispositivo de acolhimento.

Por isso, a permanência não é obrigatória: os usuários têm a liberdade de sair quando quiserem. É um serviço de baixa exigência. No momento do encontro acima narrado, a unidade estava fechada.

Foram mais algumas semanas para os convidar, mas as crianças e os adolescentes começaram a chegar ao CAPSi. Esse foi um fato inédito na rede de Saúde Mental: era a primeira vez em muitos anos que crianças e adolescentes usuários de drogas, alguns deles em situação de rua, iam aos serviços da rede de modo espontâneo. Frases tantas vezes ouvidas nas reuniões entre os serviços de repente caíram por terra: “O problema é que eles não chegam”; “Já marquei com ele, mas não veio”; “São resistentes ao tratamento”; “Eles não aderem”. Dois meses depois, quando os adolescentes conseguiram frequentar o lugar, o CAPSi determina que só poderiam ir em um único dia da semana. Quando questionamos isso, a resposta foi: “O CAPSi não é serviço da Assistência Social, eles já chegaram, já fizeram um vínculo, agora é preciso ordenar as coisas. Estava uma bagunça a chegada deles, chegavam pessoas que eram adultas, chegavam em bando”. A sensação foi a de que, mais uma vez, estávamos propondo um espaço de acolhimento para logo depois ter esse trabalho recusado.

Frente ao desânimo que esse movimento institucional nos produzia por tentar delimitar espaços de circulação permitidos e não permitidos, decidimos, enquanto ERIJAD, propor um outro espaço para nos encontrarmos com os meninos e meninas, juntamente com os serviços que se ocupam do cuidado da infância. Foi assim que surgiu o Projeto “Ocupa Praça”, mencionado anteriormente. O espaço da praça tem propiciado encontros com crianças e adolescentes de um modo diferente. Vitor, Manu, Leo, Bento, Vanusa, Filipe e Adriana são alguns daqueles com que temos cruzado por lá. Alguns deles fizeram 18 anos ou estão próximos de completá-los, mas os conhecemos desde crianças. Vitor é acompanhado há quase 4 anos. Manu, há mais de 6 anos - ela está com 13 anos agora. Leo, que no início foi acompanhado pela Atenção Básica, há uns 6 anos também. Vanusa e Filipe, nós conhecemos na praça. Adriana há 3 anos é acompanhada pela rede - a última vez que a vimos foi no DEGASE, quando estava internada cumprindo uma medida socioeducativa.

As histórias dessas crianças têm nos interrogado; temos aprendido que não se trata apenas de conhecer a história do “sujeito”, entendido enquanto essência, enquanto estrutura. A tarefa que tem nos ocupado na equipe é a de construir histórias e ir atrás delas. Descobrimos que a história de um fala dos outros; nunca é uma,

sempre são muitas histórias, cada vida significa múltiplas vidas. O Juan que veio ajudar o irmão e a mãe, a Sara que se evade do abrigo para ficar com seus amigos na rua, o José que vai morar com a avó depois de o irmão ir também. São histórias contadas no plural: sempre andam em grupo e o que acontece com um deles deixa marca em todos os outros.

#### 1.4.3 Cena 3: “Vocês vão embora e eles ficam?”

No início de 2017, estávamos fazendo nossa reunião de equipe na rua, numa padaria, e cruzamos com um grupo. Eram várias crianças e adolescentes que já acompanhávamos. Estavam exaltados, dizendo que precisavam de algum lugar, que tinham sido tirados da casa que ocupavam. Sugerimos que fossem ao CAPSi. Pouco tempo depois, fomos convocados pela equipe do CAPSi: os meninos e meninas tinham chegado lá. Eram cinco adolescentes e duas crianças. Na conversa que estabelecemos, disseram-nos que a polícia tinha chegado na casa com armas. Colocaram essas armas na testa deles(as) e disseram que saíssem, ameaçando-os de morte. Um deles disse que achava que eles iriam morrer; outro chorou, e o resto se manteve atento aos relatos. Tentamos conversar sobre o que poderíamos fazer na ocasião. Um deles disse: “A gente não vai para abrigo, não”. Detalhando os motivos pelos quais não queria ir, falou dos abusos que tinha sofrido lá e da falta de resposta que teve à sua denúncia acerca deles. Outra menina disse: “Eu vou sim. Para estar na rua... com toda essa dificuldade...”. Tentamos articular o acolhimento das crianças que o solicitaram, mas o abrigo respondeu que não podia acolher porque eram de outro município. Convocamos o coordenador da rede de saúde mental para tentar encontrar um lugar no município de Niterói. Uma das crianças era uma menina cuja família estava em situação de rua. Ela circulava pelas ruas de Niterói havia três anos. Nesse sentido, entendíamos que o território dela era a cidade de Niterói. Conversamos com alguns dos técnicos do CAPSi: eles continuariam a articulação, nossa equipe estava indo embora. Mas quando cruzamos com uma técnica do CAPSi, ela nos perguntou, com certa inquietude: “Como assim, vocês vão embora? E eles ficam?”. Respondemos: “Sim”.

A resposta “sim, eles ficam” pretendia afirmar um lugar que era das crianças e adolescentes. Entendíamos que num momento em que estavam sendo expulsos de todos os lados, era preciso afirmar o CAPSi como um lugar que podiam ocupar, que era um direito deles. Hoje, e há muito tempo, aparentemente, se pensamos nos direitos das crianças e dos adolescentes devemos nos remeter ao Estatuto da Criança

e do Adolescente (ECA), datado do ano de 1990. Mas é preciso fazer um breve resgate histórico para entender o contexto no qual se insere a luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes, cujo marco legal é esse Estatuto. Estela Scheinvar, no livro “O feitiço da política pública: escola, sociedade civil e direitos da criança e do adolescente” (2009), descreve o contexto e a conjuntura política em que ele foi concebido:

O ECA contém os princípios mais caros ao pensamento neoliberal e, com eles, os candentes embates presentes na história das relações burguesas. Inserido no debate nacional sobre as políticas públicas, no contexto da luta antiditatorial da década de 1980, faz parte de um processo no qual as referências políticas do país estão na pauta de todas as discussões. (Ibid., p. 15)

Anterior ao ECA, havia o “Código de Menores”, com a Lei nº 6.697 de 10 de outubro de 1979. Nesse Código, as crianças ainda eram entendidas como menores, isto é, objetos de intervenção e de tutela - os dispositivos de disciplinamento eram privilegiados e, a partir deles, eram modelados corpos e condutas (PILOTTI & RIZZINI, 1995). Estela Scheinvar assinala que um dos aspectos que aflora na implementação do ECA é “o projeto neoliberal do Estado brasileiro que, apesar de contar com uma lei clara em relação a seus deveres para com a criança e o adolescente, não inclui essa área na sua estrutura executiva” (SCHEINVAR, 2009, p. 17).

O ECA tem sido utilizado de diversos modos pelos atores da rede. Por exemplo, para justificar a exclusão das crianças e dos adolescentes de alguns espaços e serviços de cuidado. Assim foi no caso do CRCA: ele fechou porque não existia na regulamentação. O que circulava na rede era: “Criança não é para estar na rua, isso está no ECA; então como vai existir um lugar para cuidar de crianças e adolescentes em situação de rua durante o dia?”. Lancetti nos alerta a esse respeito: “As histórias e as subjetividades dessas crianças impossibilitam a aplicação simplista do Estatuto da Criança e do Adolescente” (LANCETTI, 1994, p. 84). No artigo nº 4, o ECA dispõe:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990)

A lei propõe, assim, um cuidado que não acontece.

#### 1.4.4 Cena 4: “Pelo bem de nossos filhos”

No ano 2018, como coordenadora da ERIJAD, participava de uma reunião semanal com os coordenadores dos outros dois serviços do programa da Infância e uma assessora, representante da coordenação da rede de saúde mental. Nessa reunião, a coordenadora do CAPSi comentou que os pais de vários usuários do CAPSi tinham se queixado da presença das crianças e adolescentes em situação de rua, tanto no espaço do Centro como na atividade externa que chamamos de “Ocupa Praça”. Também fui informada, através do Conselho Tutelar, de que chegara uma queixa telefônica sobre o mesmo assunto. A presença desses meninos e meninas incomodava. Isso não era novidade, mas a denúncia no CT aparecia quase como uma provocação, já que tal Conselho, nos últimos tempos, estava bastante afastado dessa população. Antes disso, por sinal, a rede de saúde mental e de assistência social só sabia das crianças e dos adolescentes em situação de rua através do próprio CT, que denunciava insistentemente o fato de que os serviços se recusavam a dar atendimento a essa população específica. Então, com o atual afastamento do CT da situação das crianças e adolescentes, como ele agiria no caso da denúncia em pauta?

A queixa começa a convocar os profissionais do CAPSi: os familiares pedem a presença da guarda municipal na praça para garantir a segurança dos “usuários do CAPSi”; a coordenação do CAPSi leva essa proposta para a coordenação da rede, que acha isso “esquisito” e convoca a ERIJAD para pensar o tema; nós, da ERIJAD, afirmamos que a presença da guarda iria contra tudo o que propúnhamos para o “Ocupa Praça” e seria mais uma violência contra essa clientela - lembremos que o Ocupa Praça surgiu como um espaço para crianças e adolescentes em situação de rua, aberto para outras pessoas, mas pensando sempre na importância do acolhimento dos primeiros. O CAPSi concordou conosco.

Chegou o dia da avaliação da atividade do “Ocupa Praça” – realizávamos, a cada 2 ou 3 encontros, uma avaliação. Já estávamos no mês de agosto de 2017 e 10 “ocupas” tinham acontecido. Cada encontro foi intenso e nos aproximou de algumas das múltiplas possibilidades que ocupar uma praça implica. Para a avaliação, desta vez, convidamos familiares e usuários que participavam da atividade – até esse momento, só os técnicos tinham participado. Os adolescentes em situação de rua estavam no CAPSi, mas não quiseram participar. Tivemos a participação dos técnicos do CAPSi, da Uai, da ERIJAD, de estudantes e professores da UFF e de algumas mães. Uma técnica da ERIJAD começou a conversa contextualizando a atividade e a

avaliação que realizávamos. Rapidamente, as mães começaram a falar sobre o incômodo que nelas gerava a presença de crianças e adolescentes em situação de rua, seja no CAPSi, seja no Ocupa Praça. Eis algumas das falas: “Não é preconceito, é medo”; “Quero saber como atuar com eles”; “Achava que o CAPSi era um lugar para cuidar de autistas e psicóticos”; “Queremos saber o que vocês fazem com eles, porque só vemos eles aqui dormindo, tomando banho e comendo”; “Queremos saber o projeto terapêutico deles”. Essas falas se intercalavam com outras, nossas, sobretudo da equipe da ERIJAD, que tentava acolher a queixa das mães, mas também colocar o direito que esses meninos tinham de estar ali. Num certo momento, as mães comentaram que esses meninos precisavam um lugar diferente, só para eles, e que não poderiam estar misturados com seus filhos. Uma colega, então, historiciza a reforma psiquiátrica e conta às mães que, num dado momento, se falava disso mesmo sobre os psicóticos e os autistas: a existência do manicômio era justificada como “um lugar exclusivo para eles”, afastado do convívio social.

Uma das mães comenta, então, que decidira não participar mais do Ocupa Praça depois de um dia em que viu alguns adolescentes fumando maconha. Esse grupo de adolescentes, vale dizer, não era de usuários do CAPSi: eram alunos de uma escola privada da região, não estavam em situação de rua e pareciam pertencer à classe média de Icaraí. A polícia chegou e revistou-os - a cena foi muito violenta, mas ninguém foi levado. Na reunião com as mães, explicamos que o Ocupa Praça é uma atividade na praça e, portanto, é sempre provável se defrontar com coisas que acontecem nas praças (por exemplo, pessoas fumando maconha), mas que a proposta do Ocupa é fazer outras atividades que achamos interessantes, como um piquenique, uma roda de coco, uma oficina de música, etc. A mesma mãe que falara da maconha diz, então, que mora em comunidade e que seu filho sempre vê pessoas fumando maconha. Outra mãe insiste que os meninos e meninas em situação de rua precisam ter um lugar especial de tratamento, porque lugar de alcoólatra e viciado deve ser diferenciado. Comenta ainda que estava preocupada porque “a gente sabe que quem usa droga fica agressivo”. Tentamos retomar os 10 Ocupas que tínhamos realizado: a única situação violenta fora a presença da polícia e, em todos os encontros, participaram crianças e adolescentes usuários de drogas.

No início da conversa, uma das mães começara falando de tudo o que implicava cuidar de seu filho: levar ao médico, fazer exames, trazer ao CAPSi e ter de lidar com “essas situações” (referindo-se ao encontro com crianças e adolescentes

em situação de rua). Parecia que tal encontro implicava um cuidado a mais que ela deveria ter. Novamente fica ressoando, para mim, a palavra “cuidado”. Essa palavra é usada inúmeras vezes, em contextos diferentes, para casos diferentes. O que significa, afinal, falar de cuidado?

#### 1.4.5 Cena 5: “Falei para eles que vão ser presos!”

Uma noite recebo uma ligação de uma colega de trabalho, pessoa próxima e querida, com a qual conspirava muitas estratégias de trabalho. Ela me fala algo muito parecido com o seguinte: “Andrea, fiz errado, encontrei com os meninos e falei que estavam procurando por eles, que eles iriam presos”. Continuamos conversando no telefone e ela me relatou melhor a cena: era noite, ela estava entrando num mercado de Icaraí e encontrou várias crianças e adolescentes que, como ERIJAD, já acompanhávamos. Eles(as) a reconheceram, cumprimentaram-na afetuosamente e pediram para comprar uma lasanha - ela topou. Enquanto foi comprar, começaram a fazer bagunça. Ela percebeu o terror das pessoas no mercado e, na tentativa de evitar que chamassem a polícia (prática comum nessas situações), disse: “Se cuidem, já está rolando um mandato de busca e apreensão com os nomes de vocês, se a polícia chegar, vai levar todos”. A preocupação dela (e a minha) era a de que, a partir dessa informação, eles fossem embora de Niterói e ficassem ainda mais vulneráveis (mais vulnerabilizados, melhor dizendo). Também existia uma preocupação com outros efeitos dessa intervenção: o que aconteceria se a coordenação de saúde mental soubesse que tínhamos falado disso para os adolescentes? E quanto à justiça? Sabíamos do pedido judicial e estávamos tentando articular estratégias para rever a medida, a partir da coordenação de saúde mental. Passado esse primeiro momento de preocupação, continuamos “ruminando” sobre a situação. Passaram os dias e encontramos com os jovens - eles não tinham ido embora, afinal. Ficamos nos questionando sobre a informação que tínhamos: era mesmo segredo? Eles não deveriam saber? Por quê? A maioria deles era adolescente.

Essa cena me impele a refletir sobre a questão da ética e do cuidado. De que se trata afinal, em nossa prática, quando decidimos, mesmo que implicitamente, manter uma informação como essa em segredo? Que tipo de “cuidado” estamos afirmando? Para quem? Vinciane Despret, em “Leitura etnopsicológica do segredo” (2011), problematiza o segredo e busca analisar seu lugar, tanto nos dispositivos clínicos como nos dispositivos de pesquisa. A autora pergunta-se: o que faz o segredo? Ela mesma responde: “Poderíamos começar, para responder a essa proposição,

definindo o segredo como aquilo que organiza o que se mostra e o que se esconde” (DESPRET, 2011, p. 10). Ressalta, assim, que as pessoas privilegiam o relato de segredos no dispositivo clínico porque o dispositivo se constrói como um dispositivo de segredo, e não o contrário. O segredo separa o que é público do que é privado, tem um valor político. Seguindo essa linha de pensamento, Despret se interessa não pelo que o segredo é - não se trata de compreender sua essência -, mas por saber “o que o segredo faz”: o que ele produz, afinal? Afirma então que, contrariamente ao que se acredita, o segredo protege sempre o terapeuta, previne-o de críticas externas. O segredo explicita a assimetria dos papéis, tanto nas situações clínicas quanto nas práticas de pesquisa, por sinal.

Gostaria, prosseguindo nessa linha de análise, de pensar as relações de poder/cuidado estabelecidas a partir das relações do sujeito com a verdade. No caso, acompanhando Foucault, visando colocar em pauta as práticas de si, práticas de autoformação do sujeito - modos de ensaiar um trabalho de si sobre si mesmo. No início do curso “A Coragem da verdade”, Foucault (2011) se refere a quatro modos de dizer verdadeiro, que ele entende como fundamentais para a análise do discurso: o discurso do profeta, o do sábio, o do técnico e o do parresiasta. Estas quatro modalidades se combinam em diferentes tempos, culturas e sociedades, em diferentes modos de discurso, que Foucault chama de “regimes de verdade”. Vou me centrar nas modalidades discursivas do técnico e do parresiasta para pensar a cena aqui colocada.

Foucault refere-se a algumas figuras de técnicos mencionados por Platão em seus diálogos: o médico, o músico, o sapateiro etc. Poderíamos incluir, hoje, o psicólogo. Os técnicos possuem um saber caracterizado como *tekhné*: o conhecimento que possuem se relaciona com uma prática. Têm um saber e são capazes de transmiti-lo, e esta transmissão é fundamental. Porém o técnico, como técnico, não corre riscos. Voltando à cena, poderíamos pensar que conservar a informação da decisão judicial no campo do segredo nos protege de qualquer risco: as crianças e os adolescentes continuariam transitando do mesmo modo, ninguém questionaria nosso silêncio.

Foucault se refere também à modalidade discursiva do parresiasta: nesse caso, um dizer franco. Ele vai se diferenciar do técnico porque coloca em risco a relação com o outro. Ao dizer a verdade, o parresiasta coloca em risco, aliás, a vida. “A noção de parresia é antes de tudo, e fundamentalmente, uma noção política” (FOUCAULT,

2011, p. 26). Quando minha colega decide falar sobre a medida judicial, ela se arrisca, pois quebra o silêncio/segredo e enuncia o que muitos de nós já sabíamos. Entendo que não se trata simplesmente de transmitir uma informação, mas de tirar do escuro a “jogada” que se estava montando para com os jovens. Ela escolhe não ficar no lugar de cumplicidade que a justiça estava nos reservando.

O dizer veraz do técnico une e enlaça. O dizer veraz do parresiasta assume o risco da hostilidade, da guerra, do ódio e da morte. A verdade do parresiasta até pode unir e conciliar, porém só depois, e com a inauguração do momento essencial, que é o momento do risco. O parresiasta coloca em risco o discurso veraz daquilo que os gregos chamavam de *ethos*.

“O êthos era a maneira de ser e a maneira de se conduzir. Era um modo de ser do sujeito e uma certa maneira de fazer, visível para os outros. O êthos de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos etc. Esta é para eles [os gregos] a forma concreta de liberdade; assim eles problematizavam a sua liberdade” (FOUCAULT, 2004, p. 271).

Não sabemos que efeitos pontuais trouxe esse acontecimento na vida dos jovens, mas, para nós, foi revelador de um lugar que, como equipe de assistência, já não estávamos dispostas a ocupar.

\*\*\*

Essas experiências, que aqui tomaram forma de cenas, têm me conduzido a refletir sobre os modos de viver e cuidar que, no encontro com essas crianças, aparecem como *possíveis* - modos que ainda não foram ditos, nem explicados, nem definidos. Modos que questionam os axiomas que nos movem como trabalhadoras, como mulheres, como psicólogas. Essas crianças trouxeram a recusa e a desobediência como novidades. Elas trouxeram a possibilidade de pensar que, para que o encontro se produzisse, não eram elas que precisariam mudar; éramos nós, trabalhadores de saúde mental, que precisaríamos criar outras circunstâncias, outros cenários. Nas próximas páginas, me ocuparei de analisar a recusa e a desobediência a partir desse encontro.

## 1.5 Sobre a recusa

No encontro com as crianças e os adolescentes em situação de rua se teceram várias experiências, trazendo muitas questões. Uma delas, em especial, insiste e persiste: a *recusa*. As histórias aqui contadas me levaram a pensar a recusa como modo de viver. Nos próximos parágrafos, tentarei delimitar aquilo que entendo por recusa, recorrendo aos pensamentos de Michel Foucault sobre a governamentalidade e aos de Frédéric Gros sobre a desobediência.

A recusa das crianças e dos adolescentes em situação de rua que acompanhei enquanto trabalhadora de ERIJAD têm me interpelado sobre modos de viver e de cuidar. Seria possível pensar modos de viver e de cuidar sem pensar a dinâmica de governo em que eles emergem? Essas histórias falam da recusa desses jovens; mas nós, trabalhadores da saúde mental, também recusamos? Se o fazemos, o que recusamos? Com certeza falamos de recusas diferentes, incomparáveis. Se para nós, da ERIJAD, naquele momento, recusar-se a ocupar determinados lugares era uma experiência difícil, resulta quase impossível imaginar, a partir de nosso lugar de mulheres brancas e de classe média, o que significa a recusa de ocupar determinados lugares sendo criança ou adolescente, sendo pobre, sendo preto, vivendo nas ruas. Tenho me aventurado a trazer à cena e à análise essas histórias de recusa, mesmo sabendo das limitações de minha observação.

### 1.5.1 O que é governar?

Como disse, vou tentar refletir sobre o movimento de recusa a partir de algumas conceitualizações realizadas por Michel Foucault sobre governamentalidade. No curso *Segurança, território, população*, ministrado em 1978, Foucault começa suas aulas definindo o biopoder como “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (Foucault, 2008, p. 3). O autor esclarece que não estamos falando de uma teoria geral do poder; não se trata de entendê-lo como substância, e sim como um conjunto de mecanismos cuja função é justamente manter o poder. Os mecanismos de poder não constituem uma exterioridade, são parte intrínseca de múltiplas relações - familiares, sexuais, de produção etc. Qual é o sentido de analisar esses mecanismos? Segundo Foucault:

A análise dos mecanismos de poder [...] tem, no meu entender, o papel de mostrar quais são os efeitos de saber que são produzidos em nossa sociedade pelas lutas, os choques, os combates que nela se desenrolam, e pelas táticas de poder que são os elementos dessa luta. (Ibid., p. 5)

Foucault descreve, no curso de 1978, dispositivos, modos de funcionamento dos mecanismos de poder: o dispositivo da lei, o dispositivo da disciplina e o dispositivo de segurança. Entre eles não existe uma sucessão, tampouco uma sequência invariável: o dispositivo de segurança, por exemplo, incorpora as velhas estruturas da lei e da disciplina.

Gostaria de resgatar alguns pontos que Foucault menciona para pensar cada mecanismo de poder. Sobre o “dispositivo da lei”, ele afirma que é o sistema do código penal, com a divisão binária entre o que é permitido e o que é proibido, estabelecendo-se uma relação entre ação proibida e um tipo de punição. Já o “dispositivo da disciplina” baseia-se nos mecanismos da vigilância e correção, aparecendo uma série de técnicas psicológicas, médicas e policiais de vigilância, diagnóstico e eventual transformação dos indivíduos. O “dispositivo de segurança”, por sua parte, trata de inserir cada fenômeno numa série de acontecimentos mais, ou menos prováveis: as medidas a serem tomadas vão ser inseridas num cálculo de custos; estabelece-se uma média considerada ótima e, a partir disso, a definição dos limites aceitáveis. A *regulação* é, por conseguinte, um elemento fundamental nos dispositivos de segurança.

No livro “História da sexualidade I – a vontade de saber” (1999), no capítulo intitulado “Direito de morte e poder sobre a vida”, Foucault traz alguns elementos que caracterizam os dispositivos de poder mencionados. Ele afirma que durante muitos anos o poder soberano (dominância do dispositivo da lei) dispunha da vida e da morte. Esse direito já não se exerce de modo incondicional ou absoluto; hoje está condicionado à defesa do soberano e à sua sobrevivência. Foucault destaca que tanto na forma antiga quanto na moderna esse poder é dissimétrico: o soberano exerce seu poder sobre a vida acionando, primordialmente, seu direito de matar. O soberano exerce o direito de *fazer morrer ou deixar viver*.

Na época clássica, os mecanismos de poder passaram por uma profunda transformação. A partir desse momento emerge um poder que administra a vida: incita, reforça, controla, vigia e organiza as forças que submete - já não se trata principalmente de obstaculizá-las ou destruí-las. A justificativa de matar, até então

fundada sobre o direito de defesa do soberano, passa a se apoiar na defesa do corpo social. Afirma o autor: “As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver” (FOUCAULT, 1999, p. 129). O poder reside e se exerce na vida, na espécie, na raça, na população.

Foucault vai distinguir duas formas principais no desenvolvimento dos mecanismos de poder sobre a vida: um, que emerge no século XVII, centrado no corpo como máquina (dispositivo disciplinar) - aquele que educa, incita, dociliza o corpo individualizado; melhor dizendo, que individualiza os corpos. Outro, formado a partir do século XVIII, voltado ao corpo-espécie (dispositivo de segurança), interessado nos processos de proliferação, nascimentos, mortes, níveis de saúde, duração da vida e longevidade. Foucault diz sobre isso:

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo (Id., *Ibid.*, p. 131).

Foucault, no curso “Segurança, Território, População”, nos chama a atenção para quatro características gerais do dispositivo de segurança. A primeira refere-se aos espaços. A segunda remete ao problema do tratamento do aleatório. Em terceiro lugar, estuda a normalização. Por último, aprecia, de forma geral, a correlação entre as técnicas de segurança e a população - entendida tanto como objeto quanto como sujeito dos mecanismos de segurança. Sobre os espaços de segurança, estabelecendo algumas diferenças, afirma:

Digamos para resumir isso tudo que, enquanto a soberania capitaliza um território, colocando o problema maior da sede do governo, enquanto a disciplina arquiteta um espaço e coloca como problema essencial uma distribuição hierárquica e funcional dos elementos, a segurança vai procurar criar um ambiente em função dos acontecimentos ou de séries de acontecimentos ou de elementos possíveis, séries que vai ser preciso regularizar num contexto multivalente e transformável. (FOUCAULT, 2008, p. 27)

O problema do espaço, para Foucault, notadamente com os dispositivos de segurança, está relacionado com as circulações; ou seja, com o ato de garantir e

assegurar determinado modo de circular seja de pessoas, de mercadorias etc. Nesse sentido, os relatos trazidos pela mídia que apresentamos anteriormente falam claramente dessa limitação e condução em relação à circulação das crianças e adolescentes nas ruas da cidade e nos próprios dispositivos de assistência. Também podemos observar esse problema em pauta nas decisões administrativas sobre os estabelecimentos de atendimento - por exemplo, fecha-se o CRCA porque não estava na regulamentação. Nesse último caso, sequer foi preciso falar que as crianças não podiam circular no Centro da cidade; mas, fechando esse dispositivo, alterou-se sua circulação, provocando seu “sumiço” para os serviços que se ocupavam do cuidado delas: ERIJAD, CAPSi e CnaR.

Foucault falará da *população* como objetivo dos mecanismos de segurança, diferenciando-a dos *indivíduos*. A população aparece como um novo sujeito político: é preciso que ela suporte, aceite, se comporte de determinado modo e circule de certa maneira, pois isso garante uma determinada modalidade de governo. A recusa, a revolta, estas não estão com a população, estão com o povo.

O povo é aquele que se comporta em relação a essa gestão da população, no próprio nível da população, como se não fizesse parte desse sujeito-objeto coletivo que é a população, como se se pusesse fora dela, e, por conseguinte, é ele que, como povo que se recusa a ser população, vai desajustar o sistema (Ibid., p. 57)

O povo parece ser aquele que resiste à regulação que constitui a população. Mas essa resistência será particular dentro dessa nova lógica de governo. Nos dispositivos de segurança, à diferença dos dispositivos da lei e da disciplina, na recusa não se trata do simples “não”. A população é regulada e governada através de uma série de fatores (clima, meio material, intensidade do comércio, impostos, leis, hábitos etc.) e não se trata de lhe pedir simples obediência: é através da intervenção sobre coisas aparentemente distantes dela que se age sobre a população. Destaca Foucault a respeito: “é essa naturalidade penetrável da população que, a meu ver, faz que tenhamos aqui uma mutação importantíssima na organização e na racionalização dos mecanismos de poder” (Ibid., p. 94).

Como pensar a recusa das crianças e os adolescentes quando afirmamos que não se trata de mera desobediência? Não se trata de desobedecer a uma ordem ou a um pedido; trata-se de recusar coisas em aparência distantes, mas que agem sobre nós. Seguindo essa linha de pensamento, do que falamos quando pensamos na nossa

recusa, na recusa exercida por nós, trabalhadoras da saúde?

### 1.5.2 Como não ser governado... desse jeito!

A prática exercida como técnica e coordenadora da ERIJAD tem me colocado sempre num delicado limiar. Inúmeras vezes questionei meu lugar, me perguntei se não estava sendo parte de certa maquinaria que governa e tutela vidas. De que modo é possível cuidar sem ser mera parte operacional dessa máquina tutelar? Como nós, trabalhadoras de saúde mental, conseguimos nos recusar?

No texto, originalmente uma conferência de 1978, “O que é a crítica?”, Foucault (1990) reflete sobre a “atitude crítica” e procura historicizá-la. Assim nos leva a pensar essa atitude crítica em relação à verdade e aos modos de governo. Parte do exemplo da pastoral cristã, que mantinha a ideia de que cada indivíduo devia ser governado e se deixar governar, já que isso conduziria à sua salvação. Foucault assinala três modos de se vincular com a verdade a partir dessa relação de obediência. Segundo o primeiro modo, a verdade seria um dogma, continua dizendo que a verdade implica um certo modo de conhecimento particular e individualizante e, por último, a verdade como uma técnica reflexiva comportando regras gerais, conhecimentos particulares, métodos de exame etc.

A partir do século XV, houve uma explosão da arte de governar os homens. Produziu-se um deslocamento do foco religioso, que começou a se expandir para domínios variados: como governar as crianças, como governar os pobres e os mendigos, como governar uma família, uma casa, como governar os exércitos, como governar os diferentes grupos sociais etc. “Como governar?” foi uma pergunta fundamental entre os séculos XV e XVI, que não podia estar dissociada da questão “como não ser governado?”. A arte de não ser governado, ou melhor, a arte de não ser governado de determinada maneira é o que Foucault chama de atitude crítica. Ele afirma:

E se a governamentalização é mesmo esse movimento pelo qual se tratasse na realidade mesma de uma prática social de sujeitar os indivíduos por mecanismos de poder que reclamam de uma verdade, pois bem, eu diria que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da insubmissão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade. (Ibid., p. 5)

Se pensarmos nas crianças e nos adolescentes em situação de rua ou

naqueles chamados de “inadaptados”, é vasta a bibliografia que aborda as tentativas de governá-los (Lobo, 2008). Na experiência de Niterói, essas tentativas de controle e tutela aparecem através das instituições, da mídia, das famílias, como relatei nas páginas anteriores. Mas a pergunta que a presença deles me provoca é outra: indaga sobre os movimentos, as experiências, os modos de viver que recusam as diferentes formas de governar que tentam conduzi-los. Em suma: como eles conseguem “não ser governados desse jeito”?

### 1.5.3 Recusar, rejeitar, desobedecer...

*“Obedecer, desobedecer – é dar forma à nossa liberdade”* (GROS, 2018, p. 36)

Gostaria de trazer mais alguns elementos para acrescentar a essa discussão acerca da recusa como modo de viver. No livro “Desobedecer”, Frédéric Gros, (2018) parte exatamente da seguinte pergunta: por que obedecemos? A partir dela, vai construir uma trajetória para pensar a obediência como arma do poder político e a desobediência como modo de resistência ético-política. Vou acompanhar esse autor para pensar a recusa enquanto modo de viver desde uma perspectiva ética do sujeito político. Ética, afirma Gros, seguindo Michel Foucault em “História da Sexualidade II e III”, seria “a maneira como cada um se relaciona consigo mesmo, constrói para si certa ‘relação’ a partir da qual se autoriza a realizar determinada coisa, a fazer isto e não aquilo” (Ibid., p. 33). Gros começa seu livro comentando três situações estereotipadas frente às quais permanecemos ou parecemos tolerantes: as desigualdades econômicas, a degradação progressiva do meio ambiente e o processo contemporâneo de criação de riquezas, o capitalismo, que também inclui nos dois primeiros problemas. Assim, o livro efetivamente se inicia com uma pergunta mais precisa: por que obedecemos frente ao absurdo?

Gros (2018) recorre a diferentes autores para pensar a questão da obediência e desobediência como movimentos políticos. Entre eles, encontramos Immanuel Kant. Segundo Gros, no livro *Sobre a Pedagogia*, Kant traz algumas ideias que ele mesmo considera um pouco perturbadoras. Uma delas é a de que existe uma obediência incondicional ou absoluta que abre caminho para o processo de humanização. Existe também uma outra obediência, voluntária ou racional, que contempla a liberdade. Gros cita Kant: “esta última, a voluntária, é importantíssima; mas a primeira [a obediência absoluta] é absolutamente necessária, porque prepara a criança para o respeito às leis que deverá seguir certamente como cidadão, ainda que não lhe

agradem” (KANT, 2006, p. 77 apud GROS, 2018, p. 30). Esse tipo de obediência, para o filósofo alemão, tira do sujeito propensões naturais que o inclinariam à selvageria, ao anarquismo, à loucura. Sobre essa ideia, Gros menciona os estudos realizados por Foucault em seu curso no Collège de France de 1975, abordando o modo como a psiquiatria cria a categoria dos “anormais” e dos “incorrigíveis” ao longo do século XIX. Gros afirma então: “o incorrigível é o indivíduo incapaz de se submeter às normas do coletivo, de aceitar as regras sociais, de respeitar as leis públicas” (Ibid., p. 27). Assim, o processo de humanização educa, domestica aquele sujeito “selvagem”, criando o cidadão, preparando o futuro sujeito político pela resignação, pois ele aceita aquilo com que em princípio não concordaria.

Leio atentamente a trajetória construída por Gros (2018) porque ela vai se relacionando com diferentes situações experimentadas nos anos de trabalho de ERIJAD. Acompanho as perguntas: como pensar os movimentos de obediência e de desobediência nessas experiências? Outro autor destacado por Gros é Étienne de La Boétie. Em seu “Discurso da servidão voluntária” - segundo Gros, o primeiro texto sobre a “superobediência” -, La Boétie afirma que se obedece mais do que é requerido e que esse excesso mantém o poder político. A obediência se deduz da fascinação: o corpo social se constitui em “um” a partir de uma adoração comum. Para desfazer tal mistificação, La Boétie propõe a amizade. A partir do postulado por La Boétie, Gros conclui: “a amizade é sempre de um para um; é certo que no final se acabe constituindo uma rede, mas nunca é abrangente e se opõe radicalmente à dissolução num todo fusional. A amizade é uma máquina de guerra contra as comunidades de obediência” (Ibid., p. 62).

Na entrevista realizada com Michel Foucault e intitulada “A amizade como modo de vida”, aparecem algumas questões que compõem com as afirmações de La Boétie. Interpelado pela questão da homossexualidade e a discussão identitária que gira em torno desse debate, Foucault afirma: “Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos. É para essa direção que caminham os desenvolvimentos do problema da homossexualidade, para o problema da amizade.” (FOUCAULT, 1981, p. 1). Pensar o problema da amizade implica nos questionarmos sobre como é possível viver com outros, explodindo aqueles modelos conhecidos que falam sobre “o um” modo de ser. A amizade como modo de viver, segundo o autor, possibilita uma cultura, uma ética, implicando pensar as relações como *polimorfos, variáveis, singularmente moduladas*.

É curioso pensar dessa forma em relação à equipe da ERIJAD daqueles anos, como relatei incipientemente em algumas cenas e trechos do presente texto, porque foi a amizade daquele grupo de mulheres que nos manteve enquanto equipe nos momentos mais difíceis. No caso da experiência aqui relatada, a questão identitária aparece em alguns momentos em torno da figura do psicólogo: como ser “um bom psicólogo da rede de saúde mental?” - era preciso recusar esse modelo. A amizade criada entre nós, trabalhadoras da rede de saúde mental, nos permitiu realizar alguns movimentos, criar modos de trabalhar inéditos nesse contexto. Era uma situação frequente pautar reuniões com a coordenação para questionar situações e decisões, para recusar determinados pedidos. Por exemplo, em vários momentos nos recusamos a entregar os prontuários das crianças em situação de rua que acompanhávamos ao judiciário com o fim de avaliar nosso trabalho. Além das razões óbvias que tínhamos para realizar esse tipo de movimento, também existia um afeto e uma confiança entre nós que permitia encarar os absurdos a que muitas vezes assistimos silenciosamente.

Essa superobediência que La Boétie define alerta Gros: ela pode não estar num fervor, e sim numa inércia passiva, já que se obedece por hábito ou conformismo. Esse tipo de obediência ressoa em frases do tipo: “Aqui, a gente faz assim” ou “Todos fazem desse jeito”. Frente a essa forma de obediência, Gros chama atenção para duas formas de resistência: a ironia cética e a provocação cínica. O cético respeita as leis e os costumes, mas lhes nega legitimidade; mantém sua capacidade crítica, não acompanha a idiotice das convenções. Já a provocação cínica é frontal e violenta frente às convenções: desobedece e denuncia publicamente. Gros esclarece que a provocação cínica é o ato de “denunciar a grande equação conformista, a grande mentira, o embuste imenso, a fraude monumental. Quero dizer: chamar de ‘natural’ o que nunca é mais do que ‘normal’, o que no fundo não passa de ‘socialmente respeitável” (Ibid., p. 103).

Seguindo essa linha de pensamento, Gros nos convida a pensar o quanto a obediência nos “desresponsabiliza”: não somos autores do que realizamos quando obedecemos. Ele utiliza o caso do nazista Adolf Eichmann, capturado na Argentina em maio de 1960, e julgado em 1961, em Jerusalém. Eichmann foi o planejador logístico da chamada Solução Final, aquele que a tornou realizável. Foi o responsável pelo fato de os trens que conduziam ao massacre os judeus chegassem a seu destino. Gros diz a respeito:

O debate teórico-ético em torno do processo de Eichmann congelou-se a partir dos anos 1970 nos termos de uma oposição abstrata: ou você faz de Eichmann um monstro de antissemitismo, esquecendo de pôr em causa a modernidade gestora e nossas próprias covardias, porque Eichmann é rejeitado para uma exterioridade maléfica; ou faz o processo de monstruosidade da modernidade técnica, ao risco de torná-lo uma peça “inocente” do sistema. (Ibid., p. 118)

Nessa tensão se desenvolve a discussão ético-política sobre crimes de lesa humanidade até a atualidade, o que implica pensar a questão da responsabilidade atravessada pela questão do obedecer versus o desobedecer. Citando Hannah Arendt, Gros vai trazer à cena a “banalidade do mal” - conceito complexo do qual gostaria de trazer aqui apenas alguns aspectos. Segundo ele, Arendt chama de “burrice” esse ato de Eichmann (responsabilidade sobre os trens que conduziam os judeus à morte), “mas é uma burrice ativa, deliberada, consciente. Essa capacidade de tornar a si próprio cego e burro, essa teimosia em não querer saber, é isso a ‘banalidade do mal’” (Ibid., p. 129).

Na parte final de sua trajetória, Frédéric Gros vai ser acompanhado, para pensar a desobediência, por Thoreau. Henry David Thoreau nasceu e morreu na mesma cidade, em Concord, Massachussetts, da qual nunca saiu. Conhecido por suas enormes caminhadas, nomadismo e errância, Thoreau, diz Gros, reestabelece a ideia da filosofia como arte de viver. A partir da vida de Thoreau, o autor afirma que não há crítica autêntica a não ser a desobediência prática, e comenta: “a obrigação de desobedecer está ligada às exigências da ‘verdadeira vida’. Para Thoreau, é inútil multiplicar os discursos críticos e as contestações teóricas se for para, no final, obedecer passivamente e tudo ratificar” (Ibid., p. 152). Pode-se daí depreender que a desobediência, acompanhando Thoreau, vai se deduzir de um trabalho ético sobre si, a partir do princípio de indelegabilidade. Thoreau afirma que há uma experiência de desobedecer ao que parece intolerável que é intransferível, ou seja, “ninguém pode desobedecer em meu lugar”.

Considero essa ideia fundamental para poder pensar a *recusa* como condição do *cuidar*. É preciso recusar o intolerável para poder cuidar dos outros, e isso cabe a nós, trabalhadores de saúde mental.

### **1.6 Cenas acadêmicas. Reflexões de uma pesquisa.**

No percurso do doutorado, novas cenas apareceram: a rua já não é o cenário, são tempos pandêmicos. Essa cena acontece em novembro de 2020, a pandemia do

coronavírus atravessa o mundo, os protagonistas somos nós: doutorandos, mestrandos, pós-doutorandos e professores.

Decidimos nos encontrar virtualmente, a cada 15 dias, com o nosso grupo de orientação e pesquisa para discutir nossos projetos, ler textos e estabelecer um diálogo durante esse momento em que os encontros pessoais estão contraindicados.

Compartilho com vocês um encontro em que a pauta era discutir o texto que antecede essa cena - quase o mesmo, ou uma versão muito parecida. Nossa orientadora propõe que eu comece. Faço uma apresentação breve e me disponho a ouvir os comentários, os aportes, as críticas e as sugestões. A tarefa da escrita é tão solitária, que uma oportunidade dessas é uma experiência preciosa. Gostaria de trazer aqui aqueles comentários que me provocaram, que me levaram a pensar outras questões: por que pesquisar o que pesquiso? Por que fazer um doutorado sobre isso? Por que estar escrevendo essas páginas? Para quem? Com quem quero dialogar? Quem quero provocar? Será que é na academia mesmo que esse diálogo precisa acontecer?

Trago aqui alguns comentários realizados durante o encontro, que funcionaram como disparadores para pensar: “alguns temas começam e não se desenvolvem”, “achei o texto um relato”, “falta a grande questão”, “em seu texto, é fácil imaginar a rua”, “imagino que ainda vai trabalhar mais autores, mas entendo a dificuldade nessa vida que nos atravessa”, “acho que a grande questão é o cuidado”, “por que falar sobre o cuidado?”, “os artigos da mídia têm uma certa desorganização e falta profundidade na análise”, “o tema da recusa é ótimo”, “pode pensar a recusa na pesquisa”, “senti que estava conversando com uma amiga, mas quando queria saber mais dessa história, não continuava”, “não está claro se você afirma a rua como lugar de criança”, “por que você não fala de gênero e racismo?”. Esses comentários não representam a riqueza da troca que teve o encontro, nem as posições de cada um de meus colegas; são apenas fragmentos desse diálogo que me ajudam a afirmar algumas questões nessa etapa do processo do doutorado.

Este trabalho, como as experiências que aqui compartilho, é mínimo, pontual, fala dos modos de viver das crianças e adolescentes em situação de rua, **que** algumas pessoas enquanto trabalhadores da saúde mental e da assistência social que encontramos. Também é uma tentativa de pensar nossos modos de agir e cuidar como trabalhadores da rede de saúde mental e contém as contradições que esse processo implica. Como se recusar a habitar o lugar de uma saúde mental “pastoral” que muitas

vezes a psicologia nos apresenta? Como nós, psicólogas, trabalhadoras, conseguimos não ser governadas desse jeito?

A grande questão é o cuidado? Não sei, mas é possível trabalhar com infância em situação de rua sem pensar no cuidado, sem chegar a esse encontro com todas as questões que lemos, estudamos e discutimos sobre cuidado? Gilles Monceau, no texto “Implicação, sobreimplicação e implicação profissional”, parte das referências da Análise Institucional para trabalhar o conceito de implicação formulado por René Lourau e Georges Lapassade. Abro um parêntese no relato da cena proposta para incluir algumas dessas teorizações, que podem nos ajudar a pensar as questões que estão sendo colocadas. O conceito de implicação surge em decorrência, mas igualmente em contraposição aos conceitos de transferência e contratransferência<sup>11</sup> utilizados pela psicanálise. A análise da implicação permite fazer uma análise das instituições em nós, e não apenas das relações entre nós-sujeitos. Monceau afirma, nesse sentido:

O que entendo por implicação é a relação que indivíduos desenvolvem com a instituição. Nós podemos dizer que o indivíduo é tomado pela instituição, querendo ele ou não. Eu não tenho possibilidade de decidir que não estou implicado na instituição universitária francesa, mesmo que eu possa ter posições bastante críticas, mesmo que eu queira tomar uma distância, eu sou tomado por essa instituição. (MONCEAU, 2018, p.21)

A implicação existe mesmo que não a desejemos, mesmo que não a analisemos - isso não diminui seus efeitos. Quando penso no cuidado, estabeleço rapidamente uma relação com a formação psi: como é para nós, psicólogas, cuidar? Que relação tínhamos com o cuidado, enquanto psicólogas, mulheres e trabalhadoras da ERIJAD, nessa experiência particular?

Pensar a prática implica pensar nossa formação e talvez seja essa a maior motivação para estar fazendo o doutorado, para estabelecer um diálogo com a academia. As questões que me inquietam remetem-me à época de faculdade, ao longo da qual nunca li um texto onde fosse fácil imaginar a rua, nunca li um texto onde fosse fácil imaginar um cenário de prática profissional. Se existem tais textos, são poucos. Foi preciso recusar alguns saberes para narrar essas experiências e, hoje, é preciso ir atrás de outros para enxergar aquilo que essas experiências trouxeram.

---

<sup>11</sup>Para Lourau e Lapassade, segundo Monceau (2018), não existe distinção entre transferência e contratransferência, pois analisado e analista são sujeitos da mesma natureza. A diferença está dada pelo seu lugar no dispositivo e nas relações de saber e de poder que se estabelecem.

A presente tese se pretende relato, conto ou história. Inclui as fofocas, os comentários menores, as músicas, os sons e os cheiros que fomos encontrando. Assim foi-se construindo a trama que aparece em cada cena relatada, saturada de subjetividade. É com isso que pretendo trabalhar, é esse o material desta pesquisa: um cotidiano produzido entre muitos, analisador de nossas implicações, do momento que vivemos, das instituições que habitamos e nos habitam.

Muitos dos comentários dos colegas ressoam com os meus próprios. Mesmo sendo a autora desse texto, acho-o desorganizado; considero que muitos autores ainda precisam chegar para habitar essas páginas e penso que há histórias que não podem ser abandonadas desse jeito. Mas uma pergunta me provocou de um jeito diferente: por que você não fala de gênero e racismo? Logo me fiz uma outra pergunta: como foi possível escrever 50 páginas sem falar disso? Que lugar é esse que nos reserva a psicologia e que pouco recusamos, que nos permite trabalhar, escrever e estudar sobre uma prática sem tocar em questões de gênero e racismo? As experiências que narro têm cores que não apareceram até agora. As crianças e os adolescentes acusados e recusados são, na sua maioria, pretos. As cenas de violência policial, institucional e midiática que aqui narro acontecem com eles.

Comecei o relato da última cena comentando o que acontece em tempos pandêmicos. Pois é, para esta pesquisadora, trata-se de um tempo pandêmico e materno. Um tempo atropelado pelos afetos que a pandemia nos gera e as muitas tarefas que implica cuidar de duas pequenas. Um tempo em que a escrita se torna necessária, como uma espécie de sobrevivência ao contínuo impulso de desistir.

## 2 TRAJETO 2

### 2.1 Desinfantilizar

A tarefa de pensar uma experiência, de a contornar, sem decifrá-la, sem torná-la um modelo de verdade é um exercício complexo, que pode fracassar, recaindo em armadilhas propositivas. Nesse caso, tenho me aventurado a mergulhar na errância, à procura de algum desvio frente a determinados instituídos.

Nas páginas que antecedem este capítulo, relatei algumas cenas que vão desenhando três grandes problemas com os quais tenho me deparado neste percurso: *infância, prática e cidade*. Pretendo pensá-los, primeiramente, a partir do conceito de infância.

A infância, como categoria que se instituiu com a modernidade, se apresenta como óculos através dos quais enxergamos certas questões. Aquilo que se chama infância remete a uma série de instituições que a têm produzido e acolhido historicamente. A família, a escola, a Igreja e o Estado são algumas das instituições reconhecidas que constituem esse dispositivo em que emerge a infância moderna.

No capítulo *“Infancia e instituciones. Una perspectiva histórica”* (2009), realizamos, eu e a psicóloga Laura Boggon, um estudo do modo como a categoria “infância” foi se construindo historicamente e de quais instituições foram se ocupando dela, particularmente no caso da Argentina. Esse trabalho foi produto de uma pesquisa da qual ambas participávamos, chamada *“La práctica del psicólogo forense con menores judicializados por violencia familiar en el marco de la ley 24.417. Determinantes institucionales”*. A partir da pesquisa realizada por Philippe Ariès em *“História social da criança e a família”* (1960), pode-se afirmar que antes do século XVIII as crianças (em idade, segundo os padrões atuais) não eram percebidas sob a categoria “infância”, mas consideradas uma extensão dos adultos, ou homens de tamanho reduzido (MOURE & BOGGON, 2009). Não existia, portanto, o registro de necessidades próprias e específicas das crianças.

No século XVIII, com a constituição do Estado Moderno (e tudo o que isso implica em termos de transformações nos modos de vida), os modos de organização social sofrem grandes mudanças. Emerge, entre outras configurações, o modelo da família nuclear. As crianças passam a ser consideradas de um modo diferente, estabelecendo-se como fundamentais os vínculos entre pais e filhos, assumindo os primeiros particular preocupação, interesse e dedicação quanto a seus descendentes, quando comparado ao período histórico anterior. As crianças são educadas no intuito

de formar bons cidadãos. Constitui-se a infância como seres carentes: sujeitos a serem protegidos, cuidados e tutelados.

Jacques Donzelot, no livro “A polícia das famílias” (2008, p. 15), em relação à organização do modelo da família nuclear durante a modernidade nas diferentes classes sociais, assinala:

O sentimento moderno da família teria surgido nas camadas burguesas e nobres do Antigo Regime estendendo-se, posteriormente, através de círculos concêntricos, para todas as classes sociais, inclusive o proletariado do fim do século XIX. Porém, por quais razões teriam as camadas populares aderido à moral burguesa e se teriam submetido às injunções familialistas daqueles que as dominavam? Podemos dizer que a vida familiar transformou-se num valor universal pela simples força de atração de seu modelo burguês? E o que permite afirmar que o sentimento da família, nas camadas populares, é da mesma natureza que nas outras classes sociais, que obedece à mesma lógica de constituição, tem os mesmos valores, as mesmas esperanças e possui os mesmos efeitos? (DONZELOT, 1980, p. 11).

Na sequência do presente texto, serão abordadas as diversas operações que foram produzidas para que a família nuclear se universalizasse – ao menos em tese – como modo de organização social. Os valores que ela representa e a construção da categoria infância que ela sustenta funcionam para produzir/reproduzir um regime de desigualdade. Tal regime tanto minoriza/inferioriza as camadas mais pobres da população como memoriza/inferioriza as crianças. Mas há nuances quanto a isso.

Donzelot segue a linha de pensamento de Foucault em relação ao conceito de poder, especificamente a noção de biopolítica. Ele estuda aquelas técnicas que participam da organização social familiar na modernidade, bem como o papel que têm na constituição das nações. Nessa linha, destaca que durante o século XVIII surge uma abundante literatura sobre o cuidado dos filhos, questionando três práticas habituais dos séculos anteriores: a prática de abandono nos orfanatos (de filhos extraconjugais ou anteriores ao casamento etc.); a educação das crianças pelas amas de leite; e a educação “artificial” das crianças ricas. A ameaça que tais práticas traziam era a do empobrecimento da nação e de sua elite, visto que veiculariam altas taxas de mortalidade: o Estado, conseqüentemente, não conseguia aproveitar a força de trabalho das crianças e adolescentes que tinha sustentado durante anos.

Os discursos que estabelecem a importância do cuidado dos filhos, segundo Donzelot (2008), devem sua força ao vínculo que forjam entre economia e medicina, entre a produção da riqueza e o tratamento do corpo. Assim, o Estado passa a ter o papel de mediar as relações sociais a fim de que se intensifique ao máximo a produção,

restringindo os consumos. E a medicina do século XVIII inverte a relação alma e corpo em relação à perfeição: a alma será a responsável por regular a intensidade dos fluxos corporais; a medicina cumprirá um papel fundamental na “educação” das crianças, com a finalidade de criá-las saudáveis.

Sobre a relação alma-corpo, é fundamental a análise realizada por Foucault, no livro “Vigiar e Punir”. O autor inicia o texto descrevendo duas cenas: a primeira é o suplício de Damiens, datada do ano 1757, um relato detalhado da série de castigos físicos atrozes que sofreu, até ser esquartejado publicamente. Damiens tentara assassinar o rei. Logo depois, Foucault apresenta o regulamento redigido por Léon Faucher para a “Casa dos jovens detentos em Paris”, três décadas mais tarde que a cena anterior. Trata-se de uma descrição minuciosa da vida dos detentos. Cada uma das duas cenas define um estilo penal diferente, uma economia do castigo diferente, num lapso pequeno de tempo, menos de um século. A punição deixou de ser um espetáculo e se tornou, digamos, mais pudica. Afirma Foucault a esse respeito: “Não tocar mais o corpo, ou o mínimo possível, para atingir nele algo que não é o corpo propriamente. (...) Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições” (FOUCAULT, 1987, p.15). O carrasco é substituído por guardas, médicos, psicólogos, educadores etc. Já não é o corpo o objeto do castigo; agora, é a alma. Foucault destaca que nos últimos duzentos anos mudaram a definição das infrações, a hierarquia da gravidade das faltas, as margens de indulgência etc., mas continuou a divisão entre o permitido e o proibido durante um e outro século. O objeto “crime” sofreu uma série de mudanças e substituições: julgam-se as paixões, os instintos, as anomalias, as inaptações, as perversões, as violações, as agressividades que são, também, impulsos e desejos. Assim, tenta-se descobrir até que ponto a vontade do réu está envolvida no ato. O processo do julgamento incluirá, segundo Foucault: “o conhecimento do criminoso, a apreciação que dele se faz, o que se pode saber sobre as relações entre ele, seu passado e o crime, e o que se pode esperar dele no futuro” (FOUCAULT, 1987, p.21). A justiça se volta aos especialistas para dar seu veredicto, se dirige a um saber, técnicas e um discurso “científico”. Assim, esses se entrelaçam com a prática de punir.

Foucault assevera, em suma, que a história da microfísica do poder punitivo é a genealogia da alma moderna. A alma é produzida no interior desse corpo dos que são punidos, corrigidos, vigiados: produzida “sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e

controlados durante toda a existência. (...) A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo“ (FOUCAULT, 1987, p.33).

Nessa linha de análise, a professora Esther Arantes, no texto “O que a Antiga Pastoral Cristã da confissão pode ensinar a juízes, psicólogos e assistentes sociais?” (ARANTES, 2016), mostra a importância das alianças entre a Igreja e a Coroa, a Medicina e a Igreja, e a Medicina e o Direito. Embora, até o século XVIII, o pastorado cristão se tenha constituído como dispositivo de poder, este mesmo poder não foi exercido só pelo cristianismo: a medicina e um conjunto de sistemas disciplinares cumpriram a função do policiamento e vigilância dos corpos, especialmente das crianças e dos adolescentes.

Jacques Donzelot (2008), por sua parte, ressalta certas diferenças entre os interesses e preocupações da família e do Estado em relação ao cuidado das crianças. A família sente-se prejudicada pelas crianças nascidas da prática do adultério, as crianças destemidas e aquelas de má fama, que atentam contra a honra familiar. Já o Estado preocupa-se com as forças utilizáveis e não utilizáveis. Porém tanto a família quanto o Estado preocupam-se, mesmo que em sentidos diferentes, com a conservação e a utilização dos indivíduos. Assim, os indesejáveis da ordem familiar foram realocados em hospícios, conventos e hospitais gerais. Esses centros de confinamento foram estratégias corretivas a fim de manter tanto a ordem familiar como o aproveitamento dos indivíduos. Seguindo essa mesma linha, encontramos a utilização da roda dos expostos. No artigo “A reinvenção da Roda dos Expostos: arquivo, memória e subjetividade” (2020), Esther Arantes caracteriza a Roda como um analisador que permite visualizar o trato que historicamente se deu à infância dita “abandonada” no Brasil. Tanto as práticas de internamento quanto a roda foram acompanhadas de discursos sobre a preservação da vida e a assistência aos expostos<sup>12</sup>, mas, efetivamente, desenvolveram um papel fundamental na manutenção de determinada ordem social.

No texto “De ‘criança infeliz’ a ‘menor irregular’ - Vicissitudes na arte de governar a infância”, a professora Arantes (1999) contextualiza o trato das crianças no Brasil desde o período Colonial, e afirma:

---

<sup>12</sup> São considerados expostos os infantes até sete anos de idade, encontrados em estado de abandono, onde quer que seja. Art. 14. (Código de Menores de 1927).

O abandono de crianças existiu no Brasil desde o período Colonial. Crianças deixadas nas portas das casas ou igrejas ficavam expostas ao frio, vento e chuva e também aos animais, causando grande comoção. “Enjeitados”, “deserdados da sorte ou fortuna”, “criança infeliz” foram denominações comuns, referindo-se a estas crianças. Para elas destinaram-se as Casas da Roda ou Casa dos Expostos. Criadas em 1726 (a da Bahia), em 1738 (a do Rio de Janeiro), em 1825 (a de São Paulo), em 1831 (a de Minas Gerais), só foram desativadas, como mecanismo de recolhimento de recém-nascidos articulado à antiga caridade, no início do nosso século (ARANTES, 1999, p.152)

Mas a “infância abandonada” não foi constituída somente por aquelas crianças órfãs. A partir da Lei do Ventre Livre (1871) e da Abolição da Escravatura (1888) no Brasil, um novo grupo de crianças vai ser alocada nessa categoria. As pessoas que até então recebiam o trato de escravos – estavam escravizadas, a bem dizer - adquirem a liberdade, mas não auferem condições materiais que permitam o exercício pleno da cidadania (ARANTES, 2022). No artigo intitulado: “Dos livres e dos cativos – Breves apontamentos sobre a história das crianças no Brasil” (2022), Arantes analisa:

Foi quando crianças livres e pobres, principalmente nos grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro, passaram a ser encontradas nas ruas brincando, trabalhando, pedindo esmolas ou eventualmente cometendo pequenos furtos. Não existindo uma legislação que permitisse recolher crianças livres apenas por serem pobres – não sendo elas órfãs ou criminosas -, e não podendo o Estado desconhecer a autoridade parental, ainda que de escravos libertos, um novo arranjo tutelar terá que ser inventado, identificando estas crianças pobres e livres como sendo “menores abandonados material” e “moral”. Mas o que se queria dizer com “abandonados”? Que essas crianças livres e pobres eram sim, crianças órfãs - de pais vivos - e que, embora ainda não fossem criminosas no momento, certamente o seriam no futuro. Daí que a assistência pública à criança pobre (porque abandonada materialmente) deveria incluir sua regeneração preventiva (porque abandonada moralmente). (ARANTES, 2022, p.10)

Assim, o Estado entra no cenário até então ocupado, majoritariamente, pela Igreja. A partir das práticas médico-higienistas, e do início da legislação sobre a infância, nas primeiras décadas do século XX, a criança passa de objeto da caridade a objeto de políticas públicas. No contexto brasileiro, também ocorre a aparição de especialistas: os trabalhadores sociais. No texto “Rostos de crianças no Brasil”, Arantes (1995) afirma, a respeito:

Com a crescente intervenção do Estado na assistência, a partir da década de 20, tem início a formalização de modelos de atendimento, não se constatando, no entanto, diminuição da pobreza ou de seus efeitos. Assim, a pretendida racionalização da assistência, através da inclusão de especialistas do campo social, longe de concorrer para uma mudança nas condições concretas de

vida da criança e de sua família, foi muito mais uma estratégia de psiquiatrização e criminalização da pobreza. (ARANTES, p.206, 1995)

De 1927 a 1990, o Código de Menores foi a legislação vigente no Brasil. A categoria *menor* designa um sujeito tutelado, que não se encontra em condições de exercer sua cidadania plenamente. As crianças compreendidas como “menores” eram justamente aquelas que, alegadamente, não estavam sob controle familiar. Arantes (1995) cita alguns exemplos, atualizados, de crianças ditas *menores*:

No Brasil de hoje uma grande parcela da população de crianças e jovens “escapa” ao controle das famílias, seja porque não tem família (“órfão” ou “abandonado”); seja porque a família não pode assumir funções de proteção e bem-estar (menor “carente”); seja porque não pode controlar os excessos da criança (menor de “conduta antissocial”); seja porque as ações e envolvimento do menor põem em risco a segurança e a integridade de terceiros, da família ou do próprio menor (autor de infração penal ou “infrator”); seja porque o menor é dito portador de alguma doença, dificuldade ou deficiência, com a qual não pode ou não sabe lidar (“deficiente físico”, “doente mental”, com “dificuldades de aprendizagem”, etc.); seja ainda porque, necessitando contribuir para a renda familiar, faz da rua, local de moradia e trabalho (“meninos de rua”); ou ainda porque, sem um ofício qualquer e expulso/evadido da escola ou fugitivo do lar, perambula ocioso pelas ruas, à cata de um qualquer expediente (menor “perambulante”) (ARANTES, 1995, p.211)

Segundo o Código de Menores, todas as crianças e jovens tidos como em perigo ou como perigosos<sup>13</sup>, em um momento ou outro poderiam ser enviados às instituições de recolhimento. Assim, o Juiz de Menores decretava a “situação irregular” de uma criança a partir de uma “carência”. O chamado “complexo tutelar” ou “rede de proteção da infância” aplicou uma série de “penas-tratamento” ou “penas-ressocialização” às crianças localizadas em tal “irregularidade”. Essa situação não era comum às crianças de classe média e alta, recaindo sobre as mais pauperizadas.

Sobre esse aspecto, Arantes (1999) agrega:

Ao oferecerem uma “natureza” da irregularidade, os técnicos não apenas legitimaram como ajudaram a produzir uma das mais curiosas e perversas distinções encontradas na prática social brasileira: a que separa “criança” de “menor” - curiosa distinção que não diz respeito à faixa etária, mas à classe social, e que faz com que a “sentença” recaia no menor, e não na situação. É

<sup>13</sup> Donzelot (1980) descreve a infância em perigo como aquela que não recebeu todos os cuidados desejáveis; já a infância perigosa seria a da delinquência. Com a figura dos reformadores, as famílias disfuncionais foram responsabilizadas pela produção e reprodução dos problemas ligados a uma infância sem assistência. A organização social estaria na dependência de normas elaboradas pelos reformadores, implicando a retirada da criança e do jovem do círculo de privação/depravação gerado por uma família deficiente, aquela que simplesmente criava seus filhos, ao contrário de educá-los, permitindo e estimulando que essas crianças se tornassem perigosas (CESAR, 1999).

o menor que passa a ser visto como irregular, já que porta sua “natureza”: valores antissociais, carências de todos os tipos, comportamentos inadequados, agressividade, periculosidade etc. (ARANTES, 1999, p. 153)

O livro “A arte de governar crianças. A história das Políticas Sociais, da Legislação e da Assistência à Infância no Brasil”, organizado por Pilotti e Rizzini (1995), apresenta os desdobramentos de uma pesquisa comparativa realizada em vários países latino-americanos. A partir de uma série de documentos, analisa-se o trajeto histórico dos elementos que compõem o sistema de assistência à infância do Brasil. Tal pesquisa traz à cena a complexidade do cenário das Políticas Públicas em relação à infância na América Latina e, assim, visibiliza o contexto de desigualdade que caracteriza a região, bem como os limites entre a norma formal e as regras do jogo que efetivamente funcionam na vida cotidiana dos setores mais pobres. A pesquisa ressalta, por exemplo, que quase todos os países da América Latina ratificam a Convenção sobre os Direitos da Criança<sup>14</sup>, enquanto quase 100 milhões de crianças vivem em situação de extrema pobreza.

Pilotti e Rizzini (1995) também se preocupam em frisar que a infância é uma categoria construída socialmente e que, particularmente no caso do Brasil, a religião e a escravidão intervêm decisivamente na história dessa construção. Com efeito, assim a focalizam:

A infância, concebida como categoria estrutural, se encontra em permanente interação com outras estruturas, afetando os processos de mudança a nível de sociedade, sendo pela sua vez afetada pelos mesmos. Esta perspectiva facilita a análise da interação da infância com outras categorias estruturais — tais como classe, raça, etnia e gênero — assim como o de sua relação com outros grupos (adultos em geral, aposentados, etc.), elementos a partir dos quais podem ser identificados com maior precisão as diversas formas de desigualdade que, geralmente, afetam a infância, no que concerne a status jurídico, relações de poder, distribuição de recursos e oportunidades econômicas e sociais. (PILOTTI & RIZZINI, p. 26, 1995)

No trabalho organizado por Pilotti e Rizzini (1995) se destacam algumas particularidades do caso brasileiro. A partir do estabelecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, em 1990, se produz uma ruptura com a tradição anterior, a da irregularidade (Código de Menores de 1979)<sup>15</sup>, coerente com a aplicação do

---

<sup>14</sup>A Convenção sobre os Direitos das crianças foi firmada em 1989. A partir desse momento, considera-se que há uma passagem de uma lógica tutelar-asilar a uma concepção de Direitos Humanos em relação ao sistema de assistência à Infância e às Políticas Públicas destinadas a legislar sobre essa questão (PILOTTI, RIZZINI, 1995).

<sup>15</sup> Em 1964, instituiu-se uma ditadura civil-militar, interrompendo, por mais de 20 anos, a democracia

paradigma da proteção integral, presente na Convenção. O Estatuto pretendia intervir sobre a política de controle dos corpos que se estabelecia a partir da divisão entre necessidades sociais (criança “em perigo”) e violação das normas (criança “perigosa”). Nesse contexto, criaram-se os Conselhos Tutelares e de Direitos nos municípios. A lei N. 8242 criou o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (1991) e, em novembro de 1994, aconteceu em Brasília a Primeira Conferência Nacional dos Conselheiros de Direitos e Tutelares da Criança e do Adolescente, com representantes de todo o país, no intuito de construir estratégias em defesa da cidadania das crianças e dos adolescentes.

Na atualidade, observamos que tanto a implementação do ECA quanto a criação dos Conselhos Tutelares aparecem criando modulações e novos modos de produzir/reproduzir normas (disciplinares) e lógicas (eventualmente repressivas) sobre a vidas das crianças. A tal ponto que poderíamos afirmar que se existe uma irregularidade no presente, ela estaria do lado da legislação, da execução da mesma e das práticas exercidas com crianças e adolescentes em situações de extrema pobreza. A respeito, afirmam Pilotti e Rizzini (1995):

A presença da miséria, da barbárie, do trabalho precoce, da repetência convive na sociedade brasileira com um esforço de parte da sociedade, de parte do Estado para reverter esta situação, configurando-se um país dual onde se conflitam estratégias de clientelismo com as de cidadania, de encaminhamento ao trabalho precoce com as de proteção ao trabalho da criança, de violência e de defesa de direitos. (PILOTTI & RIZZINI, p. 93, 1995)

Tanto a lógica da “situação irregular” quanto a perspectiva da “proteção integral” acabam entendendo as crianças sob a categoria *infância moderna*. Há muitos trabalhos críticos que buscam refletir sobre a infantilização das crianças, mas cabe aqui indagar se são apenas as crianças que se infantilizam. Na experiência com elas, tenho me encontrado com uma *psicologia infantilizada* e com uma cidade capturada pelo mesmo movimento. O encontro com as crianças e adolescentes em situação de

---

no país. Em 1967, houve a promulgação de uma nova Constituição, digamos, para a área da infância, mediante dois documentos significativos e indicadores da visão desse momento ditatorial:

A Lei que criou a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, Lei 4.513 de 1/12/64, tinha como objetivo formular e implantar a Política Nacional do Bem-Estar do Menor. A FUNABEM propunha-se a ser a grande instituição de assistência à infância, cuja linha de ação tinha como objetivo a internação, tanto dos abandonados e carentes como dos infratores.

O Código de Menores de 1979 (Lei 6697 de 10/10/79) constituiu-se em uma revisão do Código de Menores de 1927, não rompendo, no entanto, com sua linha principal de repressão junto à população infanto-juvenil. (FERREIRA, 2017)

rua nos convoca, assim, a desconstruir o modo como conhecemos e entendemos as crianças, a maneira pela qual praticamos a psicologia e o modo pelo qual somos autorizados a circular e habitar uma cidade.

O exercício de refletir sobre essas questões tem me levado a procurar autores e autoras que ofereçam ferramentas para pensar de outro modo os problemas acima levantados.

### 2.1.1 Desinfantilizar as crianças

A primeira referência nessa direção é a tese de doutorado do professor Eder Amaral, intitulada “A cruzada das crianças: constelações da infância à penumbra” (2016). Compõe seu trabalho a tradução do livro “*Coire, album systématique de l'enfance*”, de René Schérer e Guy Hocquenghem (1976).

Schérer e Hocquenghem fizeram parte de um grupo de pesquisadores e filósofos (Deleuze, Foucault, Guattari, Lapassade) que, mergulhados nos acontecimentos de maio de 68, colocaram em questão o instituído como infância, desejo, política e pensamento (AMARAL, 2016, p. 17).

O livro de Schérer e Hocquenghem (1976), como seu título indica, aproxima-nos de um álbum pouco conhecido da infância, trazendo imagens e cenas que ressoam com as experiências que compartilhei. Os autores anunciam, desde o início:

Este livro foi escrito à margem do Sistema que criou, definiu e compartimentou a infância moderna, para além da sujeição e da obediência, a cultivou num estado de consentimento e torpor. (...) Nosso projeto não é político, muito menos teórico, mas essencialmente descritivo. Descritivo, não investigativo. É por isso que recorreremos ante de tudo aos romancistas que melhor tem falado da infância, pois eles não pretenderam nem explicá-la nem guiá-la (SCHÉRER & HOCQUENGHEM, 1976 apud AMARAL, 2016, p. 151).

A partir da leitura do livro de Schérer e Hocquenghem (1976), vemos como algumas experiências “infantis” que aparecem nas ficções ali apresentadas transitam pela sombra e escuridão. Enquanto isso, como psicóloga, tenho encontrado certos romances familiares e escolares que aparecem em plena luz do dia, legitimados e reproduzidos por uma série de instituições, e que acabam produzindo uma experiência “infantilizada” das crianças. Com Schérer e Hocquenghem (1976), portanto, vemos a literatura quebrando os instituídos, visibilizando outros modos de existir, como os autores propõem:

:

Em primeiro lugar, é preciso buscar e definir a criança a partir da rede de dependências e interditos no interior dos quais diferentes formas de captura — afetivas, educativas — se exercem. Não são os traços psicológicos, inerentes à natureza em si, que caracterizam de antemão a criança, mas a textura dessa rede e o jogo de forças que, desde o interior, asseguram seu equilíbrio. (...) Faça o que fizer, a criança está dentro. Ser criança é, inevitavelmente, “ficar dentro” e se definir a partir daí: a casa da família, a escola, toda ordem de empreendimentos destinados ao seu lar. Uma criança do fora é algo difícil de imaginar, e supô-lo é transpor o limite que oscila entre o subversivo e o excêntrico (SCHÉRER & HOCQUENGHEM, 1976 apud AMARAL, 2016, p. 202).

As provocações do álbum de Schérer e Hocquenghem (1976) perturbam quem se dispõe a ouvir o que entendemos por infância e como tal entendimento regula nossas relações com ela. Criam-se relações possíveis e impossíveis; criam-se corpos infantis intocáveis e outros corpos “não” infantis tocáveis. Isso aparece em cada cena de violência relatada pelas crianças e adolescentes em situação de rua, com os quais nos encontramos como equipe de ERIJAD, algumas já relatadas nas páginas anteriores: a polícia entrando na casa ocupada por eles, apontando armas, batendo e ameaçando, assim como as situações de abusos vividas nos diferentes abrigos.

Se por um lado a modernidade cria uma infância contornada pela família, pela escola e outras instituições, por outro lado o que fica de fora, visto então como “não infância”, parece suscetível a uma série de intervenções autorizadas, judiciárias ou psicologizantes, educacionais ou assistenciais.

A “infância” que fica *de fora* tem raça, classe social e gênero. E é nesses âmbitos que intervenções institucionais são autorizadas: crianças negras perseguidas pela polícia, crianças-mulheres abusadas nas ruas, crianças pobres violentadas de múltiplas formas.

Nessa linha de pensamento, encontramos também as reflexões que propõe Edson Passetti no livro “O que é menor” (1987). Ele se pergunta pela situação das crianças na atualidade e nos provoca a pensar sobre algumas generalizações que se realizam mediante essa categoria. A primeira delas, Passetti chama de “o delírio do bom menino”. O dito *menor* é então visto dentro da família, escola e trabalho. A diferenciação entre o menor e o adulto, portanto, é uma mera formalidade: o adulto cria o menor com o objetivo de educá-lo e adaptá-lo à sociedade, com o fim de reproduzir determinada ordem social. Passetti assim o esclarece: “A vida em família é, para a nossa sociedade, a forma primeira de sociabilidade porque é através dela

que entramos em contato com as normas sociais fundamentais que devem ser aprendidas.” (PASSETTI, 1987, p.11). A família aparece, pois, como uma idealização e, nesse sentido, se constitui como modelo: as famílias que não o cumprem são ditas desorganizadas e os destinos dos menores nelas socializados serão a delinquência, o abandono, a carência ou a infração. Passetti (1987) nos alerta sobre a função da família no sistema capitalista:

Esta forma de vida capitalista engendrou a família organizada para reproduzir as relações de compra e venda da mão-de-obra para a produção da riqueza social, que nada mais é que a produção total da sociedade. O que garante a continuidade dos modelos de família é a ideia introduzida pelas relações capitalistas de que através dos rendimentos (salários) se tem acesso ao consumo e a riqueza individual. É interessante notar que, paradoxalmente, a sociedade capitalista não cria condições de emprego a todos: objetivando o lucro, o capitalista procura reduzir cada vez mais os custos da produção, e daí o aperfeiçoamento tecnológico, que absorve menos mão-de-obra. (PASSETTI, 1987, p.16)

Nesse cenário aparecem o desemprego, a fome, os crimes etc. Cabe perguntar, acompanhando o autor: se houvesse emprego coletivo, se o sistema social fosse outro, esse modelo de família organizada existiria?

Passetti conclui: “Ser menor é mais que ter menos de dezoito anos. Aliás, os que são filhos de ‘famílias organizadas’ são crianças e jovens, **menores são os outros.**” (PASSETTI, 1987, p.23). Ele afirma, nessa linha, que o Código de Menores brasileiro foi feito para crianças e jovens de famílias de baixa renda, consideradas “desorganizadas”.

Voltando brevemente aos aportes de Schérer e Hocquenghem (1976), é interessante assinalar que quando os autores apreciam a cumplicidade da psicanálise com o confinamento da infância à célula familiar, dizem também que aquele terapeuta que trabalha no âmbito institucional e exerce certo monopólio de saber sobre as crianças não se interessa pelo vagabundo, o mendigo, o andarilho, o povo da rua — nada disso existe para ele, aliás. Será que não são crianças?

Essa questão me interpela enquanto psicóloga. Que lugar é necessário construir, nesses campos disciplinares, para que encontros sejam possíveis? Como se interessar pelas vidas outras sem a pretensão de intervir nelas, educá-las, curá-las? Como, simplesmente, acompanhar os diferentes modos de viver? Não se trata de construir uma nova categoria de infância; tampouco de medir, avaliar ou olhar para as crianças de um modo presumidamente “mais livre”. O que é efetivamente

necessário olhar? Diria que olhar para nossa prática, para esse lugar de especialista que vem se construindo. Para esse suposto perito que cumpre a função de bem discriminar, selecionar e enquadrar - no caso, as crianças - em categorias. Nessa linha de pensamento Heliana de Barros Conde Rodrigues adverte:

Nossa genealogia, na qualidade de práticos psi, tem peso considerável. Instituímos (e fomos instituídos) por meio de uma curiosa equação: aquela que, simultaneamente, pede às pessoas que examinem o quanto estão próximas ou distantes dos modelos que propomos — modelo de indivíduo, de criança, de pai, de mãe, de trabalhador, de membro de grupo, de...— e que retira destas pessoas qualquer saber ou possibilidade de invenção sobre tais coisas, vistos que somos nós os especialistas das mesmas. Sempre ‘em falta’, tais pessoas nos procuram. Sempre lhes ‘falta’ algo para que constituam verdadeiras cópias de nossos modelos: exército andrajoso de simulacros, nos pedem nossa fala. Contestamos que devem recuperar a deles, tão perdida... (RODRIGUES, 2020, p. 17)

Schérer e Hocquenghem (1976) expõem a farsa na qual o romance familiar constrói uma infância fragilizada, categoria fundamental para manter uma ordem, um sistema, uma série de relações.

Nas sociedades modernas — e podemos assinalar importantes indicações a este respeito na obra de Charles Fourier — a educação das crianças, a preocupação com sua saúde, com seu futuro é o mais potente freio que se pode opor à subversão da ordem social, às revoluções (SCHÉRER & HOCQUENGHEM apud AMARAL, 2016, p. 157).

Os autores, como antecipamos, dialogam com romancistas que nos desafiam a pensar a infância fora da célula familiar — infantes que desejam além da família e que são desejados por alheios à família. Trazem à cena, para tanto, a figura do rapto e tudo aquilo que ele permite anunciar/denunciar sobre a construção da “infância moderna”. Em vários romancistas, o rapto mostra o desejo pela infância, um desejo fora do núcleo familiar. Mas de que forma existe essa infância fora das famílias? O que acontece quando a infância se recusa ao confinamento/governo familiar? Tal pergunta atravessa nossa pesquisa e permanece até hoje tensionando-a.

Como anteriormente mencionado, é com crianças e adolescentes que recusam o governo familiar, asilar e/ou institucional que temos nos encontrado como equipe de ERIJAD. Sendo assim, Fernand Deligny é outro intercessor a quem recorro para continuar a discussão. Ele realizou um trabalho com jovens considerados vagabundos, delinquentes, autistas; opôs-se veementemente à ideia de adaptá-los a uma instituição, mas afirmou uma prática que permitiu às crianças existirem fora daquilo

que elas próprias rejeitavam. O trabalho de Deligny acontece na França, num contexto em que diferentes narrativas estavam em disputa para capturar aquela infância que ficava “por fora” do governo familiar, escolar, estatal e, também, por fora da linguagem - crianças que eram unificadas sob o conceito de “infância inadaptada”.

Noelle Resende, em “Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny: trajetões de esquiwa à Instituição, à Lei e ao Sujeito”, sua tese de doutorado (2016), descreve como foi se consolidando, na França, tal conceito. Foi no início de 1920 que algumas linhas de força começaram a se desenhar, possibilitando a aliança entre educação, medicina e justiça em busca da gestão e do controle da infância. Criaram-se então comitês e conselhos que se ocuparam em unificar e categorizar as infâncias consideradas anormais. É interessante observar como a construção dessa categoria, por um lado, permitia unificar “certas” infâncias e determinar qual delas seria “um estrato reeducável, um estrato criminoso ou um estrato irrecuperável” (RESENDE, 2016, p. 51). A partir disso, estabelece-se, em solo francês, uma eficaz tecnologia para o reaproveitamento das crianças “reeducáveis” no mercado de trabalho e para certa exclusão do estrato irrecuperável por via do internamento. É nesse contexto que aparecem os Centros de Observação e Triagem (COT), um deles dirigido por Fernand Deligny. Mesmo com essa inserção institucional, a trajetória de Deligny se caracterizou por transitar nas margens. A partir de seu trabalho, ele constrói uma denúncia ao “império da adaptação social”, o que é bem mais do que uma simples contestação ao conceito de infância inadaptada da época. Seguindo essa linha, Resende (2016,) afirma em sua tese:

Poderíamos começar a tentar dizer que a perspectiva da crítica institucional de Deligny se alinhou com a possibilidade da permanência da inadaptação como vetor de problematização e de cuidado da adaptação. Ou, como mais tarde ele aborda essas questões: é a permanência do humano que nos permite um olhar crítico e um cuidado em relação ao homem-que-nós-somos. (RESENDE, 2016, p. 123)

No fim dos anos 1960 e começo dos 1970, Deligny se estabelece em Cevenas, sul da França, e cria, juntamente com algumas pessoas interessadas, uma rede de acolhida para crianças autistas, fora de qualquer marco institucional de cura ou reabilitação. A rede é pensada, inclusive, completamente fora da linguagem: as referências espaciais e os mecanismos de memória de espécie (diferente da “memória

da educação”) ocupam um lugar importante no cotidiano de Cevenas. Deligny (2013) define essa experiência com a metáfora da jangada, dizendo:

Usei a imagem da jangada para evocar o que está em jogo nessa tentativa, nem que seja para dar a ver que ela deve evitar ser sobrecarregada, sob pena de afundar ou de virar, caso a jangada esteja mal carregada, a carga mal distribuída [...] Uma jangada, sabem como é feita: há troncos de madeira ligados entre si de maneira bastante frouxa, de modo que quando se abatem as montanhas de água, a água passa através dos troncos afastados. Dito de outro modo: não retemos as questões. Nossa liberdade relativa vem dessa estrutura rudimentar, e os que a conceberam assim – quero dizer, a jangada – fizeram o melhor que puderam, mesmo que não estivessem em condições de construir uma embarcação. Quando as questões se abatem, não cerramos fileiras – não juntamos os troncos – para constituir uma plataforma concertada. Justo o contrário. Só mantemos do projeto aquilo que nos liga. Vocês veem a importância primordial dos liames e dos modos de amarração, e da distância mesma que os troncos podem ter entre eles. É preciso que o liame seja suficientemente frouxo e que ele não se solte. (DELIGNY, 2013, p.90)

Durante o período em que permanece a tentativa da jangada, Deligny se interessa pelo que chama de “o humano”. Nossa hipótese, a partir de alguns indícios que o escritor oferece, é que o humano resiste ao processo de infantilização, se mantém quanto a tal veleidade: é o que falta ao homem-que-nós-somos, o que não foi capturado por ele nem domesticado. “O humano” se opõe ao “homem-que-nós-somos”, como disse Deligny (2015):

O homem-que-nós-somos é produto de uma longa domesticação; todos concordam neste ponto; desde tempos imemoriais, o homem é, de fato, seu próprio projeto, e esse empreendimento acelera-se cada vez mais e assume proporções cada vez maiores (DELIGNY, 2015, p. 67).

Deligny nunca definiu exatamente o que seria “o humano”, segundo concluiu Resende (2016) em sua tese. Mas ele foi situando algumas coordenadas para pensar o humano a partir da vacância da linguagem, fora da lógica e do império do sujeito. O humano emerge, talvez, como natureza, cuja negação produz a ficção cultural do homem-que-nós-somos. Resende afirma a respeito:

O humano, como a imagem que falta, a imagem selvagem, vem desestabilizar a imagem conhecida e representada que o Homem tem de si mesmo (RESENDE, 2016, p. 290).

No texto “Carta adotada e carta traçada”, Deligny (2015) traz algumas das questões que o aproximaram e igualmente o distanciaram do Partido Comunista e, a partir desse relato, faz um jogo com as palavras cartas, identidade (carne) e mapas.

No contexto dessa escrita, traz a lembrança de um diálogo entre dois psiquiatras de vanguarda, um italiano e um francês. Nesse encontro, eles afirmavam que era necessário tratar os alienados como “sujeitos”. Deligny diz que quando escutou isso se sentiu sozinho, e agrega:

Vivendo próximo de crianças autistas, sobre as quais se poderia pensar que estão no ápice da alienação - e talvez assim seja - torna-se evidente para mim que existem duas liberdades: a do sujeito, a única de que se fala, e isso por uma boa razão: a de que essa liberdade pode ser falada e, portanto, legislada. Resta a outra, a outra liberdade, que parece realmente do âmbito da "memória específica" (DELIGNY, 2015, p. 156).

A “memória específica”, ou memória de espécie, se relaciona com o humano; e pensar a liberdade nesses termos implica pensar uma liberdade por fora da linguagem. A liberdade do “sujeito” seria aquela que outorga “direitos”, que é legislada, reconhecida e ratificada pelo poder, pelo Estado. Deligny conclui a respeito:

Daí o fato de que ser comunista é realmente o que existe de mais difícil neste universo em que o homem se obstina e teima – assim é preciso – em elaborar seus direitos, ao passo que o humano comum, o humano de espécie, por não ser dessa natureza de que a linguagem nos dotou, para todo o sempre não terá direitos: eles são informuláveis (DELIGNY, 2015, p. 157).

René Lourau (2017), uma das referências principais da análise institucional francesa, no texto “A crítica do simbólico em Fernand Deligny”, afirma que podemos encontrar dois eixos sobre os quais Deligny vai construindo algumas ideias. O primeiro se situa na elaboração de um saber regular, não institucional, em relação a diversas categorias de crianças e adolescentes rejeitados; o segundo se refere à crítica da primazia da linguagem e do simbólico, tal como é oferecida/o ao adulto e à criança, desestimando e eliminando outros modos de expressão.

Lourau assinala que Deligny chama nossa atenção para essa outra relação ao mundo que as crianças autistas estabelecem. Afirma o autor: “Esta relação é como o traço fossilizado de um “humano” destruído pela instituição simbólica da linguagem.” (LOURAU, 2017, p. 298). O homem-que-nós-somos aprendeu a fazer, se esquecendo do agir.

Lourau esclarece a respeito:

A antropologia ou a contra-antropologia de Fernand Deligny, o que quer que diga a instituição científica, está aí para nos lembrar, apoiando-se na curiosa base empírica dos autistas, que não somos somente adultos “cidadãos de

bem”, “bem sob todos os aspectos” (exceto em relação a nós mesmos). O simbólico é uma propriedade (talvez não exclusiva) de nossa espécie. Devemos assumi-lo, sem por isso nos orgulharmos, a ponto de cultivar uma distinção antropológica, racial, identificatória, destinada a mascarar nossa alienação objetiva de “sujeitos” subjugados. (LOURAU, 2017, p.304)

No texto: *“Nociones cartográficas en el pensamiento de Fernand Deligny y consideraciones para el campo pedagógico”*, a pesquisadora Ana Laura Garcia desenvolve algumas ideias sobre o que o escritor chama de “o gesto” e a linguagem não verbal, justamente no período em que as ciências sociais e humanas estavam assistindo ao denominado “giro linguístico”. Durante os anos 1960 e princípio dos anos 1970, a psicanálise, a linguística e a filosofia debatiam intensamente a questão da linguagem e dos discursos. Já Deligny, por sua parte, se interessava pela “vacância da linguagem” a partir de sua aproximação com crianças autistas (GARCIA, 2019).

Com efeito, Deligny ocupa um lugar epistêmico distanciado tanto das conceituações foucaultianas como da cartografia esquizoanalítica de Deleuze e Guattari (DELEUZE, 1997; GUATTARI, 1981). A tarefa de Deligny não era cartografar a produção de novos sentidos nem criar um traçado inconsciente. Deligny olhava para o real de um outro modo, o que se traduz em novas práticas e conceptualizações. Desde sua perspectiva, tenta produzir as condições para que emergja uma cartografia de “o humano”, entendido, ao menos em hipótese, como um atuar despojado de finalismos, sujeições e obediências; anônimo, impessoal, refratário à ordem simbólica. “Trata-se de cartografias d’aquilo que para Deligny é comum, constitutivo e que existe desde sempre preludiando à linguagem.” (GARCIA, 2019, p.96)

Algumas referências tomadas por Deligny para suas afirmações levam a que se o identifique com um certo materialismo (MIGUEL, 2018). Entre elas, encontramos: a etologia de Lorenz ou Von Frisch, a paleontologia de Leroi-Gourhan e a psicologia de Wallon - influências determinantes para a formação intelectual do escritor. A despeito de algumas descontinuidades em seu pensamento, esse materialismo se reflete na ideia de que o meio é uma dimensão determinante do indivíduo. Mas não se trata de um olhar ingênuo, que proporia a simples substituição de um meio por outro para trazer novas possibilidades. Trata-se de criar um espaço que faculte pensar sobre as dificuldades e as injustiças sociais, de um espaço propício para que a revolta, em todas suas formas, possa emergir.

Pesquisando sobre infância ou, melhor dizendo, sobre o que, hoje, muitos pesquisadores tentam construir e/ou desconstruir em relação a essa categoria, tenho

me encontrado ainda com os estudos denominados decoloniais ou anticoloniais. Esses estudos problematizam o modo como construímos nosso saber, um saber que se apresenta, quase sempre, como universal, como verdade única. Assim, esse movimento crítico, com vistas a um outro pensar, vai se construindo enquanto movimento de resistência de intelectuais latino-americanos, atentos a questionar o fazer científico eurocêntrico, afirmando a possibilidade de propor uma epistemologia contextualizada. A presente tese não pretende se enquadrar nesse tipo de estudo, até mesmo porque meu percurso como psicóloga e pesquisadora é povoado por leituras de escritores europeus; mas meu compromisso, tanto na prática quanto na produção acadêmica, é afirmar linhas dissidentes, críticas e combativas ao sistema capitalista e às relações de desigualdade e opressão que tal sistema produz e reproduz, o que me leva a ressaltar a importância de ditos estudos. Segundo Coelho e Barbosa (2017), no artigo “Anarquismo e descolonização: possibilidades para pensar a infância”, a teoria pós-colonial ratifica que a retirada do domínio armado dos países latino-americanos não significou o fim da colonização. A situação de dependência econômica de tais países, a produção de uma subjetividade subalterna, a contínua exploração do meio ambiente e da população exibem a continuidade desse processo.

Nesse sentido, os estudos decoloniais, quando voltados à infância, alertam sobre a naturalização dessa categoria, entendida como mera fase do desenvolvimento humano, e que, desse modo, apaga singularidades sociais, políticas e étnicas. (COELHO e BARBOSA, 2017)

As perspectivas dos autores citados até o momento facultam pensar que falar de infância, hoje, bem como tentar reconhecer e definir as crianças a partir dessa categoria é uma possibilidade construída/imposta via organização sociopolítica atual. Não são as crianças que fazem a ordem social; mas determinado modo de organização social cria a categoria infância. É evidente a correlação/convergência entre a categoria infância e o sistema capitalista. Refletir sobre a “infância” em relação a crianças e adolescentes em situação de rua em Niterói implica repensar as relações de produção/reprodução da vida social.

### 2.1.2 Desinfantilizar a psicologia, desinfantilizar uma prática

Retomando Donzelot (2008) em “A polícia das famílias”, cumpre frisar que, no livro, está presente a descrição de uma nova série de profissões surgidas ao final do século XIX: assistentes sociais, educadores especializados, animadores. Enquadram-se na categoria “trabalho social”. O autor compara a figura do trabalhador social com

a do professor, ou seja, aquele que tem certa missão civilizadora do corpo social. Os trabalhadores sociais estão disseminados em diferentes setores - judicial, assistencial, educativo -, mas têm uma função unificada quanto às classes menos favorecidas: seu objetivo é conhecer a “patologia” da infância, que, segundo Donzetot (2008), apresenta-se de duas maneiras: como infância em perigo e como infância perigosa.

A infância em perigo será aquela que não teve os cuidados “desejáveis”. A infância perigosa será aquela associada com a delinquência, que não cumpre a lei. O trabalhador social será fundamental nessa categorização: toda a sua atenção será utilizada para substituir a boa consciência da caridade pelo uso de técnicas eficazes (um cuidado educativo) e para a passagem da simples repressão à compreensão da sanção judicial. Instaura-se uma prática divisória, produzindo duas infâncias. Essa operação, que atualmente continua regulando e modulando a relação com crianças, foi abordada na seção “A infância dividida” a partir da conceituação de Foucault e da experiência das crianças e adolescentes em situação de rua dentro do CAPSi.

Como antecipamos, Deligny foi diretor do Centro de Observação e de Triagem (COT) em Lille, norte da França. Durante os anos em que exerceu o cargo, avaliou jovens “delinquentes” que aguardavam um veredito judicial que marcaria seus destinos. Nesse período, escreveu “Os vagabundos eficazes” (2018), um diário de campo, um relato literário, que traz momentos do cotidiano.

Nesse livro, Deligny começa por nos apresentar àqueles que seriam “os inimigos” da infância - indivíduos que circulam pelos conselhos e associações encarregados de “proteger”. São pessoas que aceitam e defendem verdades que não ousam se opor à ordem social e moral, que não a ameaçam. Autoproclamadas defensoras das crianças, pessoas consideradas prudentes, reproduzem uma ordem social “podre”, nas palavras do próprio Deligny. O escritor se pergunta:

Como é que eles, insuficientes sociais docilmente resignados a um emprego monótono notoriamente ineficaz, poderiam compreender essas crianças que têm a improvável ousadia de manifestar transtornos do comportamento? (DELIGNY, 2018, p. 17).

Em contraponto, Deligny nos apresenta a figura do educador, pessoa que não transitou pelas escolas e instituições indicadas para trabalhar com a infância “inadaptada”. O educador seria a coluna vertebral do COT.

Domadores de piolhos e caçadores de sarna, impressionantes devoradores de preconceitos e donos de uma moral completamente desarticulada, efeito da relação com o circo vivida por eles quando pequenos, e, considerando tudo isso, cheios de vigor com suas articulações flexíveis. Revolucionários sólidos: eis aqui o que preserva a coluna vertebral, bem mais do que uma armadura brilhante e pesada de princípios (DELIGNY, 2018, p. 39).

Os educadores são aqueles que propiciam, que criam circunstâncias na vida dos internos do COT de Lille. Nesse sentido, Deligny realiza uma crítica do lugar do especialista em infância. Novas circunstâncias permitem aos jovens sair dos lugares vaticinados e retirar as etiquetas colocadas sobre eles.

No livro “O aracniano e outros textos”, por sua vez, Fernand Deligny (2015), apresenta uma série de textos ligados ao trabalho com crianças autistas. Esse período de trabalho é posterior à experiência como professor (em escolas “especiais”) e à direção do COT. De um modo poético, o autor nos oferece uma peça literária que problematiza o que entendemos por linguagem, a primazia que esta possui em nossas relações e aquilo que chamamos de “humano”.

Na leitura desse livro, emerge a ideia de *rede*, mas não uma rede como o leitor e, talvez eu mesma, imagine. Não se trata de “Deligny fazendo rede”, e sim de uma rede que antecede o propósito de criá-la. Não se trata de um projeto pensado a priori, que tem um “para”, visto que qualquer tentativa de “para” destrói a rede. Assim começa o texto:

Os acasos da existência me fizeram viver mais em rede do que de modo distinto, isto é, de outro modo. A rede é um modo de ser. [...] É como a história do recanto de parede e da aranha que acabam por se encontrar; se de fato a aranha o procurou, pode-se dizer também que o recanto de parede aguardava (DELIGNY, 2015, p. 15).

Ao longo dos textos reunidos no livro, Deligny vai estabelecendo um jogo entre aquilo que chama de “a rede” e a teia de uma aranha: mediante a descrição de imagens que vão se metamorfoseando, o escritor convida a pensar processos que envolveram o trabalho com crianças autistas e que, aqui, utilizamos para pensar a experiência da equipe de ERIJAD com crianças e adolescentes em situação de rua.

Deligny (2015) se pergunta se uma rede pode, ou deve acabar; e ele mesmo responde:

Uma rede pode acabar desaparecendo ou acabar em instituição. O único suporte que possibilita a rede é a brecha, a falha. Se se tratar de uma janela, a rede se torna cortina. Mas não é disso que se trata (DELIGNY, 2015, p. 30-31).

As redes de que fala Deligny estão fora da ordem simbólica, a elas falta a palavra. O escritor desdobra:

O aracniano não é racional; não é mais racional que a maneira como funciona o cérebro que faz de nós o que somos; esse cérebro não resulta do nosso querer; nós usamos, por seu intermédio, informações que o aparelho capta, analisa e sintetiza. A história, mesmo recente, mostra-nos a que ponto é preciso desconfiar desses aparelhos coagulados naquilo que se denomina Estado (DELIGNY, 2015, p. 107)

*Rede e tentativa* são os modos que Deligny utiliza para nomear as experiências de trabalho, que vão se construindo do mesmo modo, ou seja, como rede e tentativa. Tanto a rede quanto a tentativa são processos marcados pela inevitabilidade de terem um fim, entendendo-se que sua institucionalização também significa o fim. Ambas, no entanto, se apresentam esquivas às manobras de captura e, mesmo em uma instituição, criarão outras linhas, reconfigurarão os espaços (RESENDE, 2016).

Para Deligny, não se trata de construir um novo modelo, mas de afirmar uma tentativa, uma rede nas brechas institucionais. O desafio por ele enfrentado era o de estabelecer uma relação de cuidado que não implicasse a simples aplicação de um tratamento.

Pensar a prática psi implica descrever as práticas atuais, entendendo que a categoria infância não se constrói “por fora” do sistema em que nasce. Tampouco acontece isso com a psicologia e com as práticas que se reproduzem em nome dela. Problematizar a experiência pontual de trabalho da equipe de ERIJAD no encontro com crianças e adolescentes em situação de rua é uma possibilidade de pensar a prática psi no encontro com essa população.

Na tese de doutorado intitulada “O muleke e o afrobetizar: Sankofona nos dias de destruição”, Vanessa Menezes de Andrade (2019) problematiza as condições de existência da psicologia brasileira. Ela afirma:

Afinal, quem foram os considerados retardados nos testes de inteligência, os avaliados como perigosos, a maioria dos que foram internados nos hospícios e colônias, os dotados de cérebros de homicida, os ditos pobres, o menor, o pivete, o subalternizado, o preso, o traficante. Seja através de produções que afirmaram estas categorias ou através daquelas que buscaram problematizá-las e combatê-las, a psicologia não parou de pensar sobre o negro. Isso significa dizer que ela atuou diretamente na produção do que é compreendido como o negro na sociedade brasileira através dos seus laudos, pareceres, avaliações, pesquisas, diagnósticos etc.

Arriscaria dizer que esta objetificação do negro é uma das principais condições de existência da psicologia brasileira (ANDRADE, 2019, p. 40).

Se afirmamos anteriormente que o conluio entre a categoria *infância moderna* e o sistema capitalista é evidente, pensar o papel da psicologia nessa trama é fundamental. A psicologia tem ocupado um lugar estratégico na construção de categorias que capturam, definem e pretendem identificar as crianças que ficam por “fora”.

### 2.1.3 Desinfantilizar a cidade

**Figura 1** - População em situação de rua, dormindo na calçada, se cobrindo com uma caixa de papelão que diz: Don't worry. Sleep happy.<sup>16</sup>



Fonte: A autora

No início deste trabalho de tese foram trazidas cenas - cenas de uma prática profissional que resultaram problemáticas para mim. A escrita apareceu como uma

---

<sup>16</sup> A imagem é do casarão localizado ao lado da Comunidade do Cavalão, que foi ocupado pelas crianças durante alguns meses do ano 2017. Essa ocupação foi relatada no primeiro trajeto da presente tese. Realizaram-se várias operações policiais, durante as quais elas foram retiradas violentamente sob ameaças, sendo as janelas e portas da casa fechadas com tijolos, como aparece na foto. Atualmente, as crianças não conseguem ingressar mais na propriedade por causa disso, mas a população em situação de rua continua dormindo do lado de fora da casa, como aparece na imagem. Foto: maio 2022.

possibilidade de pensá-las, de transmitir as questões experienciadas a outros e de tentar tramar desvios frente a uma prática que, por momentos, se apresentava como uma máquina de moer carne.

Nesse processo, no entanto, o escrever foi se tornando difícil. Por um lado estão as questões da vida prática que, no caso de uma mulher imigrante, mãe e trabalhadora, poderiam ser motivo suficiente para certos impactos e impasses. Mas insisto em me perguntar: por que é tão difícil escrever sobre aquilo que, no início, se apresentava como urgente e necessário? Será que pensar questões que têm a ver com as crianças em situações de rua, juntamente com a prática psi no encontro com elas e com a cidade que as acolhe/recolhe, deixou de ser urgente?

Há quase quatro anos meu campo de atuação não se dá diretamente com crianças e adolescentes em situação de rua, embora continue trabalhando na cidade de Niterói numa Unidade Básica de Saúde (UBS), localizada numa comunidade no Centro da cidade. Acompanho crianças e adolescentes que circulam por essa mesma cidade, com percursos e histórias que se aproximam (e também se distanciam), em alguns pontos, daqueles que via/ouvia enquanto psicóloga da ERIJAD. Esses encontros ainda continuam a me interpelar, provocando-me com novas cenas que me aproximam da tela para escrever novamente. Essa é a linha que continua conduzindo a presente escrita, que por momentos é interrompida pelas tarefas cotidianas, às vezes se apresenta como desnecessária e, em outros momentos, é um modo de deixar passar uma cena que ressoa como aquelas narradas de início. Já disse Deleuze, no livro “Crítica e clínica” (1997), sobre o escrever:

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. (DELEUZE, 1997, p. 11)

Nas páginas anteriores, mencionei a necessidade de pensar a cidade não como fenômeno, mas como espaço de circulação e, pontualmente, a cidade de Niterói, dado que as crianças e adolescentes que acompanhei durante os anos em que trabalhei em ERIJAD circulavam por ali. Eles circulavam, eu circulava e, suspeito, mesmo sem nos encontrarmos diariamente, eles e eu continuamos circulando.

### 2.1.3.1 Cena: trajetos

Como disse há pouco, trabalho como psicóloga numa UBS no Centro de Niterói há dois anos. Para chegar à unidade, preciso atravessar a cidade. Faço esse percurso

de ônibus, geralmente distraída, pensando nas mil tarefas do dia. Olhando pela janela, deparo-me com uma cena que mais parecia uma fotografia tirada há quatro anos; mas não era...

Do outro lado da rua, em frente à comunidade do Cavalão, estava um grupo de crianças, algumas deitadas no chão com alguns pertences, outras sentadas comendo e falando. Eram crianças e adolescentes, e eu já não os conhecia; mas reconhecia o lugar onde ficavam, o modo de habitar a cidade e o lugar que a cidade, ao que parece, continua a lhes destinar.

É necessário, aqui, introduzir a noção de mapa - para pensar os modos de circulação das crianças em situação de rua, para entender esse território com as tensões que o atravessam. Niterói é uma cidade composta pelas ruas onde essas crianças circulam, pelos cantos reservados para elas (lugares onde, provavelmente, a presença da polícia, que as recolhe, não é tão frequente), pelos serviços que acolhem e não acolhem essa população, pelos “cidadãos” que podem (ou não, embora mais raramente) vir a se incomodar com sua presença na cidade, e também pelas pessoas que em determinado momento as acolhem, dando-lhes comida ou suprindo algumas das suas necessidades básicas.

Na experiência de ERIJAD, era claro que as crianças e adolescentes tinham conhecimento desse mapa, um mapa que, por sinal, ia mudando. A cidade ia restringindo os espaços, fechando os serviços, as ruas e os lugares onde estavam. Eles, por seu lado, iam inventando/desenhando outros trajetos. É possível pensar esses percursos na cidade segundo as conceptualizações de Gilles Deleuze sobre trajetos e mapas apresentadas no livro “Crítica e clínica” (1997). No nono capítulo, “O que as crianças dizem”, o filósofo utiliza a referência de Deligny aos caminhos que forjavam as crianças autistas por ele acompanhadas durante os anos 1970 e 1980, em Cevenas. Deligny e as demais pessoas que partilhavam a vida das crianças inventavam/traçavam mapas junto com elas e, nesses percursos, emergiam linhas costumeiras, linhas erráticas etc., facultando perceber singularidades. Nesse sentido, proponho pensar a ideia de mapa, considerando os trajetos realizados pelas crianças e adolescentes em situação de rua, frente às permanentes tensões que a cidade e o poder público lhes colocavam. Afirmo Deleuze (1997, p. 73-76):

O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete

naqueles que o percorrem. O mapa exprime a identidade entre o percurso e o recorrido.

Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto. (DELEUZE, 1997, p. 73-76)

Pensar a cidade como mapa implica considerar os trajetos, os movimentos e os pontos onde é possível parar: os pontos de refúgio e acolhimento. Deligny traz algumas provocações a esse respeito. No livro *“Cartas a un trabajador social”*, com um tom irônico e provocativo, escreve conselhos, ou “desconselhos”, ou, como ele mesmo diz, cartas que sirvam de “respaldo” para o trabalhador social. Elas funcionam como afirmações de uma prática que não pretende tornar-se um manual de prescrições a serem seguidas, mas um convite a pensar determinadas atuações.

Deligny, durante vários anos, trabalhou em asilos. Sobre essa experiência, entre outras afirmações, disse:

*Si vuelvo a los albores de mis tiempos de asilo, responsable de una pequeña centena de energúmenos en un pabellón vecino de una quincena de otros, en su mayoría atestados de adultos cuya peligrosidad se había manifestado ampliamente mientras vivían en ese afuera sinónimo de libertad, si bien experimentaba algún sentimiento, tendría que ser un charlatán formidable para hablar de amor. Yo estaba manos a la obra, y lo que atormentaba profundamente era no saber de que obra se trataba (DELIGNY, 2021, p. 54).<sup>17</sup>*

Na natureza do homem, segundo o escritor, existe uma necessidade de asilo, presente na primeiríssima infância, mas que perdura a vida toda. Ele propõe, nesse sentido, uma diferença entre os vocábulos “asilar” e “asilizar”, em que o segundo faz referência aos modos de domesticação dos asilados. Deligny também diferencia o “asilar” do “maternar”, já que o primeiro vocábulo não se refere à história pessoal, mas sim à espécie humana, regida pelas leis da natureza. O “asilar”, para Deligny, precisa ser pensado a partir de algumas coordenadas. Sendo assim, escreve:

*Por otra parte, el diccionario, que muy a menudo nos engaña, nos habla de asilo a propósito de la guardería y del jardín de infantes, de los indigentes, alienados, viejos y muertos, por no decir nada del derecho que ofrece a los*

---

<sup>17</sup> Se volto ao amanhecer dos meus tempos de asilo, responsável por uma pequena centena de energúmenos num pavilhão vizinho de outros quinze, em sua maioria pretensos adultos cuja periculosidade havia se manifestado amplamente enquanto viviam neste fora que é sinónimo de liberdade, onde mesmo que experimentassem algum sentimento, seria preciso ser um admirável charlatão para falar de amor. Eu havia lançado minhas mãos à obra, e o que me atormentava profundamente era não saber de que obra se tratava (DELIGNY, 2021, p. 54).

*oponentes políticos que han escapado de otras naciones; y sin embargo no habla de esa necesidad de asilo que siente el todos-y-cada-uno, que no sabe muy bien nombrar lo que hace falta, hogar apacible o aventura, se encuentra esa zona de tranquilidad benéfica que uno habría esperado del hogar apacible perturbado incesantemente por enfrentamientos tácitos o tumultados (DELIGNY, 2021, p. 64).<sup>18</sup>*

Asilo, por conseguinte, como aquilo que prevalece sobre o amor e sobre a morte, a primeira coisa de que precisa todo indivíduo. Deligny exemplifica: “*Metan un tejón recién nacido en un nido de cuervos, preparado para la próxima nidada, y pequeño tejón no volverá grande*” (DELIGNY, 2021, p. 53).<sup>19</sup> Assinala igualmente a importância que tem “o asilar” em relação às espécies, a “o humano”:

*Ahí verás<sup>20</sup>, con ayuda de dibujos y fotos, cómo las abejas y anémonas de mar, antozoos, arácnidos y avestruces, abejorros, avetoros, cucarachas, hormigas y termitas, marmotas y tortugas, se ingenian y se empeñan en edificar, tejer, trenzar, cavar, con dientes o picos y patas o colas, aquello gracias a lo cual su descendencia encuentra asilo a gusto, quiero decir al gusto de cada especie, y no al gusto de la descendencia que, si no encontrara asilo, desaparecería en el mismo momento de ser. (DELIGNY, 2021, p. 62).<sup>21</sup>*

Deligny se pergunta, então: asilar é um projeto? Porque asilar enquanto projeto seria: uma quinzena de pavilhões pesados, todos de tijolos, grades e cimento. O escritor, então, insiste:

*Asilar, es un proyecto? Es un proyecto respirar? No se trata para nada, entonces, de acumular los proyectos sino, con ayuda del proyecto, de lograr*

---

<sup>18</sup> Por outro lado, o dicionário que frequentemente nos engana, nos fala de asilo a propósito da creche e do jardim de infância, dos indigentes, alienados, velhos e mortos, ao passo em que nada diz do direito que oferece aos oponentes políticos que têm escapado de outras nações; e mesmo assim não fala dessa necessidade de asilo que sente o todos-e-cada-um, que não sabe muito bem nomear o que faz falta, lar aprazível ou aventura, se encontra essa zona de tranquilidade benéfica que a gente teria esperado do lar aprazível perturbado incessantemente por enfrentamentos tácitos ou tumultados (DELIGNY, 2021, p. 64).

<sup>19</sup> Coloquem um texugo recém-nascido num ninho de corvos preparado para a próxima ninhada, e o pequeno texugo não crescerá” (DELIGNY, 2021, p. 53).

<sup>20</sup> Refere-se ao livro *Arquitectura Animal*, de Karl von Frisch.

<sup>21</sup> Aí verá, com ajuda de desenhos e fotos, como as abelhas e anêmonas do mar, antozoários, aracnídeos e avestruzes, zangões, abetouros, baratas, formigas e cupins, marmotas e tartarugas, se obstinam e se empenham em edificar, tecer, trançar, cavar, com dentes ou bicos e patas ou rabos, aquilo graças ao qual sua descendência encontra asilo a gosto, quero dizer ao gosto de cada espécie, e não ao gosto da descendência que, se não encontrasse asilo, desapareceria no mesmo momento de ser (DELIGNY, 2021, p. 62).

*que asilar sea libre, lo que no tiene mucho que ver con dar libertad a aquellos que, asilados, parecen serlo. (DELIGNY, 2021, p.69)<sup>22</sup>*

Olhar para a cidade de Niterói como um mapa implica reconhecer esses trajetos e esses pontos de refúgio (asilo) que se tecem enquanto resistência. A presença das crianças e adolescentes em situação de rua em Niterói é um movimento de resistência e insistência por habitar a cidade frente às diversas estratégias de restrição/expulsão. Algumas delas já foram mencionadas no decorrer do presente texto, como a prática de “recambiamento” realizada pelos conselhos tutelares, a perseguição policial e judicial constante, o fechamento dos serviços de cuidado, assim como a falta de ações que supram as necessidades que eles apresentam.

Niterói vai construindo uma grande muralha descontínua que, por momentos, apresenta brechas que permitem o ingresso e a circulação dessas crianças. A cidade se defende; mas de que se defende? Essa pergunta encontra ressonâncias em um trecho escrito por Franz Kafka no conto “*Durante a construção da muralha da China*”:

Contra quem devia nos proteger a grande muralha? Contra os povos do norte. Sou natural do sudeste da China. Lá nenhum povo do norte pode nos ameaçar. Lemos a respeito deles nos livros dos antigos; as crueldades que eles praticam seguindo a sua natureza nos fazem suspirar em nossos pacíficos caramanchões. Nos quadros dos artistas, fiéis à verdade, vemos esses rostos da maldição, as bocarras escancaradas, as mandíbulas guarnecidas de dentes muito afiados, os olhos apertados que já parecem cobiçar a presa que a bocarra vai esmagar e despedaçar. Se as crianças não se comportam, mostramo-lhes essas imagens e elas voam chorando ao nosso colo. Mas não sabemos mais do que isso sobre esses setentrionais. Não os vimos nunca e se permanecermos em nossa aldeia nunca os veremos, mesmo que eles se lancem em linha reta à nossa caça, montados nos seus cavalos selvagens — o país é grande demais e não os deixa chegar até nós: cavalgando, eles irão se perder no ar vazio (KAFKA, 2002, p. 81-82).

Tal como acontece com os povos do Norte da China no conto de Kafka, as crianças e adolescentes em situação de rua são apresentadas como os inimigos dos quais a cidade precisa se proteger - observamos isso nos artigos de jornal citados no primeiro trajeto da presente tese.

Acompanhando o pensamento de Deligny em relação aos mapas, vemos não ser possível apreender essa noção separada das ideias de corpo e território. Os

---

<sup>22</sup> Asilar é um projeto? É um projeto respirar? Não se trata então, de modo algum, de acumular os projetos, mas sim, com ajuda do projeto, de fazer com que o asilar seja livre, o que não tem muito que ver com dar liberdade a aqueles que, isolados, parecem sê-lo (DELIGNY, 2021, p.69).

mapas que as crianças autistas vão realizando junto com os adultos que as acompanham exibem os deslocamentos e as ações que realizavam em determinado espaço, como afirma o escritor:

[...] nossa prática costumeira consiste em traçar as cartas em que aparecem as linhas de errância das crianças autistas que vivem aqui e aquilo que ousamos para fazer outra coisa, não signo. Vê-se que, em cada área de estar, é de uma parcela realmente minúscula da superfície do globo terrestre que se trata (DELIGNY, 2015, p.151).

Deligny empreende uma densa descrição antropológica a partir dos mapas. “Os mapas traziam um ‘regime de existência espaciotemporal’ composto de traços, gestos, linhas de trajetos, emoções e silêncios.” (GARCIA, 2019, p. 96). Os mapas falavam de um *comum* entre os adultos e as crianças autistas. Não pretendiam ser globais nem abarcar toda a superfície; eram parcelas minúsculas, onde caminhavam e corriam crianças. O escritor agrega: “[as] cartas, a bem dizer, não dizem grande coisa, exceto que o humano, não se sabe muito bem o que seja, e tampouco o comum” (DELIGNY, 2015, p.157).

As crianças e adolescentes em situação de rua ocupam a cidade construindo esses trajetos desviantes e erráticos. Olhar para a cidade a partir dessa circulação implica se aproximar de um mapa de existência possível desse grupo, de *um comum*, do qual pouco sabemos, mas que decerto aparece nesses deslocamentos.

Deligny se interessou pelo que chamou de “o comum”. No pensamento do escritor, “o comum” estaria próximo de “o humano”, da “memória de espécie”, distanciando-se da memória da educação e do que ele chamou de “o homem-que-nós-somos”. Na carta XXI do livro “*Cartas a un trabajador social*”, encontramos alguns rascunhos que nos ajudam a pensar sobre isso, quando Deligny se refere às crianças autistas e às linhas que estabelecem entre elas:

Mas que de fila, yo hablaría de ristra, a través de la cual se evoca balanceo y la cinta puede ser rectilínea o formar bucle y adquirir formas en las que veríamos nudos si no estuviéramos cegados, fascinados por nuestros semejantes que, en este caso, no lo son si son autistas, por lo cual hay que percatarse del entre, siendo unos y otros no más que puntos por los cuales pasa una línea imaginaria que tú descuidas aunque admirarías el mínimo rastro de civilización muy antiguo, y no es que el rastro sea admirable por sí mismo; algunas veces se trata de un diente — pero era diente de collar — o un pedazo de algo que tirarías a la basura si fuera un pedazo de botella o de

madera; ese pedazo de algo se remonta a tres mil años antes de Jesucristo. (DELIGNY, 2021, p.71)<sup>23</sup>

O comum se estabelece nas linhas - crianças e adultos estão incluídos numa rede a partir desse comum. O escritor agrega: “o ordenamento que você não vê está aí.” (DELIGNY, 2021). Segundo Macherey, autor do posfácio do livro mencionado, Deligny passou sua vida buscando rastros desse comum - os nós, esses rastros que a linguagem se empenha em apagar. A interpretação simbólica dessas linhas como indiferença, retirada, solidão, supõe que o autista está refratário, isso é uma operação da linguagem. O comum é aquilo que emerge no *entre*: não se trata de fazer desaparecer uma diferença em função de outra, mas de criar um espaço de coexistência.

Deligny falará ainda do “mínimo gesto”. Na carta XXI, traz a figura do cesto (“canasto”), um objeto simples, formado por listras entrelaçadas; um substantivo, segundo a classificação morfológica da linguagem. O escritor provoca, novamente, ao apreciar o sentido das cartas que está escrevendo: “A banalidade destas cartas anda de mãos dadas com meu projeto, que é tão somente lembra-lo da existência dos infinitivos” (DELIGNY, 2021, p.73, tradução nossa). Existem substantivos que podem ser *infinitados*, por assim dizer. Isso acontece com a palavra cesto, na vida costumeira de Cevenas, segundo compartilha o escritor. E ele afirma isso a partir da experiência que as próprias crianças realizam, a de “*cestear*”. *Cestear* pode consistir em transportar uma colherzinha, uma xícara de café etc., mas não se identifica com um mero *levar*. Macherey diz, a respeito:

Por mínimo gesto deve se entender um gesto ordinário levado à sua natureza propriamente infinitiva, conseqüentemente liberado do peso dos motivos ocultos e intenções que lhe atribui a cultura do ALGUÉM: esse gesto é atuado naturalmente, assim como as crianças se colocam em fila naturalmente, sem tê-lo aprendido e sem necessidade de pensa-lo, referindo-se a um modelo que tivessem em mente (MACHEREY, p. 208, 2021).

---

<sup>23</sup> Mais que de linha, eu falaria de cordão, através do qual se evoca oscilante e a linha pode ser retilínea ou formar círculo e adquirir formas nas quais veríamos a nós mesmos se não estivéssemos cegos, fascinados por nossos semelhantes que, neste caso, não o são se são autistas, dos quais temos que se estar cientes, sendo uns e outros não mais que pontos pelos quais passa uma linha imaginária da qual se descuida, ainda que se admire o mínimo e mais antigo rastro de civilização, e não é que o rastro seja admirável por si mesmo; algumas vezes se trata de um dente – mas era um dente de colar – ou um pedaço de algo que você jogaria ao lixo se fosse um pedaço de garrafa ou de madeira; esse pedaço de algo remonta a três mil anos antes de Jesus Cristo (DELIGNY, 2021, p. 71).

*Infinitar* um objeto, portanto, é renunciar a ver seu sentido mediante a interpretação que se costuma dar-lhe no mundo. *Infinitar* implica a recusa à saturação simbólica a que a linguagem nos submete, implica renunciar à submissão constitutiva de nossa própria consciência de ser.

Mas qual é a importância das provocações de Deligny para pensar a circulação das crianças e adolescentes em situação de rua em Niterói? Qual é a importância de tais provocações para pensar o encontro da equipe da ERIJAD com eles? As proposições/provoações de Deligny nos permitem ver que existem muitos modos de relação com o mundo, modos que são ignorados, sobreinterpretados e classificados de forma pejorativa. Podemos igualmente pensar que existem muitos modos de habitar uma cidade. Os modos possíveis na atualidade estão atravessados por uma série de regulações, tanto estatais como de linguagem. A circulação “errante” das crianças e adolescentes em situação de rua nos interpela quanto a isso.

## 2.2 Notas metodológicas de uma pesquisa menor

*“Caminante, no hay camino, se hace el camino al andar”*

Antonio Machado

A aposta da presente pesquisa é olhar para algumas experiências ocorridas em Niterói, especificamente com crianças e adolescentes em situação de rua, e pensar - pensar efetivamente, radicalmente, visceralmente – sobre/com elas. O exercício de escrever reivindica a existência do registro dessas experiências, dos encontros que foram possíveis, das vidas que ali se cruzaram.

A pesquisa se caracteriza por ser rizomática, fragmentária - composta por trajetos, imagens e cenas. Não pretende construir verdades totais, tampouco gerar modelo ou solução final – bem sabemos o que conota/denota a última expressão. É uma pesquisa menor. Olha para uma *experiência mínima* e analisa os modos como certas relações sociais se produzem/reproduzem, sem esquecer as brechas possíveis que nesses processos existem. Felix Guattari, no livro “Revolução Molecular”, no capítulo “Devir criança, malandro, bicha”, descreve a miniaturização do fascismo. Segundo ele, o capitalismo, hoje, utiliza novas formas de controle dos corpos: já não se precisa, necessariamente, dos campos de extermínios ou de estruturas repressivas similares - os mecanismos são mais sutis. Guattari acrescenta: “Procura-se de preferência controlar as pessoas com laços quase invisíveis que as prendem mais eficientemente ao modo de produção capitalista (ou socialista-burocrático) na medida que elas o investem de modo inconsciente.” (GUATTARI, 1981, p.64)<sup>24</sup>. Na América Latina, vemos como coexistem esses mecanismos sutis com práticas de extermínio que, embora em outra escala, se assemelham aos campos mencionados. Exemplo disso são as chacinas nos bairros pobres da cidade, que continuam sendo notícia quase diária; o assassinato recorrente de jovens negros de origem periférica<sup>25</sup> e da população em situação de rua<sup>26</sup> - geralmente também negra -, por parte das forças

---

<sup>24</sup> Suely Rolnik, no prefácio do livro “Revolução Molecular”, assinala três descolamentos fundamentais realizados por Felix Guattari no momento de produzir essas conceptualizações. O deslocamento político, integrando e se interessando pelos movimentos minoritários (movimento de homossexuais e movimento de mulheres, entre outros movimentos autogestivos), que ocupam diversos espaços de luta. O deslocamento analista, se interessando pela psicoterapia institucional e a esquizoanálise. O deslocamento teórico, construindo uma teoria do desejo no campo social.

<sup>25</sup> Artigo jornal O Globo: Mortes em operação policial no Rio de Janeiro: o que falam os pré-candidatos à Presidência. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-kcandidatos-a-presidencia.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2022.

<sup>26</sup> Artigo Jornal: Morador em situação de rua é encontrado morto em Niterói. Disponível em:

policiais; o assassinato e a violência exercidos contra as mulheres<sup>27</sup>, em múltiplos contextos.

Existe toda uma série de dispositivos que trabalham para a reprodução desses mecanismos, incluindo equipamentos que pouco estranhemos, mas que participam intensamente nessa modulação, como a escola, a prisão, a família. É por meio de tais dispositivos que se reproduzem as relações de produção. Guattari afirma a respeito: “Deste ponto de vista, o que se passa na escola e na família pode ser relacionado. Com efeito, ambas contribuem para esta mesma ‘função de equipamento coletivo’ de força de trabalho, modelando e adaptando crianças às relações de poder dominantes.” (GUATTARI, 1981, p.65)

Acompanhando as proposições de Guattari, podemos inclusive dizer que nosso inconsciente mantém certa cumplicidade com as formações repressivas (e/ou disciplinares) dominantes; mas cumpre lembrar que ele opõe, a essa ideia, uma outra: a de uma função de agenciamento coletivo do *socius* que não tenta encaixar os novos acontecimentos nos quadros preestabelecidos (universais e eternos), mas sim aceitar “o caráter finito e delimitado historicamente dos empreendimentos humanos”.

Guattari exemplifica utilizando justamente a experiência de Deligny em Cevenas com crianças autistas. Frisa que não se trata, nessa experiência, de um trabalho ou uma instituição para crianças autistas, mas de um grupo de adultos e de crianças autistas que puderam viver juntos segundo seus desejos. Deligny agenciou uma “economia coletiva de desejo” muito diferente daquilo que comumente realizam psicólogos ou educadores que têm ideias prévias a respeito aos autistas. Afirma Guattari:

A única maneira de “percutir” o inconsciente, de fazê-lo sair de sua rotina, é dando ao desejo o meio de se exprimir no campo social. Manifestamente, Deligny gosta das pessoas chamadas de autistas. E estas sabem disso. Assim como aqueles que trabalham com ele. Tudo parte daí. E é para aí que tudo volta. Desde que somos obrigados, por função, a cuidar dos outros, a “assisti-los”, uma espécie de relação ascética sadomasoquista se institui, poluindo em profundidade as iniciativas aparentemente mais inocentes e desinteressadas. (GUATTARI, 1981, p.66)

---

<https://www.osaogoncalo.com.br/geral/113643/morador-em-situacao-de-rua-e-encontrado-morto-em-niteroi>. Acesso em: 19 agosto 2022.

<sup>27</sup>Artigo Jornal O Globo: Jovem é morta a tiros dentro de casa no Centro do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/26/jovem-e-achada-morto-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Nesse sentido, para Guattari, a proposta de uma *análise institucional* implicaria *desespecializar* a abordagem do inconsciente, abrir-se aos problemas da vida cotidiana nas instituições, de uma perspectiva micropolítica. Seguindo essa linha de pensamento, também a presente pesquisa pretende se ocupar de problemas cotidianos que emergiram a partir de uma experiência de trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua em Niterói, sob a perspectiva da análise institucional.

Na palestra “Elementos para uma cartografia da grupalidade”, Peter Pál Pelbart (2010) afirma que somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado, e que isso é sempre uma questão de experimentação. Não sabemos a priori, portanto, o que é possível. Recorrendo a Espinosa, Pelbart diz não sabermos o que nosso corpo pode. E continua:

Vamos aprendendo a selecionar o que convém com o nosso corpo, o que não convém, o que com ele se compõe, o que tende a decompô-lo, o que aumenta sua força de existir, o que a diminui, o que aumenta sua potência de agir, o que a diminui, e, por conseguinte, o que resulta em alegria, ou tristeza. Vamos aprendendo a selecionar nossos encontros, e a compor, é uma grande arte. (PELBART, 2010, p.1)

No percurso da experiência aqui apresentada, a arte de compor com outros foi o maior desafio: poder compor e descompor cenários e tramas que, muitas vezes, se apresentavam como verdades estabelecidas, definitivas.

Mas o que entendemos por verdade? A que nos referimos quando falamos de verdades estabelecidas? Michel Foucault, no capítulo “A casa dos loucos”, incluído no livro “Microfísica do Poder”, faz um percurso quanto àquilo que se chama verdadeiro, exibindo toda uma “tecnologia” que ali opera, localizando as ocasiões, os rituais e os meios através dos quais a verdade se produz. Utiliza então três exemplos para mostrar isso ao longo da história. O primeiro deles é Delfos - a partir de uma geografia se estabeleceram e evidenciaram determinados lugares onde a “verdade falava” (também lugares de retiro no antigo monaquismo, cátedra da prédica ou do magistério, assembleia dos fiéis). O segundo exemplo é a noção médica de crise, que se estendeu até final do século XVIII. A crise é entendida como o momento em que a doença se deixa ver. Por último, Foucault recorre à prova judiciária como uma ocasião para a produção da verdade. Em relação à prova judiciária, vale estar atento ao modo como descreve a função do juiz: “E a posição do juiz não era a de um pesquisador tentando descobrir uma verdade oculta e restituí-la na sua forma exata, devia sim organizar sua

produção, autenticar as formas rituais na qual tinha sido suscitada. A verdade era o efeito produzido pela determinação ritual do vencedor” (FOUCAULT, 1979, p.114).

Segundo Foucault, a prática científica e o discurso filosófico desqualificam a tecnologia da verdade que nossa civilização foi construindo e utilizando durante séculos. Uma tecnologia através da qual a verdade não é encontrada, mas sim suscitada, produzida. No caso específico da ciência, para Foucault, não se trata de uma relação harmoniosa de “objeto” a “sujeito” de conhecimento; pelo contrário, há ali uma relação ambígua, belicosa, uma luta pela dominação e a vitória: uma relação de poder, em suma. Em face disso, o autor adverte que a tecnologia da verdade/acontecimento/prova parece ter desaparecido, mas permanece como *núcleo irreduzível ao pensamento científico*.

Foucault menciona um dos processos que considera mais importante na história da verdade: a passagem da verdade/prova à verdade/constatação. Ele mesmo retifica: afinal, não seria exatamente uma passagem já que é possível considerar a verdade/constatação, na forma do conhecimento, um caso particular da verdade/prova, na forma do acontecimento. Nessa perspectiva, o acontecimento pode se repetir sempre e em toda parte. Sobre esse processo, o autor afirma:

Ritual de produção que toma corpo numa instrumentação e num método a todos acessíveis e uniformemente eficaz; saída que aponta um objeto permanente de conhecimento e que qualifica um sujeito universal de conhecimento. É esta forma singular de produção da verdade que pouco a pouco foi recobrando as outras formas de produção da verdade e que, ou pelo menos, impôs a sua forma como universal. (FOUCAULT, 1979, p.116)

Já na aula<sup>28</sup> de 23 de janeiro de 1974, do curso “O Poder Psiquiátrico”, Foucault aborda novamente o problema da verdade quando indaga sobre o poder da psiquiatria e sua relação com o saber. Descreve ali o que comumente chamamos saber científico como um saber que supõe que exista verdade em toda parte, em todo lugar e em todo tempo:

Não há buraco negro na verdade. Isso quer dizer que, para o saber científico, nunca há nada que seja suficientemente tênue, fútil, passageiro ou ocasional para não concernir à questão da verdade, nada suficientemente distante, mas

---

<sup>28</sup> Essa aula, junto com o texto citado anteriormente, “A casa dos loucos”, são textos semelhantes, que colaboram no movimento de desconstruir a ideia de verdade, em especial de verdade científica, para poder pensar certos discursos que se reproduzem na prática e na pesquisa em psicologia sob coordenadas ético-políticas.

nada tampouco suficientemente próximo para que não se possa lhe fazer a pergunta: o que é você em verdade? (FOUCAULT, 2016, p.302)

Mas a continuação da aula dirige nossa atenção para outro tipo de verdade, para um posicionamento segundo o qual a verdade não estaria em toda parte e em todo tempo:

Seria o posicionamento de uma verdade dispersa, descontínua, interrompida, que só falaria ou que só se produziria de tempo em tempo, onde bem entender, em certos lugares; uma verdade que não se produz em toda parte o tempo todo, nem para todo o mundo; uma verdade que não nos espera, porque é uma verdade que tem seus instantes favoráveis, seus lugares propícios, seus agentes e seus portadores privilegiados. (FOUCAULT, 2016, p.303)

Os operadores dessa verdade descontínua, segundo Foucault, teriam o segredo dos lugares e dos tempos em que ela acontece. São aqueles que a verdade escolheu: os profetas, os adivinhos, os inocentes, os cegos, os loucos, os sábios etc. Essa verdade não é universal, é uma verdade que se produz como um acontecimento. Essa verdade-acontecimento poderia ser chamada, seguindo o autor, “verdade-raio”. A verdade-raio se diferencia da “verdade-céu”, que seria a verdade de demonstração.

Nessa linha, o autor apresenta, novamente, a distinção verdade-demonstração (constatação) versus verdade-evento (acontecimento). Na primeira, a relação entre sujeito e objeto é uma relação de conhecimento, enquanto na segunda é uma relação de “choque” ou “bélica”. No entanto, o objetivo de Foucault não é reconstruir a história da verdade-poder no lugar da história da verdade-conhecimento, como se fossem duas histórias diferentes. Em vez disso, seu objetivo é mostrar que a verdade-demonstração (constatação) é nada mais do que um momento ou uma forma de verdade-evento (acontecimento):

Eu gostaria de fazer valer a verdade-raio contra a verdade-céu, isto é, mostrar por um lado como essa verdade-demonstração – cuja extensão, cuja força, cujo poder que ela exerce atualmente é absolutamente inútil negar –, como essa verdade-demonstração, identificada, grosso modo, em sua tecnologia, com a prática científica, como essa verdade-demonstração deriva na realidade da verdade-ritual, da verdade-acontecimento, da verdade-estratégia, como a verdade-conhecimento no fundo não passa de uma região e de um aspecto, um aspecto que se tornou pletórico, que adquiriu dimensões gigantescas, mas um aspecto ou uma modalidade, mais uma vez, da verdade como acontecimento e da tecnologia dessa verdade-acontecimento (FOUCAULT 2006, p. 305).

Seguindo agora Daniele Lorenzini no artigo “Foucault, regimes de verdade e a construção do sujeito”, afirmamos que a intenção de Foucault é assinalar que a demonstração científica é apenas mais um ritual; que o sujeito supostamente universal do conhecimento é um indivíduo historicamente produzido; e que falar sobre a verdade implica colocar sempre o problema de sua produção. Lorenzini diz: “Em outras palavras, a história da verdade de Foucault nos incita a pensar de outro modo e a transformar nossa concepção comum e compartilhada da verdade: a verdade não é exclusiva nem originalmente uma questão científica ou epistemológica, mas uma questão política, ou melhor, ético-política” (LORENZINI, 2020, p.195).

Jorge Larrosa Bondía (2012), por sua vez, no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, traz elementos em relação à educação que me ajudam a problematizar o modo de construção da pesquisa. O autor afirma que se costuma pensar a educação utilizando o par ciência/técnica desde uma perspectiva positiva, retificadora, ou o par teoria/prática desde uma perspectiva política e crítica. Ele propõe, como possibilidade, uma nova modalidade: pensar a educação a partir do par experiência/sentido. Bondía define a experiência como aquilo que “nos passa”, o que é diferente daquilo que apenas “acontece”. Segundo ele, muitas coisas acontecem, mas que se tornem uma experiência é coisa rara. Na atualidade, vivemos um momento em que a informação tem um papel extremamente importante, em que existe uma enorme ênfase em “se informar” e em “informar” - o que, para o autor, eventualmente cancela nossas possibilidades de experiência. O sujeito moderno, segundo Bondía, além de ser um sujeito informado é um sujeito que opina, que emite julgamentos sobre qualquer coisa. A opinião se apresenta, pois, como um imperativo. Essa obsessão pela opinião também anula a possibilidade de experiência. Bondía ainda agrega que a velocidade em que as coisas acontecem atenta contra a possibilidade da experiência. O autor faz esses assinalamentos, especialmente, quanto aos equipamentos educacionais.

Bondía descreve o sujeito da experiência como aquele em que os acontecimentos têm lugar - ele se encontra, assim, disponível. Para qualquer experiência acontecer, é necessária uma abertura, uma disponibilidade. Segundo o autor: “A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “existe” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente” (BONDÍA, 2012, p. 25).

Seguindo essa linha de pensamento, o autor diferencia o conhecimento do saber que a experiência oferece. O saber da experiência estaria relacionado ao sentido dos acontecimentos, facultando, outrossim, um olhar crítico sobre a ideia de verdade que permeia o paradigma positivista do conhecimento. O saber da experiência se caracteriza por ser finito, particular, contingente, subjetivo, relativo, pessoal. Apesar da diferença que Bondía estabelece entre o saber da experiência e o conhecimento científico, poderíamos nos perguntar se algumas das características que ele atribui ao primeiro não atravessariam qualquer tipo de saber e/ou conhecimento, inclusive aqueles que se pretendem objetivos e que tentam apagar qualquer rastro de experiência. O desafio da presente pesquisa é justamente tornar a experiência algo digno de ser registrado e pensado.

A pesquisa, nesse sentido, utiliza a estratégia de *leitura afetiva*, particularmente presente na obra de Deligny. Segundo Garcia (2019), trata-se de uma abordagem que não pretende esclarecer um texto, uma teoria ou um autor, e sim ressignificar os lugares comuns da crítica acadêmica. Trata-se, pois, de criar a possibilidade de habitar um lugar que faculte o intercâmbio e a afetação, que permita novas perguntas, reapropriações e releituras.

As tentativas que Deligny apresenta são essencialmente políticas, desde que a política seja entendida como uma prática “ligada à criação de um ritmo, um meio, de um espaço-tempo outro. Não a revolução abrupta, mas os micromovimentos, a quase imobilidade.” (MIGUEL, 2018, p.9). Esse é um dos pontos principais que me aproximam do escritor.

Pierre Macherey, no posfácio do livro *“Carta a un trabajador social”*, antes já mencionado, adverte que não se aprende a ler Deligny: ler esse escritor implica se dispor ao impulso de seguir uma linha não traçada e que não se oferece para ser seguida. Uma linha que é preciso, sempre, reinventar e relançar. Ele acrescenta: “[...] jamais se termina um texto de Deligny, porque o texto não está terminado, fechado em sua ordem, mas sim aberto a outras tantas perspectivas novas” (MACHEREY, 2021, p.196).

Nas leituras realizadas até aqui, tenho encontrado ressonâncias com a experiência que pretendo relatar: não se trata de explicar, compreender ou delinear o caminho de “como trabalhar” com crianças e adolescentes em situação de rua. Os aforismos, as histórias e as cartas de Deligny chegam para compor um trajeto que

ainda está em aberto e que me permite habitar e modular a prática e a pesquisa como psicóloga, em diferentes cenários.

### 3 TRAJETO 3

#### 3.1 Notas para uma prática/pesquisa em psicologia

##### 3.1.1 A questão do dispositivo

Cada trajeto vai nos lançando a novos problemas, ou melhor, contornando aquilo que, a cada vez, vai se construindo como problema.

Entre o trajeto anterior e esse novo trajeto me deparo com uma entrevista<sup>29</sup> realizada por Vinciane Despret para seu livro, traduzido ao espanhol, “*A la salud de los muertos*” (2021). Durante a entrevista, a filósofa e Pablo Méndez, entrevistador e curador da exposição *Simbiología*<sup>30</sup>, dialogam sobre o saber e a experiência afetiva que o constitui. Teórica nos campos da etologia, filosofia e psicologia, as pesquisas de Despret mexem com os paradigmas vigentes. Em sua perspectiva, pesquisar é multiplicar mundo, e não reduzir ao nosso. E penso que talvez essa seja a linha invisível que se tece entre os autores citados nessas inúmeras páginas, especialmente entre Fernand Deligny e Vinciane Despret. Como pensar a pesquisa, nesse caso a prática psi, como um dispositivo que permita conhecer outros e não “explicar” os outros, reduzindo-os a categorias estabelecidas?

Durante a entrevista mencionada, é interessante perceber como Despret vai falando de seu percurso como pesquisadora e escritora. Ela diz: “Cada livro é uma resposta a algo que me acontecia. Coisas que aconteciam antes da pesquisa ou durante ela” (DESPRET, 2021).

Ao longo do ano de 1993, Despret teve a oportunidade de realizar uma pesquisa num laboratório externo, no contexto de seu doutorado na Universidade de Lieja. Nessa oportunidade, se interessou por uma pesquisa que etólogos estavam conduzindo com pássaros. Ela já havia realizado um mestrado em psicologia orientado pela etologia, tinha lido e estudado muito sobre o altruísmo nos pássaros - uma característica que estaria presente em todas as aves, segundo os pesquisadores. Essa tendência à homogeneização no que se afirmava sobre as aves provocava certa irritação em Despret. A maioria das pesquisas afirmava que os pássaros se ajudam

---

<sup>29</sup>Entrevista realizada por Pablo Méndez no contexto da exposição “*Simbiología. Prácticas artísticas en un planeta en emergencia*”, em 5 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BqIWIJ12sGcs> Acesso em: 12 de set. 2022.

<sup>30</sup>“SimBiología” é uma palavra inventada para deslocar os significados da arte (simbologia) à geração de relações com outros seres (simbioses). Essa exposição reuniu mais de 170 obras de arte argentinas contemporâneas que exploram novas vinculações e misturas entre o humano e o não humano. Dita exploração emerge numa época em que a crise de habitabilidade do planeta suscita profundos questionamentos dos modelos dominantes de ação, conhecimento e sentimento.

entre si, particularmente entre parentes, e a literatura em relação a esse tema se esforçava em reproduzir essa hipótese: todas as aves, seja qual fosse a espécie, visivelmente faziam o mesmo, salvo uma - e foi por essa que Despret se interessou. O pássaro se chamava “babbler” em inglês e era estudado por um ornitólogo israelita, Amotz Zahavi, que trabalhava no deserto de Néguev (nos anos 1990) e descrevia “babbler” de um modo diferente do restante dos pesquisadores. Naquele momento, segundo a maioria deles, os *babblers* se ocupavam somente da sobrevivência individual e da reprodução. Sendo assim, as pesquisas se restringiam a descrever comportamentos individuais e não incluíam questões mais sofisticadas nem experiências grupais significativas. Despret achou poucos artigos de Zahavi e julga que isso se deve ao estilo heterodoxo e fantasioso do pesquisador. Zahavi afirmava que os pássaros em pauta dançavam juntos para consolidar a confiança grupal. Tinham, também, o costume de ser altruístas porque desse modo ganhavam prestígio. Exemplifica Despret durante a entrevista: um dominado tentava dar um presente (inseto, minhoca etc.) a um dominante, para tentar aumentar seu prestígio frente ao grupo. O dominante, segundo Zahavi, tentaria evitar isso, pois essa situação gerava uma competição pelo direito de ajudar o outro. Nesse ponto as aves eram sumamente sociais. (DESPRET, 2021). Com efeito, os pássaros encontravam-se frente a um dilema social comum a qualquer ser que viva em grupo: por um lado, entrar em competição para melhorar o status na hierarquia; por outro lado, instaurar a competição e os conflitos, nocivos para o grupo. Como resolver a tensão entre a necessidade de competição e a necessidade de solidariedade? Segundo Zahavi, essas aves resolveram o problema competindo para ser solidárias. Mas Despret se pergunta se a descrição que o pesquisador faz das aves, se as coisas que descreve em relação ao comportamento delas, não teriam a ver com questões culturais dele próprio. Por exemplo, Zahavi utilizava constantemente metáforas bélicas e Despret se pergunta se isso se relacionaria com o fato de ele ser israelita e viver num país frequentemente atravessado por conflitos bélicos. Frente a tantas perguntas, decide frequentar o território onde o etólogo realizava suas pesquisas. Porém, quando chega ao território, se surpreende: via as mesmas coisas que o ornitólogo descrevia, via os pássaros dançar. Quando seguia Amotz Zahavi, observava o mesmo que ele; e quando seguia outros pesquisadores, oriundos de Cambridge e Oxford, mais puritanos nas suas explicações, muito “mais científicos”, que diziam que esses tipos de pássaros não dançavam, não davam presentes para melhorar seu status, não

ajudavam a não ser seus parentes e, assim, estavam determinados pela seleção natural das espécies, também não observava nada de extraordinário. Como podia ocorrer que, acompanhando Zahavi, esses pássaros se tornassem tão interessantes, ao passo que, quando estava com pesquisadores tradicionais, nada de singular aparecesse? Despret começa então a se perguntar, em suas próprias pesquisas, que dispositivo utilizava para interrogar cada ser, que dispositivo estava produzindo cada tipo de saber.

Durante a entrevista, Despret toma como referência o etólogo Lorenz e seu trabalho sobre as emoções dos animais. Lorenz falava disso num momento histórico em que primava a afirmação de que os animais não tinham emoções ou que elas eram escassas, sendo isso o que os diferenciava dos humanos. Despret então se pergunta: o que é que permite a Konrad Lorenz ver as emoções dos animais? A pesquisadora conclui: Lorenz tem um fazer diferente, ele adota esses pássaros, vive com eles, tem um devir animal com eles.

A partir dessa experiência, Despret toma uma decisão: cada vez que se encontrar com um novo ser, deverá pensar qual seria o dispositivo adequado para ele se tornar interessante. A pergunta sobre o dispositivo se torna, pois, fundamental: o que o dispositivo faz? O que ele faz fazer?

Segundo Deleuze, no texto “O que é um dispositivo” (2016), podemos afirmar, acompanhando Foucault, que um dispositivo é uma trama, um conjunto de linhas de natureza diferente. Qualquer linha pode ser quebrada, bifurcada, está sujeita a derivações de direção. Essas linhas traçam direções, realizam processos, sempre em desequilíbrio. O visível e/ou o dizível, as forças em tensão, os sujeitos que afirmam determinada posição, são vetores ou tensores. Foucault distingue três grandes instâncias - saber, poder e subjetividade - como cadeias de variáveis. É na crise que emerge uma nova linha, a partir do movimento que se produz. Existem linhas de “sedimentação”, mas também linhas de “fissura” e “fratura”. Afirma Deleuze:

Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele [Foucault] chama de “trabalho de terreno”. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de este a oeste, em diagonal. (DELEUZE, 2016, p.1)

Foucault assinala, no dizer de Deleuze, que existem duas dimensões primeiras num dispositivo: as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação. Os dispositivos são máquinas de fazer ver e fazer falar. Cada dispositivo tem um regime de luz, distribuindo o visível e o invisível, produzindo ou não a existência de um objeto. Mas não se trata só da figura que se cria, também de uma arquitetura que produz, por exemplo, no caso da prisão, uma máquina ótica para ver sem ser visto. Deleuze diz também: se há uma historicidade dos dispositivos, ela é do regime de luz, mas também dos regimes de enunciado. Uma ciência, um gênero literário, um estado de direito, um movimento social, em determinado momento são definidos pelos regimes de enunciação a que deram origem:

Não são nem sujeitos nem objetos, mas regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com suas derivações, as suas transformações, as suas mutações. E em cada dispositivo as linhas atravessam limiares em função dos quais são estéticas, científicas, políticas etc. (DELEUZE, 2016, p.1)

Já mencionamos os regimes de luz e de enunciados; em terceiro lugar, encontramos as linhas de força. Elas estabelecem um vaivém entre os dois primeiros regimes, atuam como flechas que entrecruzam o visível e o dizível, atravessam o invisível e o indizível, estão totalmente enredadas, entrecruzadas com os primeiros regimes.

Por último, ainda acompanhando Deleuze, Foucault apresenta as linhas de subjetivação. Elas nascem a partir de uma crise no pensamento foucaultiano, quando o filósofo busca uma nova orientação para pensar o mapa dos dispositivos sem ficar encerrado em linhas de força intransponíveis, que criam contornos rígidos. As linhas de subjetivação são processos, modos de produzir subjetividade em determinado dispositivo; mas nem todo dispositivo dispõe de um processo semelhante. Trata-se de uma linha de fuga, escapa das outras.

Pensar os dispositivos a partir das linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação, de brecha, de fissura, de fratura, que se entrecruzam, se misturam, se enredam, tem consequências importantes. A primeira, diz Deleuze, é o repúdio aos universais: “Com efeito, o universal nada explica, é ele que deve ser explicado” (DELEUZE, 2016). E esclarece:

O Uno, o Todo, o Verdadeiro, o objeto, o sujeito não são universais, mas processos singulares, de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de subjetivação imanentes a dado dispositivo. E cada dispositivo é uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir, distintos dos que operam noutro dispositivo. (DELEUZE, 2016, p.3).

A segunda consequência implica o desvio do Eterno para o novo: o novo não é a moda, mas sim a criatividade variável segundo os dispositivos.

Fazemos parte de dispositivos e, a partir deles, agimos. A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é a atualidade de um dispositivo. Deleuze afirma:

O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro. É necessário distinguir, em todo dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, é o desenho do que somos e deixamos de ser, enquanto o atual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando. (DELEUZE, 2016, p.4).

Deleuze também chama a atenção para o atual em Foucault. Seria aquilo que Nietzsche chamou de intempestivo ou inatual, ou seja, esse devir que bifurca a história. Não implica conhecer ou antecipar o futuro, mas sim estar atento ao desconhecido que bate à porta. A descrição do dispositivo dissipa a identidade temporal que gostamos de afirmar para exorcizar as rupturas da história, quebra os fios das teleologias transcendentais e nos liberta das continuidades.

Giorgio Agamben, numa conferência realizada no Brasil em 2005, também mergulha na questão do dispositivo. Segundo ele, o tema atravessa a obra de Foucault, principalmente na metade da década de 1970, quando o filósofo francês começa a se ocupar do problema da “governabilidade” e daquilo que denominou “o governo dos homens”. O próprio Agamben não criou uma definição de dispositivo, mas oferece algumas coordenadas para situar a que se refere quando usa tal palavra.

Agamben assinala 3 pontos para pensar o dispositivo segundo Foucault:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral porque inclui em si a episteme, que, para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico. (AGAMBEN, 2005, p.10)

Agamben afirma que o conceito de dispositivo ganha um papel decisivo, no pensamento de Foucault, quando este põe em pauta a relação entre os indivíduos como seres vivos e o elemento histórico – entendido, esse último, através de uma série de instituições, processos de subjetivação e regras nas que se concretizam as relações de poder. Assim, segundo o filósofo italiano, o interesse de Foucault é investigar os modos concretos em que os dispositivos *atuam nas relações, nos mecanismos e nos “jogos” de poder.*

Durante a conferência em questão, Agamben propõe pensar os dispositivos num novo contexto, fazendo uma divisão entre dois grandes grupos: por um lado, os seres vivos ou substanciais; por outro lado, os dispositivos no quais esses são capturados. Agrega:

Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas, etc., cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2005, p.13)

A questão do dispositivo tem me interpelado durante meu percurso como psicóloga e pesquisadora. Que dispositivos são esses que produzem as categorias ou problemas com os quais tenho me encontrado? Que dispositivos eu mesma, como psicóloga/pesquisadora, vou construindo e desconstruindo nessa caminhada?

### 3.1.2 A psicologia como dispositivo

Vinciane Despret, no livro *“A la salud de los muertos”*, assume o desafio de conhecer de que modo as pessoas se relacionam com seus mortos. Para tanto, comenta sobre a forma como desenvolveu sua pesquisa. O capítulo do livro que dedica a isso se intitula *“Dejarse instruir”*. Despret relata que começou a compartilhar com algumas pessoas o projeto de sua pesquisa e, para sua surpresa, essas pessoas passaram a se interessar e a contar histórias apaixonantes, relatadas com extremo cuidado, além de recomendar livros, filmes e séries de televisão. Quando percebeu isso, achou que o melhor era se deixar guiar pelas pessoas que ia encontrando.

Passou a formular e apresentar cada vez melhor seu projeto e mais pessoas iam se interessando. Ela escreve a respeito:

Eu dizia: realizo uma investigação sobre a maneira como os mortos entram na vida dos vivos, entre nós, hoje em dia, e como os fazem atuar; trabalho sobre a engenhosidade entre mortos e vivos em suas relações, com a dificuldade de que os vivos tendem a se deixar facilmente convencer de que todo o crédito desta engenhosidade lhes concerne. Às vezes, contava algo que havia escutado (DESPRET, 2021, p. 34).

Despret decidiu seguir os conselhos das pessoas. Percebeu que cada uma delas ia compondo uma imagem ou uma ideia do que a pesquisa deveria ser, que não era mero reflexo dos desejos individuais dos participantes, tampouco do que ela mesma imaginara, de início, que deveria ser a pesquisa. Mas essa relação entre os relatos das pessoas, os conselhos e a pesquisa não apareceu desde o começo - ela percebeu que era preciso esperar. Para permitir que os relatos e as obras produzissem os vínculos, as articulações e as fricções, ela devia se deixar “instruir”:

Tornei-me, eu mesma, objeto de experimentação: colocando-me à disposição daquilo que as obras criavam, vínculos, questões, conluios, novos seres e respostas que tinha de aprender a assimilar. Havia encontrado finalmente o meio para romper com as explicações. (DESPRET, 2021, p.36).

“*A la salud de los muertos*” é um livro de ontologia, política, estética e epistemologia. Sua leitura provoca uma reflexão sobre o modo como produzimos conhecimentos no campo da psicologia e, nesse caso, questionam-se algumas explicações totalitárias que a disciplina oferece para explicar a morte e o fazer dos vivos a respeito dela. Despret afirma, já no início do livro:

Conduzir um ser a "um plus de existência" que lhe permita continuar influenciando a vida dos vivos demanda então muito trabalho, ou mais precisamente, muita disponibilidade, o que pouco tem a ver com o famoso "trabalho de luto". Os mortos nos pedem para ajudá-los a nos acompanhar; há atos a realizar, respostas a dar a esse pedido. Responder não só consome a existência do morto, mas o autoriza a modificar a vida de quem responde (DESPRET, 2021, p. 18).

A autora afirma ainda que toda existência deve ser *instaurada*. Essa ideia é tomada de Bruno Latour que, por sua vez, retoma para tanto os trabalhos do filósofo Étienne Souriau. “Instaurar” não seria criar nem construir, mas acolher um pedido. Despret utiliza essa ideia para pensar sobre o trabalho que os vivos fazem com os

mortos: "Ajudamos os mortos a ser ou a tornar-se o que são, não os inventamos" (DESPRET, 2021, p.19). Nas páginas seguintes ela complementar\u00e1:

O modo de ser dos mortos requer boas maneiras concernentes ao modo de se dirigir a eles e de compor-se com eles. O que este livro se prop\u00f5e a estudar s\u00e3o estas maneiras, maneira de ser dos mortos e maneiras de se dirigir a eles, que aqueles que ficam, aprendem (DESPRET, 2021, p.21).

Despret afirma, ademais, que sua pesquisa concerne \u00e0 ecologia. A ecologia se afasta dos temas tipicamente privilegiados pelos cientistas, j\u00e1 que se pergunta pelas condi\u00e7\u00f5es de exist\u00eancia daqueles que estuda. Seu trabalho tamb\u00e9m poderia se enquadrar como uma pr\u00e1tica de etologia, se entendida no sentido que lhe dava Deleuze<sup>31</sup>:

A etologia \u00e9 o estudo pr\u00e1tico de maneiras de ser, isto \u00e9, o estudo pr\u00e1tico do que podem as pessoas e os animais. N\u00e3o do que s\u00e3o, de sua ess\u00eancia, mas do que s\u00e3o capazes, do que fazem das pot\u00eancias que lhe s\u00e3o pr\u00f3prias, das provas que podem suportar (DESPRET, 2021, p.22).

Nesse sentido, a pergunta pelo meio \u00e9 fundamental na pesquisa de Despret. Ela estabelece um embate com a psicologia, que, historicamente, se esconde no espa\u00e7o limitado dos psiquismos para explicar uma s\u00e9rie de quest\u00f5es. No caso da pesquisa em pauta, o contraponto psi ser\u00e1 a teoria do luto, que parte de uma exig\u00eancia de desapego para explicar o trato que os vivos "deveriam" ter com seus mortos. A psicologia, atrav\u00e9s da teoria do luto, prescreve uma norma, guia e coage a experi\u00eancia de perder algu\u00e9m. Mais uma vez, emerge a psicologia disciplinando as diferen\u00e7as, disciplinando a irracionalidade - afirma a escritora.

A quest\u00e3o do meio e dos territ\u00f3rios ganha centralidade no livro *"Habitar como un p\u00e1jaro"*, de Vinciane Despret (2022), trazendo elementos que nos permitem pensar a psicologia hoje - particularmente, nos territ\u00f3rios que tenho habitado como psic\u00f3loga. Pensar a pr\u00e1tica psi implica pensar os espa\u00e7os onde ela acontece e as rela\u00e7\u00f5es neles pass\u00edveis de serem estabelecidas.

\u00c9 atrav\u00e9s da observa\u00e7\u00e3o das aves que a escritora belga come\u00e7a a contornar aquilo que pode ser pensado como territ\u00f3rio, multiplicando os sentidos e se

---

<sup>31</sup>Gilles Deleuze, *"La distincion \u00e9tica de los existentes. Potencia y afecto"*, 9 de dezembro de 1980, em *"En Medio de Spinoza"*, trad. Pablo Ires y Sebasti\u00e1n Puente, Editorial Cactus, 2019.

distanciando da definição que captura o termo território, limitando-o à lógica da propriedade privada.

Despret relata, no livro, a história de um melro, pássaro que curiosamente escolheu cantar na janela de seu apartamento. Ele passa a fazer isso a cada noite. O melro cantava com “o entusiasmo de seu corpo”. Cantava com outros pássaros. O silêncio, assinala Despret, se impõe na cidade para esse canto ser ouvido. Ela ainda afirma:

Para aquele melro [pássaro preto], deveria prevalecer o termo "importância". Algo importa, mais que qualquer outra coisa, nada importa mais que o fato de cantar. A importância fora inventada no canto de um melro, o atravessava, o transportava, o mandava para o longínquo, aos outros, ao outro melro de alhures, ao meu corpo tensionado para ouvi-lo, aos confins onde alcançasse sua potência. E certamente, a sensação de silêncio total que tive, sem dúvida impossível no ambiente urbano em que minha janela se abre, testemunhava que essa importância havia me capturado de tal modo que apagou tudo o que não fosse aquela música. O canto me deu silêncio. O importante me tocou. (DESPRET, 2022, p.12).

A essa experiência, através da qual alguns pássaros podem mudar de atitude num determinado momento, se isolando, escolhendo um lugar e permanecendo nele, Despret chamará *devir territorial*. Ela cita a observação, realizada em 1920 por Henry Eliot Howard<sup>32</sup>, de um pássaro chamado “escribano palustre macho”, numa região inglesa chamada Worcestershire. O pássaro escolhe uma árvore que se converterá no ponto mais importante em relação ao espaço ocupado, e a partir daí anunciará sua presença com seu canto, vigiará seus vizinhos e buscará alimento, realizando alguns trajetos. A redundância dos trajetos desenha o território e marca os limites. A partir das observações de Howard, o território é considerado um objeto científico que pode ser explicado com base nas funções que cumpre para a sobrevivência de uma espécie.

Despret comenta que o termo “território”, em relação aos pássaros, aparecerá somente no século XVII, e assinala uma “coincidência” a esse respeito. Tanto na literatura ornitológica quanto na história do direito esse termo emerge associado ao termo *apropriação*. Assim, no campo do direito, a terra se associa ao direito à propriedade, instituindo-se como direito individual, destruindo outros modos de organização e relação com a terra. Afirma a autora:

---

<sup>32</sup>Despret esclarece que ele não era um cientista profissional, mas um naturalista apaixonado pela observação dos pássaros. Chegou a ser reconhecido, posteriormente, como um pioneiro nesse campo.

Das múltiplas maneiras de habitar e partilhas os usos da terra que se haviam inventado e cultivado durante séculos, não restaram mais que direitos de propriedade, por vezes limitados, mas sempre definidos como direitos exclusivos de usar e inclusive abusar (DESPRET, 2022, p.21).

Segundo a maioria dos ornitólogos, no entanto, o território, para as aves, não teria um caráter de propriedade e sim de “um lugar a ser defendido”, podendo ter o termo “defendido” funções diferentes: defendido para assegurar a subsistência, a reprodução, para assegurar a exclusividade da fêmea, etc. Não existe um modo único de fazer território, e sim múltiplas formas de territorialização. Os territórios tomam, portanto, sentidos que ultrapassam a ideia de “propriedade”. A partir desse olhar, existem territórios dançados, amados, disputados, repartidos, marcados, conhecidos, apropriados, familiares etc. Despret se pergunta: quantos e que verbos podem fazer território? *Que práticas permitirão que esses verbos proliferem?*

O território é um espaço onde coisas, acontecimentos e conexões se colocam em jogo de diversos modos em diferentes momentos. Despret afirma que pensar o território exige um gesto: ir devagar, deixar passar um pouco de ar e se deixar levar pela imaginação. Será preciso sair dele para voltar a entrar. A escritora belga toma algumas referências de Deleuze e Guattari para pensar a questão do território. No livro “Mil Platôs” (1980), eles começam falando dos processos de territorialização e desterritorialização em relação à escrita, e Despret decerto os cita quando afirma: “Escrever, fazer rizoma, ampliar o território próprio por meio de uma ‘desterritorialização’” (DESPRET, 2022, p.95)<sup>33</sup>.

Na esteira de Deleuze e Guattari, Despret dirá que desterritorializar é se desfazer de um agenciamento para se reterritorializar em outro. Ela ainda acrescenta:

Territorializar adquire então seu sentido: é entrar num agenciamento que territorializa o que entra. O que significa que toda territorialização supõe, em primeiro lugar, que se desterritorialize algo para reterritorializá-lo de outra maneira. E, por esta razão, quer se trate da escritura ou dos pássaros, não deveríamos falar tanto de territórios mas, precisamente, de atos de territorialização (DESPRET, 2022, p. 94).

O território é o lugar onde tudo se torna matéria de expressão: ritmos, cores, canto etc. O território seria, pois, o efeito da arte. Cria novas relações. Não se trata de uma questão simplesmente espacial, mas sim de uma questão que aparece no regime das intensidades e da temporalidade, no ritmo. Despret escreve: “Retomando os

---

<sup>33</sup> Trata-se efetivamente de uma citação de Deleuze e Guattari em “Mil Platôs” (1980).

termos de von Uexkull, é um espaço vivido, mas, sobretudo, intensamente vivido, isto é, atravessado por intensidades diferentes” (DESPRET, 2022, p.104, tradução nossa).

Refletir sobre as práticas e os dispositivos implica pensar sobre os territórios em que eles aparecem. É incluir na discussão os processos de territorialização e desterritorialização que permitem determinadas práticas. Mas, sobretudo, é criar silêncios para que outras práticas sejam ouvidas.

### 3.1.3 Habitar outras práticas

Na conferência “O que diriam os animais se...”, Vinciane Despret (2013) afirma que durante seu percurso como pesquisadora tem se tornado claro para ela como “a vida nos torna inventivos”. Mesmo nos períodos em que enfrentamos a morte e a experiência do luto, mesmo num momento histórico onde vemos como muitas espécies animais estão sendo agredidas e estão se extinguindo, a vida leva os seres a criar laços, a construí-los: “São laços que carregam histórias, no duplo sentido do termo: o de história e o das histórias, que são laços que tecemos entre os acontecimentos que lhes dão um sentido, dentre as quais algumas encantam o mundo.” (DESPRET, 2013)

É interessante ler Despret falando de seu processo de pesquisa. Nesses últimos anos, ela se interessou em interrogar, ler e escutar pessoas que perderam alguém, como descrevemos nas páginas anteriores. E teve em acréscimo um outro projeto, de mais longo prazo, que a levou a interrogar, observar, escutar e ler pessoas que trabalham com animais. No período dedicado a essas pesquisas, ela percebe que precisou pensar em termos de uma ecologia da atenção, do tato e da preocupação, uma ecologia que caracterizará como “responsável” e que implicará uma exigência de reciprocidade ética. Ela assim a descreve:

Nos cientistas que observo, interrogo ou leio há alguns anos, encontro essa exigência de reciprocidade pragmática, uma forma relativamente análoga: eles sabem que não aprenderão nada de interessante sobre seus animais se não elaborarem questões suscetíveis a interessá-los. E eles sabem que eles mesmos só serão cientistas interessantes se conseguirem tornar seus animais inventivos, interessantes, surpreendentes. (DESPRET, 2013)

Despret se pergunta: como conseguir que um animal se torne interessante de maneira confiável, ou seja, dentro das exigências da prática científica? E ela observa que os pesquisadores têm a tendência a privilegiar, nas suas observações, aquilo que a sua teoria os preparou para observar. Ela diz, então:

E cada um desses pesquisadores partirá para o campo com uma teoria, da qual nos damos conta de que, de fato, é já uma história que vai, a partir daí, produzir outras. Pois as teorias são e fabricam histórias. Certamente, toda teoria é uma ferramenta explicativa do mundo, mas é também uma história que é proposta. E cada situação de campo, cada laboratório experimental, torna-se lugar que produz histórias que vão, por sua vez, produzir outras. (DESPRET, 2013)

Segundo a pesquisadora, por conseguinte, toda teoria é uma matriz narrativa, e cada matriz vai ressaltar determinados fatos e ocultar outros. Assim, a matriz afeta não só aquilo que se conta, mas também aquilo que se observa.

Despret se interessa pela animalidade, se interessa pelas pesquisas que a envolvem, se interessa pelos pesquisadores e por seu fazer com respeito a esse grupo. Ela não tenta explicar o comportamento animal, e sim decifrar como é que os pesquisadores que se dedicam a estudar o comportamento de determinados animais chegam a determinadas conclusões. Despret vai atrás de pesquisadores conhecidos, que reproduzem, nas suas pesquisas, certos universos, e também se interessa por outros que circulam, digamos, pelas margens. São sem dúvida os últimos que trazem uma diferença e lhe permitem construir narrativas que resistem a certas capturas e totalizações produzidas pelo chamado pensamento científico no Ocidente. Desse modo, Despret vai engendrando aquilo que denomina ecologia da atenção e do tato, onde se trata de criar um ambiente favorável a que os animais mostrem aquilo de que são capazes. Para exemplificar, a escritora belga traz à cena as pesquisas realizadas por Thelma Rowell<sup>34</sup> com carneiros. As pesquisas diziam, em geral, que os carneiros não faziam amigos; mas essas pesquisas eram realizadas com rebanhos formados exclusivamente para a pesquisa, com animais que não se conheciam. Já Thelma Rowell dá um tempo maior aos rebanhos para que eles se organizem. Começa a estudá-los por um período igualmente maior que o tradicional, e com isso percebe como os carneiros criam laços e como os mantêm.

Despret afirma, a respeito: “Conhecer bem requer tato e atenção. Conhecer bem requer que cessemos de retomar as histórias que criamos para que vislumbremos o que elas propõem, o que prometem, como e a que elas nos tornam

---

<sup>34</sup> Thelma Rowell – uma primatologista experiente, professora na universidade de Berkeley (Califórnia), que começou a trabalhar com os babuínos no começo dos anos 1960 e que, desde então observa incessantemente os macacos. (DESPRET, 2013)

mais sensíveis, o que silenciam ou tornam invisível, e o que não podem conectar” (DESPRET, 2013).

Lendo Despret, lembro da experiência de trabalho na equipe de ERIJAD, lembro de certo modo de trabalho construído, um trabalho que hoje poderia descrever como “atento” – um olhar atento às paisagens da cidade de Niterói, às crianças que circulavam nela. Era frequente, nas reuniões de equipe, alguma das integrantes dizer: “Essa semana encontrei com fulano na rua”, e logo começava a contar uma situação que fulano tinha relatado, muitas vezes relacionada às dificuldades que ele estava atravessando. Lembro de uma cena que eu mesma experimentei. Estava chegando ao CAPSi, tinha descido do ônibus e estava andando do ponto até o prédio. Nesse percurso, encontrei uma colega. Continuamos andando, quando vimos uma criança na rua, meio adormecida, meio acordada, deitada no chão. Logo reconhecemos o menino, era parte do grupo de crianças em situação de rua que acompanhávamos. Perguntamos como estava e ele disse que cansado e com fome. Pedimos que fosse conosco ao CAPSi, chegamos juntos. Entramos um pouco antes das 15 horas, e um funcionário disse que depois das 15 horas não estavam autorizados a dar quentinhas para as crianças. Isso, alegadamente, se devia ao respeito às normas higiênicas e de salubridade que tinham começado a funcionar recentemente, a partir da inclusão de uma nova nutricionista na rede de saúde mental. Nesse dia a criança ainda conseguiu se alimentar e descansar no CAPSi, mas em reuniões posteriores, realizadas com os coordenadores dos serviços da rede de saúde mental, tentei entender a nova regulamentação. Foi-me explicado que crianças em situação de rua, acompanhadas pelo CAPSi, como qualquer outro usuário da rede, só poderiam comer no local antes das 15 horas e que não poderiam levar comida nem comer depois desse horário no CAPSi por questões de saúde. Cenas como essas trazem a complexidade de um trabalho que precisa ser construído para além das regras, mesmo sendo regido por elas. Um trabalho que requer, como diria Despret, atenção e tato.

No prefácio de “O que diriam os animais?” (2021), de Vinciane Despret, Bruno Latour descreve com precisão a escrita da pesquisa presente nesse livro. Trata-se, segundo ele, de fábulas científicas, diferenciando-as de relatos de ciência ficção e de histórias falsas da ciência. Despret traz, de uma forma delicada, o quão difícil é se aproximar de um outro, nesse caso alguns animais, e entender o que estão “aprontando”.

Despret traz cenas, situações e pesquisas que colocam o paradoxo da ciência moderna em evidência. Latour escreve sobre isso:

Apenas as condições rigidamente controladas do laboratório serão capazes de proteger a produção do conhecimento contra as armadilhas do “antropomorfismo”. Uma reação como essa produz um paradoxo interessante: apenas a criação de condições altamente artificiais de experimentação laboratorial detectaria o que os animais de fato aprontam quando se encontram livres da imposição artificial de valores e crenças humanos. Daí em diante, apenas um conjunto de explicações sistemáticas sobre o que os animais fazem nesses ambientes valerá como ciência de verdade. Todas as outras serão qualificadas como “histórias”, e os contadores de histórias serão descartados como meros amadores. (LATOURE, 2021, p.11)

Despret vem investigando há muito esse paradoxo: o conhecimento científico sobre animais precisa se produzir sob condições artificiais para que possa se livrar das condições, também artificiais, em que os humanos habitualmente encontram os animais. Passa-se assim de um “antropomorfismo”, que supostamente caracterizaria essas últimas condições de encontro, a um “academicocentrismo”, defensivamente científico e sob controle rigoroso. Assim se impõe uma série de atitudes tanto aos animais quanto àqueles que leem os relatos científicos. Latour, no prefácio a Despret, se pergunta: já que o conhecimento sempre é produzido por razões artificiais, por que não utilizar as situações em que humanos interagem “naturalmente” com animais para acumular conhecimento, e não para subtraí-lo? O autor afirma ainda que Despret integra o grupo por ele chamado de “empiristas aditivos” - aqueles que estão interessados em fatos objetivos e na consolidação de suas pesquisas, mas gostam de acrescentar, de complicar, de criar distinções, de multiplicar vozes. Latour cita, por exemplo, Isabelle Stengers, filósofa que tem trabalhado em muitas oportunidades junto a Vinciane Despret: “... a ciência se rebaixa quando se vale de seus sucessos para eliminar outras explicações.” (LATOURE, 2021, p.12).

Durante a leitura do livro em pauta, observa-se que cada fábula apresentada se apoia num corpo específico de literatura científica e etnográfica sobre um ou vários encontros com animais. A questão formulada passa pelas perguntas: que diriam os animais, se pudéssemos fazer as perguntas certas? Questões tolas criam animais tolos? Questões astutas mostram animais astutos? Todas as fábulas se apresentam como provocações a quem se disponha a utilizar um método de pesquisa, para quem se aventure a escrever a partir da utilização de um “método científico”. Quais são os supostos que naturalizamos e é preciso rever nesse encontro com o outro?

A primeira história que Despret irá nos apresentar funciona como um *analisador* para pensar os métodos de pesquisa utilizados, no caso, por diferentes etólogos. Ela contará a história dos elefantes pintores e se perguntará se é possível conceder-lhes o estatuto de artistas. Acompanhará as conclusões apresentadas por alguns etólogos. No começo, aparece o cientista Desmond Morris, que se interessou pelos elefantes pintores que vivem no sul da Tailândia. Morris afirma que os desenhos não pertencem aos animais, já que estes não teriam intenção nem criatividade. Ainda segundo o pesquisador, o que os elefantes realizam é apenas uma cópia fiel. Morris afirma que, se olharmos atentamente, veremos que, no momento em que o elefante está desenhando, o treinador toca a orelha dele – tratar-se-ia, portanto, de um ato condicionado, e não de uma expressão artística. Despret, por sua parte, dirá que Morris é um estraga-prazeres, e chama a atenção para o modo como certos cientistas assumem o papel de quem precisa abrir os olhos dos outros sobre alguma inverdade que estaria encantando e enganando todo mundo. A filósofa belga assinala que existe, aqui, um mal-entendido, pois o encantamento reside na apresentação oferecida ao público: existe, decerto, algo atraente nessa cena para quem tem a possibilidade de presenciá-la. Mas ela também descreve a atenção sustentada pelo animal. O fato de existir um truque de adestramento não é o que importa para quem assiste ao espetáculo. E Despret ainda questiona: E se os elefantes precisarem de um carinho na orelha para pintar?

Despret diz que em seus anos como pesquisadora aprendeu a desconfiar da maneira como o problema é colocado. Agrega, então:

Portanto, não consigo chegar a uma resposta para a questão de se os animais são artistas, em sentido próximo ou distante do nosso. Em vez disso, prefiro falar de realizações. (...) bichos e homens trabalham juntos. E eles fazem isso com a graça e a alegria da obra a realizar. (DESPRET, 2021, p.29)

Por que escolher Despret e suas pesquisas sobre animais e etólogos para pensar a prática e a pesquisa em psicologia, particularmente no encontro com crianças e adolescentes em situação de rua?

Cada fábula, cada história por ela apresentada é um convite a pensar sobre meu lugar de pesquisadora, é uma provocação a produzir desvios, a olhar para o mundo a partir de outros ângulos, criar silêncios, dar lugar a novas perguntas.

Vinciane Despret apresenta também outra história que, no caso, nos convoca a refletir sobre o corpo na pesquisa - o nosso e o daqueles que encontramos nessa experiência. Traz à cena um exemplo analisado por Donna Haraway, que estudou o trabalho de campo realizado por uma primatóloga chamada Barbara Smuts, em Gombe, na Tanzânia. No início, Smuts quis se aproximar dos animais, objeto de seu estudo, progressivamente, a fim de evitar influenciá-los - como tinha aprendido nos protocolos de seu ofício. Segundo tais cânones, o bom pesquisador seria aquele que conseguisse se tornar invisível aos animais pesquisados. Porém Smuts percebe que os babuínos pareciam insatisfeitos frente à sua indiferença. Despret comenta: “A única criatura que acreditava na suposta neutralidade científica de ficar invisível era a própria Smuts” (DESPRET, 2021, p.46). Os babuínos, aparentemente, achavam estranha a conduta da pesquisadora; então, começaram a fugir dela, a não agir como de hábito etc. Smuts solucionou o problema de um modo bem simples, segundo Despret: adotou um comportamento similar ao dos babuínos, tomando emprestada a maneira que eles tinham de se dirigir uns aos outros. A partir disso, o trato deles em relação a Smuts também mudou: ela começou a ser levada em conta, e eles eventualmente passaram a lhe lançar olhares maldosos que a obrigavam a se distanciar, mas em compensação a tratavam como um sujeito digno de confiança, com quem podiam se comunicar.

Assim como cita o filósofo Spinoza, Despret se faz acompanhar de Gabriel Tarde para pensar a questão do corpo na pesquisa. Dele toma o que o sociólogo francês chamou de interfisiologia, ciência de agenciamento dos corpos. Ela diz, então:

A partir dessa perspectiva, o corpo reconcilia-se com a proposta spinozana: ele se torna o lugar daquilo que pode afetar e ser afetado. Um lugar de transformações. Em primeiro lugar, ressaltamos que o que Smuts coloca em cena é a possibilidade de se tornar não exatamente o outro na metamorfose, mas *com o outro*, não para sentir o que o outro pensa ou sente, como propõe a pesada figura da empatia, mas para de algum modo receber e criar a possibilidade de se inscrever em uma relação de troca e de proximidade que nada tem a ver com uma relação de identificação. (DESPRET, 2021, pág. 48)

Junto com outras, essa história se inscreve, segundo a filósofa belga, num regime similar: o de situações em que os seres aprendem a exigir que o que importa para eles seja levado em conta. Assim sendo, conclui: “É o que dá um sabor tão notável e tão particular a esses projetos científicos, para os quais o fato de aprender

a conhecer aqueles que observamos se subordina ao de aprender, primeiro, a se *reconhecer*” (DESPRET, 2021, p.52).

Hoje, finalizando esse terceiro trajeto, posso afirmar que o trabalho dessa pesquisa de doutorado foi uma aposta em se reconhecer como uma maneira possível de se aproximar de uma prática - no caso, a de pensar o trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua. Foi necessário pensar essa experiência sob algumas coordenadas sociais, históricas, políticas, econômicas e, também, pessoais. Foi preciso entender que existe algo indissociável do íntimo e do coletivo na escrita, pelo menos nessa, e na de muitas outras mulheres escritoras que têm me acompanhado nesse percurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto releio essas páginas, revejo esses anos e os diferentes momentos da experiência do doutorado. Escrever esta tese implicou descrever um processo que começou no meu primeiro cenário de prática profissional no Brasil, no ano de 2014, com o ingresso na equipe da ERIJAD. Passaram-se quase 10 anos desde aquele início. A experiência como psicóloga (2014-2015) e, posteriormente, como coordenadora da equipe (2016-2018) permitiu formular as problematizações que me lançaram à experiência do doutorado, que começou no ano de 2017. Hoje, os cenários de prática profissional se multiplicaram, o SUS continua sendo o campo de atuação. Depois de alguns anos de um governo antidemocrático (2019-2022), que pretendeu instalar o desprezo pela vida e pelos espaços de cuidado coletivo, sobretudo no âmbito da educação e saúde pública, 2023 se apresenta com um cenário esperançoso e desafiador para continuar ocupando esses espaços. A psicologia continua sendo uma ferramenta a problematizar, o trabalho no SUS instiga a pensar e construir uma prática territorializada, uma psicologia territorializada, que contemple a singularidades dos cenários e os encontros que neles acontecem.

Esta tese se apresenta como um processo, um mapa, um território, é o relato de uma experiência e as questões que ela suscitou. Mas, sobretudo, como assinalo no início, foi a experiência de realizar um doutorado atravessado pelo cuidado de duas filhas pequenas. Essa configuração de vida fez-me refletir, também, sobre o lugar da acadêmica.

Gosto de pensar esta tese como uma tese “menor”. Poderia ser uma tese “criança” - tento contorná-la, defini-la, mas sempre traz alguma coisa que escapa. Neste movimento que parece difícil de definir e terminar, surgem novas questões, dando continuidade àquelas do começo: como se pratica a psicologia? Como se pesquisa sobre isso? Como escrevemos num espaço acadêmico aquilo que pensamos e produzimos, desde as condições pelas quais estamos atravessadas?

Isabelle Stengers, no texto “Outra ciência é possível! Um apelo à Slow Science” (2019), aborda a questão da produção de conhecimento. Ela afirma que a união entre “Fast Science” e indústria tem produzido um conhecimento desincorporado, eliminando as complicações confusas deste mundo. Em contraponto, ela vai pensar a “Slow Science” como a possibilidade de lidar com o que os cientistas muitas vezes consideram confuso, que escapa a questões objetivas. “Excluindo as confusões, confundimos o mundo”, assinala Stengers. O confuso não é defeituoso.

Ela estabelece algumas coordenadas para pensar a “Slow Science”: é preciso afirmar um conhecimento situado, produzindo conexões parciais. Em relação aos desafios que implicaria produzir esse modo de conhecer, escrever ou habitar o espaço acadêmico, a filósofa adverte:

Qualquer que seja o modo como podemos reivindicar a capacidade de honrar a mudança, ela deve resistir à pressão de dentro da academia: a de nossos queridos colegas que objetarão que não estamos sendo suficientemente objetivos ou críticos, ou de periódicos que insistem na necessidade de respeitar suas normas, a necessidade de começar expondo “Materiais e Métodos” (ou a Revisão da Literatura!). Assim, eu reivindicaria que, se nós, acadêmicos, desejamos recuperar nossas práticas como dignas, precisamos também nos tornar ativistas reivindicadores à nossa própria maneira, inventando nossas próprias maneiras de responder à barbárie que ganha terreno toda vez que nos curvamos diante da necessidade, incluindo a necessidade de aceitar as regras do jogo ou de ser excluído dele. (STENGERS, 2019, p. 35)

É preciso, segundo a autora, criar espaços que nos protejam, cultivar com aqueles em quem confiamos “...uma arte informada de deslealdade, a arte de dismantelar discretamente hábitos acadêmicos, de confundir o olhar dos inquisidores, de formas regeneradoras de honrar o que nos faz pensar e sentir e imaginar” (STENGERS, 2019, p. 36).

Releio, quase no final desse processo, uma entrevista<sup>35</sup> com Vinciane Despret e Isabelle Stengers, feita no Brasil. A entrevista é realizada a propósito do livro “*Les faiseuses d’histoires*” (2011) e as reflexões que poderia suscitar sobre o lugar das mulheres nos espaços de militância no Brasil. O livro remete ao papel das mulheres na universidade e elas, inspiradas em Virginia Woolf, desconfiam do convite feito às mulheres a entrar nesse espaço, que parece um lugar destinado a reproduzir “as fileiras de homens cultos, cheios de horas e responsabilidades”. As entrevistadoras, seguindo Despret e Stengers, afirmam a respeito: “A universidade diz para as mulheres: vocês são bem-vindas, pois este é um espaço democrático, mas desde que não criem problema, não criem caso com essas questões menores.” (BONILLA & ROQUE, 2015)

Muitas questões menores ainda estão por ser pensadas, discutidas e colocadas, tanto nos campos da prática quanto nos espaços acadêmicos. Esta tese, talvez, seja

---

<sup>35</sup> Entrevista realizada por Oiara Bonilla e Tatiana Roque na Revista DR. Disponível em: <https://revistadr.com.br/posts/entrevista-com-isabelle-stengers-e-vinciane-despret-2/>. Acesso em: 6 abr. 2023.

só um começo...

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. *Revista Outra Travessia n. 5*, Ilha de Santa Catarina - 2º semestre de 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 27 dez. 2022
- ALMEIDA, R. Drive-thru do tráfico: Rua em Icarai vira ponto de consumo e venda de drogas. O mercado paralelo também comercializa bicicletas e celulares roubados na região. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 17 de abril de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/um-adolescente-apreendido-por-dia-em-niteroi-por-crime-violento-21857829#ixzz4vpHjuARM>. Acesso em: 26 nov. 2017.
- AMARAL, E. *A cruzada das crianças: constelações da infância à penumbra*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- \_\_\_\_\_. Infância infinitiva: correspondências entre Deligny e Truffaut. *Revista Mnemosine*, V. 13, n 1, Rio de Janeiro:2017. Disponível em: <[www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Revista Mnemosine/article/view/41722](http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Revista_Mnemosine/article/view/41722)> Acesso em: 25 nov. 2020.
- ANDRADE, V. *O muleke e o afrobetizar: Sankofa nos dias de destruição*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ARANTES, E.M. De “criança infeliz” a “menor irregular” – vicissitudes na arte de governar a infância. In: JACÓ-VILELA, A. M.; JABUR, F.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs.). *Clio-psyché: Histórias da Psicologia no Brasil*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.
- \_\_\_\_\_. O que a Antiga Pastoral Cristã da confissão pode ensinar a juizes, psicólogos e assistentes sociais? *Empório do Direito.com.br*, 2016. Disponível em:<https://emporiiododireito.com.br/leitura/o-que-a-antiga-pastoral-crista-da-confissao-pode-ensinar-a-juizes-psicologos-e-assistentes-sociais>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- \_\_\_\_\_. A reinvenção da Roda dos Expostos: arquivo, memória e subjetividade. *Revista Mnemosine* Vol.16, nº2, p. 355-391. Artigos – Parte Geral. UERJ, 2020. DOI: 10.12957/Revista Mnemosine.2020.57668.
- \_\_\_\_\_. Dos livres e dos cativos – Breves apontamentos sobre a história das crianças no Brasil. *Serviço Social em Debate*, [S. l.], v. 5, n. 1, 2022. DOI: 10.36704/ssd.v5i1.6346. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/serv-soc-debate/article/view/6346>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- BONDIA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual

de Campinas, Departamento de Linguística, 2012. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/4929157/82bb64>. Acesso em: 16 mai. 2022.

BONILLA, O.; ROQUE, T. Entrevista com Isabelle Stengers e Vinciane Despret. *Revista DR*. Março 2015. Disponível em: <https://revistadr.com.br/posts/entrevista-com-isabelle-stengers-e-vinciane-despret-2/>. Acesso em: 6 abr. 2023.

BORDO, A.A; SILVA C.H.P.; NUNES, M.; BARBOSA, T.; MIRALHA, W. *As diferentes abordagens do conceito de território*. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/diferentesabordterr.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2020.

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. Brasília, 2009. Disponível em: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf) Acesso em: 9 ago. 2020.

BRASIL. Ministério de Saúde. Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua. Brasília, 2012.

BRASIL. Lei Nº 12.696, de 25 de Julho de 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12696.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12696.htm). Acesso em: 9 ago. 2020.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, 1990.

BRASIL. Resolução Conjunta CNAS/COMANDA Nº1, de 15 Dez. 2016.

BULHÕES, M. Icaraí: Câmeras flagram ação de moradores de rua no bairro. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/en/pol%C3%ADcia/icara%C3%AD-c%C3%A2meras-flagram-a%C3%A7%C3%A3o-de-moradores-de-rua-no-bairro>. Acesso em: 26 nov. 2017.

CAVALARI NETO, R.; BERGER, S. M. D.; SOUZA, J. M. de; LATGÉ, P. K.; MACHADO, M. T. C.; ALVAREZ, M. M. Pobreza e Exclusão Social na Violação de Direitos das Crianças e Adolescentes em Situação de Rua. *Revista Inter Ação*, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 63–76, 2019. DOI: 10.5216/ia.v44i1.55622. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/55622>. Acesso em: 18 fev. 2023.

CESAR, M. *Da adolescência em perigo à adolescência perigosa*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/W5pRYd7ctrGNrLcMvRRTRjk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 mar. 2023.

COELHO, H. Moradores se queixam do aumento da população de rua em Niterói. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 9 de março de 2014. Bairros. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/moradores-se-queixam-do-aumento-da->

populacao-de-rua-em-niteroi-11820639. Acesso em: 13 fev. 2017.

COELHO, O.P. *As crianças são as verdadeiras anarquistas: sobre decolonialidade e infância*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

COELHO, O.P.; BARBOSA, M.C. Anarquismo e descolonização: possibilidades para pensar a infância. In: *Childhood & philosophy*, v. 13, n. 27, p. 335-352. mai/ago. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

COIMBRA, C; NASCIMENTO, M L. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: Geisler, A. R. R.; Abrahão, A. L. e Coimbra, C. (Orgs.) *Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em Saúde*. Niterói: EDUFF, 2008. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/VALPAI>. Acesso em: 08 ago. 2020.

COLLIER, R. Menores pronto para o ataque. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 30 de março de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/en/pol%C3%ADcia/menores-prontos-para-o-ataque>. Acesso em: 26 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Imóvel em Icaraí preocupa a vizinhança. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 14 de março de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/im%C3%B3vel-em-icara%C3%AD-preocupa-vizinhos%C3%A7a> Acesso em: 26 nov. 2017.

COUTINHO, A. L. Apitação contra o crime em Icaraí. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 15 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/apita%C3%A7o-contra-o-crime-em-icara%C3%AD>. Acesso em: 26 nov. 2017.

DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: \_\_\_\_\_. *Clínica e crítica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. O que as crianças dizem. In: \_\_\_\_\_. *Clínica e crítica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. Qué es un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/> Acesso em: 10 set. 2022.

DELIGNY, F. *Lo arácnido y otros textos*. Buenos Aires: Cactus, 2015.

\_\_\_\_\_. *O aracniano e outros textos*. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

\_\_\_\_\_. *Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

\_\_\_\_\_. *Sementes de crápula*. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

\_\_\_\_\_. *Cartas a un trabajador social*. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2021.

\_\_\_\_\_. Jangada. In: *Cadernos de Subjetividade*, 10(15), 89-90, 2013b.

DESPRET, V. *A la salud de los muertos: Relatos de quienes quedan*. Trad. Pablo Méndez. Buenos Aires: Editorial Cactus, ed. 01, 2021.

\_\_\_\_\_. *Habitar como un pájaro: Modos de hacer y de pensar los territorios*. Trad. Sebastián Puente. Buenos Aires: Editorial Cactus, ed. 01, 2022

\_\_\_\_\_. *O que diriam os animais?* Conferência proferida dentro das Grandes Conferências de Liège (Bélgica) em 17 de janeiro de 2013. Disponível em: [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45\\_v.despret.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45_v.despret.pdf). Acesso em: 1 maio de 2023.

\_\_\_\_\_. *O que diriam os animais?* São Paulo: Ubu Editora, 2021.

\_\_\_\_\_. Leitura etnopsicológica do segredo. *Fractal revista psicologia*; v. 23, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4812/4653> >. Acesso em: 9 ago. 2020.

DONZELOT, J.: *La policía de las familias: familia, sociedad y poder*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2008.

\_\_\_\_\_. *A polícia das famílias*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque; rev. téc. J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

DUSCHATZKY, S; COREA, C. *Chicos em Banda*. Los caminos da subjetividade no declive das instituições. Buenos Aires: Paidós, 2013.

FERREIRA, N. *Aspectos Históricos e o Código de Menores de 197: Um olhar sobre a evolução de direitos*. Disponível em: <https://natylua29.jusbrasil.com.br/artigos/468462354/aspectos-historicos-e-o-codigo-de-menores-de-1979>. Acesso em: 18 mar. 2023.

FERREIRA LOBO, L. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

FERREIRA NETO, J. L. *Psicologia, Políticas Públicas e o SUS*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fapemig, 2011.

FOUCAULT, M. "A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade". In: *Michel Foucault, Ditos e Escritos*. Vol. V. Barros da Motta, M. (org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004.

\_\_\_\_\_. Da amizade como modo de vida (entrevista). De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal *Gai Pied*, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do

Nascimento.

\_\_\_\_\_. *El Coraje de la Verdad: El gobierno de si y de los outros II*. Curso em el College de France (1983-1984) 1ª ed. 1ª reimp Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2011.

\_\_\_\_\_. *História de la sexualidad: la voluntad de saber*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores Argentina, 2006.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Segurança, Território, População*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. *Bulletin de la Société française de philosophie*, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de Wanderson Flor do nascimento.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

\_\_\_\_\_. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhet. Petrópolis. Vozes, 1987. 288p.

\_\_\_\_\_. *La hermeneutica del sujeto: Curso em el College de France: 1981-1982-1 ed*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2009.

FRANGELLA, S.; RUI, T. Corpos precários: apontamentos para a relação entre corpo e cidade. *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, [S. l.], v. 1, n. 47, p. 23–38, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/36734>. Acesso em: 17 mai. 2022.

GARCIA, A. L.: Nociones cartográficas en el pensamiento de Fernand Deligny y consideraciones para el campo pedagógico. In: *Convergencias. Revista de Educación*. Vol. 2, n. 4, pp. 91-103. Editorial Facultad de Educación. UNCuyo. Mendoza, 2019.

GONÇALVES, J. *Um estudo qualitativo sobre a circulação institucional de adolescentes em situação de rua em Niterói, Rio de Janeiro: percursos e percalços* / Juliana Maciel Gonçalves. -- 2018. 127 f. Orientadora: Joviana Quintes Avanci. Coorientadora: Liane Maria Braga Silveira. Dissertação (mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2018.

GONDIM, G.; MONKEN, M. Territorialização em Saúde. In: *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/tersau.html>. Acesso em: 8 ago.

2020.

GREGORI, M. *Viração: Experiências de meninos nas ruas*. São Paulo, Ed. Schwarcz Ltda., 2000.

GROS, F. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu editora, 2018.

\_\_\_\_\_. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (orgs.) *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 127-138.

GULASSA, M. *Novos rumos do acolhimento institucional*. São Paulo: NECA – Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010.

GUATTARI, F. *Devir criança, malandro, bicha*. In: *Revolução Molecular*. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1981.

HESS, R.; WEIGAND, G. *A escrita implicada*. Reflexões e Debates. Universidade Metodista de São Paulo, abril 2006.

KAFKA, F. *La construcción de la muralla china*. In: *Frank Kafka Relatos Completos 4*. Buenos Aires: Editorial Losada, 2005.

\_\_\_\_\_. *Narrativas do espólio (1914-1924)*. Trad. e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LANCETTI, A. *A Casa de Inverno. Notas para Desinstitucionalização da Assistência Social*. In A. Lancetti (Org.), *Saúde e Loucura*, 4 (Grupos e Coletivos, pp. 71-84). São Paulo: Hucitec, 1994.

LAPASSADE, G. *El analizador y el analista*. Barcelona: Gedisa, 1979.

LEMKE, T. *Foucault, governamentalidade e crítica*. São Paulo: Politeia, 2017.

LENTA, M. *Niños, niñas e adolescentes en situación de calle: Discursos sobre la infancia y procesos de subjetivación*. Buenos Aires: EUDEBA, 2016.

LORENZINI, D. *Foucault, regimes de verdade e a construção do sujeito* In: *Cadernos de ética e filosofia política*, São Paulo: USP, 2020.

LOURAU, R. *A crítica do simbólico em Fernand Deligny*. In: *Revista Mnemosine*, vol.13, n. 1, p. 293-304. Departamento de Psicologia Social e Institucional/UERJ, 2017.

\_\_\_\_\_. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

\_\_\_\_\_. *Implicação: um novo paradigma?* In: ALTOE, S. (org.) *René Lourau: Analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, (1987/2004<sup>a</sup>)

\_\_\_\_\_. Uma apresentação da Análise Institucional. In: *Analyse Institutionnelle et éducation*. Paris: Université de Paris, 2000. Tradução: Paulo Schneider.

LOUREDO, E.; LATGE, P.; NETO, R. Os de fora. In: *Clínica em origami: Dobraduras entre Saúde Mental e Política*, Rio de Janeiro: Telha, 2021

MEUNIER, J. *Os Moleques de Bogotá*. São Paulo: Ed. Difel/Difusão Editorial S.A., 1978.

MIGUEL, M. O materialismo deligniano - Introdução ao Encontro. In: *Cadernos Deligny*, v. 1, n. 1, p. 7, 2018.

MONCEAU, G. Implicação, sobreimplicação e implicação profissional. *Fractal: Revista de Psicologia* [online]. 2008, vol.20, n.1, pp.19-26. ISSN 1984-0292. Disponível em: [http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922011000100012&script=sci\\_arttext](http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922011000100012&script=sci_arttext). Acesso em: 1 maio 2023.

MOURE, A.; BOGGON, L. Infancia e instituciones. In: *De-construcción de la infancia institucionalizada: mutaciones y devenires*. Apuntes de la Psicología Jurídica. Buenos Aires: JVE Ediciones, 2009.

MOURE, A.; LATGE, P.; MANSUR, J. Os ingovernáveis - A clínica com crianças e adolescentes em situação de rua e seus efeitos na formação em psicologia. In: Rosane Costa, Bárbara Breder Machado e Paula Land Curi. *Psicologia em extensão. Corpos à margem, desafios à formação*. Rio de Janeiro, Grama, 2018.

NITERÓI. Portaria Conjunta SMAS/SMS Nº1/08. Niterói, 27 de novembro de 2008.

O FLUMINENSE. Ocupa Praça reúne crianças em Niterói. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/ocupa-pra%C3%A7a-re%C3%BAne-crian%C3%A7as-em-niter%C3%B3i>. Acesso em: 26 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Imóvel usado como cracolândia é lacrado em Icaraí. *Jornal O Fluminense*. Rio de Janeiro, 22 de março de 2017. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/en/cidades/im%C3%B3vel-usado-como-cracol%C3%A2ndia-%C3%A9-lacrado-em-icara%C3%AD>. Acesso em: 26 nov. 2017.

PELBART, P. Elementos para uma Cartografia da Grupalidade. O Indivíduo, o Comum, a Comunidade, a Multidão (2010: São Paulo, SP). In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento544502/elementos-para-uma-cartografia-da-grupalidade-o-individuo-o-comum-a-comunidade-a-multidao-2010-sao-paulo-sp>. Acesso em: 16 mai. 2022.

PASSETTI, E. *O que é menor*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PILOTTI, F.; RIZZINI, I. *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais*,

da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño, Editora Universitária Santa Úrsula, Amais Livraria e Editora, 1995.

RESENDE, N. *Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny*: trajetos de esquiwa à Instituição, à Lei e ao Sujeito. 2016. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

\_\_\_\_\_. O mapa terrestre antes do mapa celeste - o espaço como comum em Deligny. *Revista Mnemosine*, V. 13, n 1, Rio de Janeiro:2017. Disponível em: </www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Revista Mnemosine/article/view/41720> Acesso em: 25 nov. 2020.

RODRIGUES, H.B.C. *As subjetividades em revolta*: institucionalismo francês e novas análises. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

\_\_\_\_\_. A história oral como intercessor - em favor de uma dessujeição metodológica. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Ano 10, n° 1, Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a13.pdf> Acesso em: 24 mar. 2013.

SCHEINVAR, E. *O feitiço da política pública*: Escola, sociedade civil e direitos da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

SODRE, L.; ALMEIDA, R.; SALLES, S. Um adolescente é apreendido por dia em Niterói por crime violento. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/um-adolescente-apreendido-por-dia-em-niteroi-por-crime-violento-21857829>. Acesso em: 26 nov. 2017.

STENGERS, I. Outra ciência é possível! Um apelo à “Slow Science”. Plano de convergência entre humanismo, pragmatismo e complexidade: Educação, Cultura e Trabalho no século XXI. *Cadernos do Ateliê*. Vol.1, n.5, fascículo 1, 2019. ISSN: 2596-2566. Disponível em: <https://ateliedehumanidades.com/cadernos-do-atelie/> Acesso em: 15 mar. 2023.